

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ICHF -INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCIANA DA SILVA RODRIGUEZ

À FLOR DA PELE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA ATUALIDADE
ATRAVÉS DO USO DE TATUAGEM

NITERÓI

2011

LUCIANA DA SILVA RODRIGUEZ

À FLOR DA PELE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA ATUALIDADE
ATRAVÉS DO USO DE TATUAGEM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Clínica e Subjetividade.

Orientadora: Prof. Dr^a. Teresa Cristina O. C. Carreiro

Niterói
2011

**Ficha
Catalográfica
elaborada pela
Biblioteca Central
do
Gragoatá**

LUCIANA
DA SILVA

R696 Rodriguez, Luciana da Silva.
 À flor da pele: considerações sobre o corpo na
atualidade através do uso de tatuagem / Luciana da Silva
Rodriguez. – 2011.
152 f.
 Orientador: Teresa Cristina O. C. Carreiro.
 Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia,
Departamento de Psicologia, 2011.
 Bibliografia: f. 136-142.

1. Corpo humano; aspecto psicológico. 2.

SILVA RODRIGUEZ

À FLOR DA PELE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA ATUALIDADE
ATRAVÉS DO USO DE TATUAGEM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Clínica e Subjetividade.

Aprovada em 29/09/2011

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreiro - UFF

Prof^a. Dr^a. Jacyara Carrijo Nasciutti - UFRJ

Prof. Dr. Paulo Eduardo Vidal Viana - UFF

Dedico este trabalho aos meus amados
pais e irmã que sempre me apoiaram e
investiram em mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me acompanhar em todos os meus passos. Ter me consolado nos momentos difíceis, me confortado naqueles em que me desesperei e dado paciência nos complicados.

Aos meus pais, Cesareo e Lucia, por terem me dado a vida e terem caminhado junto comigo, participando de cada conquista.

A minha irmã pelas palavras de apoio durante a minha corrida pela finalização deste trabalho.

Aos meus familiares pelos constantes incentivos e torcida pelo meu sucesso. São pessoas que depositaram em mim confiança e esperança de que eu alcançaria os meus objetivos.

Ao meu namorado Rodrigo pela paciência e carinho, com quem dividi em grande parte os incômodos sobre o meu tema e o percurso de escrita.

A Teresa Cristina Carreiro, minha orientadora, pela parceria em trabalhos que somam alguns anos – iniciação científica, monografia e dissertação. A quem tenho como um grande exemplo de trabalho, paciência, polidez e diplomacia e que sempre terei grande estima e profunda admiração.

Aos professores Jacyara Nasciutti e Paulo Vidal pela participação na qualificação e defesa dessa dissertação contribuindo imensamente para a sua confecção com suas colocações.

Aos professores da Universidade Federal Fluminense, que me auxiliaram nesse percurso contribuindo imensamente para o meu aprendizado.

Aos meus amigos queridos, companheiros de todas as horas. Aqueles que me compreenderam quando dizia que era necessário me ausentar dos eventos sociais por causa da tão custosa dissertação.

Em especial a minha grande amiga Déborah a quem tenho eterno carinho, que não apenas me incentivou nessa caminhada como participou ativamente das discussões sobre o tema dessa dissertação, sugeriu bibliografia, me emprestou livros, me apresentou a um dos tatuadores entrevistados, sempre demonstrando muita consideração.

A Denys Melo por ter elaborado e cedido seu desenho para a feitura da capa desta dissertação.

A todos, o meu Muito Obrigada!!!!

RESUMO

RODRIGUEZ, Luciana da Silva. *À Flor da Pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso de tatuagem*. Niterói, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2011.

O corpo sofre na atualidade uma hipervalorização, sendo palco para uma série de manipulações e intervenções, e sede de acontecimentos e fonte de prazer. Sabe-se que o corpo sempre foi suporte para práticas sociais e o tratamento dado a ele corresponde a manifestações de modos de subjetivação próprios a cada contexto sócio-histórico no qual está inserido. Tendo em vista sua centralidade para as subjetivações contemporâneas, apostou-se na tatuagem como um veículo analisador dessas questões. Cresceu o número de estabelecimentos, profissionais e usuários dessa técnica nos últimos anos e este fato chama a atenção, pois as subjetividades em voga hoje prezam o fluido, a velocidade, a mudança, e a tatuagem, em princípio, constitui um processo que remete à permanência. De forma a abarcar esse tema, essa investigação se divide em dois momentos. O primeiro diz respeito a um levantamento bibliográfico sobre o tema, atentando-se ao aspecto socio-histórico-político da problemática do corpo, enfatizando os usos, práticas e saberes que incidiram sobre ele, bem como a produção social também das marcações corporais ao longo do tempo. Soma-se a isso, uma discussão na contemporaneidade sobre as questões do tempo, imagem, visibilidade e os efeitos dessa nova conjuntura na produção subjetiva atual. O segundo momento, diz respeito ao trabalho de campo que consiste em entrevistas semi dirigidas com adultos tatuados e profissionais do ramo. O objetivo é o de investigar concepções, idéias e valores atribuídos à tatuagem atualmente. Através das entrevistas foi possível destacar impressões e demarcar pontos prementes para a análise, identificando aspectos valorizados por este público quanto à utilização da tatuagem como modo de expressão. A perspectiva teórica desta pesquisa é psicossociológica, que concebe os objetos de investigação em sua complexidade e permite articular contribuições de diversas disciplinas para a realização deste projeto, a saber: a história, sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise. As diferentes ferramentas auxiliaram a discussão da problemática do corpo, tendo em vista que se trata de um objeto complexo. Nesse sentido, reconhecemos os limites epistemológicos de cada disciplina, e propomos a criação de um conhecimento que seja multidimensional.

Palavras-chave: corpo, tatuagem, subjetividade e atualidade

ABSTRACT

RODRIGUEZ, Luciana da Silva. Skin Deep: considerations about the body through tattoos using. Niterói, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2011.

The body undergoes an overestimation in the present time, being the scene for a series of manipulations and interventions, and a place of events and a source of pleasure. It has always been the support for social practices and the treatment given to it corresponds to the expression of modes of subjectivity peculiar to each social-historical context in which it is inserted. Considering the centrality of the body for contemporary subjectifications, tattooing was regarded as a research vehicle of these issues. The number of studios, professionals and users of this technique has increased in recent years and this fact is remarkable because the subjectivities in vogue today appreciate the fluid, the speed, the change and tattooing, in principle, is a process which remains. Approaching this theme, the study is divided in two stages. The first one concerns a literature review of the subject that highlights the social, historical and political problematic of the body, emphasizing the uses, practices and knowledge that have focused on it and the social production that has marked this body over time. This stage also highlights a contemporary discussion of the issues of time, visibility and the effects of this new context in the production of the subjectivity. The second one concerns the field work consisting of semi-structured interviews with tattooed adults and professionals working in the area. The objective was to investigate concepts, ideas and values attributed to the tattoo today. Through interviews it was possible to emphasize impressions and relevant points for analysis, identifying important aspects for the public in study who makes use of tattooing as a way of expression. The approach of this research is based on the social psychological theory, which conceives the object of investigation in its complexity and allows articulating different areas for the realization of this project, such as: History, Sociology, Anthropology, Psychology and Psychoanalysis. These contributions improved the discussion for the comprehension of the many and the different views of the body in its complexity. Considering this context and recognizing the epistemological limits of each area, the creation of multiple source knowledge is proposed.

Key words: body, tattoo, subjectivity and present

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 RECORTES HISTÓRICOS E OS DIFERENTES USOS	14
SOCIAIS DO CORPO	
1.1 A relação entre alma e corpo na Grécia Antiga	15
1.2 Uma abordagem religiosa e cristã do corpo	17
1.3 Corpo e Modernidade – emergência de mecanismos diversos de	23
sujeição e subjetivação	
1.3.1 <i>Corpo e Funcionalidade - Processos institucionais de produção e</i>	25
<i>sujeição dos corpos</i>	
1.3.2 <i>Corpo e Pulsionalidade - O crescente controle e autocontrole dos</i>	30
<i>impulsos corporais</i>	
1.4 Corpo da Desmedida – uma tendência hedônica	33
CAPÍTULO 2 NA SUPERFÍCIE DA PELE.....	37
2.1. Produção cultural das marcas corporais: histórias e estórias	37
2.2. Tatuagem: ofício e técnica.....	45
2.3. Tatuagem enquanto campo profissional	48
CAPÍTULO 3 ENTRE LINHAS, CORES E SENTIDOS (...)	52
3.1 Corpo, pele, superfície	54
3.2 Bordas, libido e tatuagem	57
3.3 Dimensões do olhar e endereçamento	59
3.4 Inscrição, escrita e tatuagem	62
3.5 A inscrição e a dor	65
CAPÍTULO 4 CAMPO DE TRABALHO:ESPAÇO DE PROBLEMATIZAÇÃO	68
4.1 Aspectos metodológicos	68
4.2 Construindo possibilidades e sentidos	72
4.2.1 <i>Pele, carne e tinta: tatuados</i>	72
4.2.1.1 <u>Memória no corpo – imagens declaratórias sobre si mesmo</u>	73
4.2.1.1.1 Biografias na pele	74
4.2.1.1.2 Repetição ou Elaboração	79
4.2.1.2 <u>Estética, impacto visual e construção de projeto de tatuagem</u>	83
4.2.1.3 <u>Jogo do mostra-esconde</u>	87
4.2.1.4 <u>Originalidade e exclusividade</u>	89
4.2.1.5 <u>Não fuja da dor</u>	91

4.2.1.6	<u>Escolha de profissionais e estúdios</u>	95
4.2.2	<i>Modos de ser tatuador</i>	98
4.2.2.1	<u>Início da trajetória laboral: autodidatismo e estágio</u>	98
4.2.2.2	<u>A 1ª máquina de tatuar</u>	102
4.2.2.3	<u>Pele: tela viva</u>	103
4.2.2.4	<u>A problemática dos “lambões” e a questão do reconhecimento profissional</u>	105
4.2.2.4.1	Regulamentação da profissão	108
4.2.2.5	<u>Locais para compartilhar e também para competir</u>	112
4.2.2.6	<u>Tatuador- artista e o portador da obra</u>	115
4.2.2.7	<u>Modismo X Originalidade: reconhecimento profissional ou singularidade vivencial?</u>	118
4.2.2.8	<u>Espaço físico, mercado e clientela</u>	122
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
	ANEXO I	143
	ANEXO II	148
	ANEXO III	152

INTRODUÇÃO

Esta investigação consiste em pensar a problemática do corpo e do uso da tatuagem na contemporaneidade considerando o contexto cultural e histórico-político do qual faz parte. Este interesse surgiu a partir de uma experiência pessoal em realizar uma tatuagem há alguns anos, após o término da graduação. Tratava-se de um momento de transição, e coincidência ou não a imagem escolhida foi um conjunto de três borboletas. Metamorfose, transição, liberdade, estas são palavras normalmente associadas à imagem da borboleta. Deixando o clichê de lado, e desconfiando do óbvio, foi num momento posterior a sua feitura que surgiram questionamentos quanto à motivação em depositar uma marca de caráter permanente na pele, sendo que nunca havia demonstrado interesse por tal prática até então. Somou-se a isso a observação quanto ao grande aumento do número de pessoas que se submetem a diversas práticas de manipulação corporal nas últimas décadas, dentre elas a tatuagem.

Num primeiro momento os questionamentos tinham um caráter pessoal, num segundo tempo se ampliava para algo maior. Por que as pessoas se tatuam? O que a tatuagem representa para quem a faz? A tatuagem está a serviço de que? De quais práticas? Por que utilizar a superfície da pele para inscrições de caráter permanente? Qual é o papel do corpo nessas modificações? São inúmeras as perguntas levantadas e a apresentação de um projeto de mestrado foi a maneira encontrada de dar encaminhamento a esse estudo.

A expressão popular “à flor da pele”¹ pareceu uma metáfora interessante para abarcar ao mesmo tempo a problemática do corpo e da tatuagem enquanto inscrição na superfície da pele. Em primeiro lugar ela é uma expressão socializada e habitualmente utilizada para designar e exacerbar sentimentos, que nas suas intensidades tomam o corpo. Ela está presente dentre outras canções na de Zeca Baleiro - “Flor da pele” – e na de Chico Buarque - “O que será (à flor da pele)”. Esta última reforçou a idéia de utilizar essa expressão no título da dissertação. A belíssima letra dessa música destaca a proporção que determinados sentimentos e vivências tomam a ponto de não serem contidas. É algo que necessariamente se revela na superfície da pele.

É justamente este movimento que parece estar em jogo nas modificações corporais. O corpo tem sido suporte para muitos procedimentos. Cresceram o número de técnicas para o cuidado e intervenção do corpo e da modificação do mesmo. Academias inauguram quase que a cada esquina, bem como estúdios de tatuagem e piercing, clínicas de estética, cirurgias

¹ No período de revisão bibliográfica deste trabalho duas produções que tinham em seu título a mesma expressão foram encontradas, a saber: o artigo de Andrea L. P. Fonseca (“A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade”) e o trabalho de conclusão de curso de Débora K. Leitão (“À Flor da Pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos”). Apesar disso, optou-se por manter o uso da expressão já apresentada no projeto de mestrado.

plásticas, lipoaspirações e com isso, muitas pessoas preocupadas em manterem-se magras, jovens, bonitas e saudáveis. Esta preocupação é fortalecida por vários estudos científicos que além de incentivar, oferecem aprimoramento técnico-científico para esses procedimentos. O corpo passa, assim, a ser tanto palco para cuidado como para práticas de modificações corporais, que o redesenham, manipulam, aprimoram e reconstroem (ALMEIDA, 2006).

Quanto às formas de modificações corporais, chama a atenção o número de pessoas que frequentam estúdios procurando as técnicas de piercings², branding³, cutting⁴, stretching⁵ e tatuagens⁶. Estas são formas de manipulação do corpo e em especial da pele, como base para trabalhos considerados por alguns como artísticos. Essa associação estrita com a arte não é consenso na sociedade em geral. Em certa medida pode-se dizer que é um processo em andamento e que está sendo defendido por muitos profissionais e interessados no mesmo.

Muitos desses procedimentos não são “bem vistos” em nossa sociedade. É possível encontrar pessoas que ainda associam essas práticas à marginalidade, por exemplo. Apesar disso, esses procedimentos têm ganhado um espaço cada vez maior. Alguns as entendem como arte sobre o corpo, outros as vêem como horror e acreditam que são marcas estigmatizadoras e circunscritas a alguns guetos ou tribos. O fato é que nas últimas décadas percebe-se esse movimento curioso em relação a essas novas atribuições que envolvem o uso do corpo na sociedade ocidental. Os usos e significações atribuídos a ele e as marcas nele feitas se modificaram ao longo do tempo e tem sido objeto de interesse das ciências humanas em geral. Dentre essas técnicas de manipulação, há um interesse especial em investigar a problemática da tatuagem em nossa sociedade, mais especificamente no Rio de Janeiro.

A feitura da tatuagem é tomada neste estudo como analisadora de questões importantes na atualidade, já que as subjetividades em voga hoje prezam o fluido, a velocidade, a mudança⁷, e essas marcas, como as da tatuagem, constituem um processo que remete à permanência. Há, dessa forma, um paradoxo. Hipotetiza-se que hoje este fenômeno pode estar se configurando como uma resistência ao efêmero tão valorizado em nossa sociedade.

² Inscrição de peças de joalheria, assemelhadas a brincos e argolas, em determinadas partes da superfície do corpo.

³ Inscrição na pele de figuras ou desenhos através de queimaduras feitas com ferro em brasa, podendo ser preenchidas ou não com pigmentos corantes.

⁴ Inscrição na pele de figuras ou desenhos sob forma de cicatrizes em relevo. Costumam ser feitas com o uso de bisturi, mas utensílios cortantes também são utilizados. Podem-se usar pigmentos ou não.

⁵ Corresponde ao alargamento do orifício do piercing com o objetivo de colocar uma peça de joalheria mais volumosa. Normalmente o local escolhido é o lóbulo da orelha.

⁶ Inscrição na pele de figuras ou desenhos na profundidade da derme através de agulhas que injetam tinta.

⁷ Bauman, 2008.

Além disso, vive-se numa sociedade que valoriza a imagem e o tempo imediato. Nesse contexto, o tratamento dado ao corpo inclui essas transformações sociais do contexto mais amplo e com isso, conseqüências às subjetivações atuais. Uma das marcas da contemporaneidade é justamente o corpo à mostra. Ele se torna um corpo-mensagem, que cada vez menos passa despercebido. Ele se apresenta como um meio de comunicação e expressão através do qual o sujeito exterioriza seus afetos e interesses. Inscreve-se na pele a própria história, um sentido específico para o momento em que o sujeito a fez. E esse registro se revela e desvela naqueles segundos em que é visto pelos outros. Encaminha-se um movimento de economia de palavras, onde cabe o dito popular em que uma “imagem valeria mais que mil delas”.

Esse lugar do olhar e ser olhado nos tempos atuais é característica da estetização e espetacularização do corpo, tornando-o mercadoria preciosa que deve ser cuidada para continuar jovem, saudável, produtora infatigável de prazer (SANT’ANA, 2002). Há uma exacerbação do culto ao corpo, pois a imagem corporal tem influência no sentimento de pertença social. Há padrões a serem valorizados; criam-se anseios de se alcançar e se incluir nestes padrões.

Fala-se de uma mudança de uma sociedade de controle-repressão para um controle-estimulação (FOUCAULT, 2006 [1979]). Assim, modos de subjetivação são construídos, de forma a se alcançar sensações de prazer, status, reconhecimento social, através principalmente do consumo de bens, que se volte para a estética corporal. Necessidades são criadas e a experiência de sua imprescindibilidade aparenta vir de cada indivíduo. Há transformações nas formas de poder, que não mais são exercidas pela repressão, mas pela produção contínua de novas estimulações.

Sendo assim, articular a problemática do corpo e a questão da visibilidade na contemporaneidade, pensar o corpo como uma superfície onde se inscrevem marcas que enfatizam essa visibilidade contemporânea, problematizar o aumento do número de demandas para a feitura de tatuagens e investigar concepções, idéias e valores atribuídos à tatuagem atualmente são linhas que conduzem essa investigação.

Esta proposta exige mergulhar em alguns pontos da história para melhor compreender as bases que permitiram sua nova configuração nos dias atuais. O ato de cobrir o corpo é uma prática presente como regra social em quase todas as culturas (CASTRO, 2007). O nu é trabalhado em diferentes culturas com tecidos, com pedras, com pinturas, tatuagens ou escarificações. Nesse sentido, o sistema de valores próprios a cada cultura dá significações ao corpo e aos usos que dele se faz, específicos. O corpo é uma construção sobre a qual são

conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos. Sendo assim, não é algo dado a priori, nem mesmo é universal, ele é produto e produtor do meio, é provisório, e suscetível a inúmeras intervenções segundo as leis, códigos morais de cada cultura, o desenvolvimento científico e tecnológico e as representações e práticas de significação atribuídos a ele.

De modo a abarcar essa discussão, essa pesquisa apresenta dois eixos. O primeiro diz respeito a um levantamento bibliográfico sobre o tema, atentando-se ao aspecto socio-histórico-político da problemática do corpo, enfatizando os usos e práticas e saberes que incidiram sobre ele, bem como a produção social também das marcações corporais ao longo do tempo. Soma-se a isso, uma discussão na contemporaneidade sobre as questões do tempo, imagem e visibilidade e os efeitos dessa nova conjuntura na produção subjetiva atual.

O segundo momento diz respeito ao trabalho de campo que consiste em entrevistas semi dirigidas com adultos tatuados, atentando-se para a questão de gênero, em estúdios de tatuagem no Rio de Janeiro e profissionais do ramo. O objetivo é o de investigar concepções, idéias e valores atribuídos à tatuagem atualmente. Através das entrevistas é possível destacar impressões e demarcar pontos pregnantes para a análise, identificando aspectos valorizados por este público quanto à utilização da tatuagem como modo de expressão.

A perspectiva teórica desta pesquisa é psicossociológica (CARRETEIRO, 2001), que concebe os objetos de investigação em sua complexidade e permite articular contribuições de diversas disciplinas para a realização deste projeto, a saber: a história, sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise. As diferentes ferramentas auxiliam a discussão da problemática do corpo, tendo em vista que ele é um objeto complexo (MORIN, 1996). Se reconhece os limites epistemológicos de cada disciplina, e propõe-se a criação de um conhecimento que seja multidimensional.

No primeiro capítulo dessa dissertação é feito um apanhado histórico de forma a compreender quais discursos, modos de fazer e sentir, o corpo comportava em diferentes momentos da história ocidental. Destaca-se a relação entre alma e corpo na Grécia Antiga; a abordagem religiosa cristã do corpo; uma discussão sobre o corpo funcional e pulsional na modernidade e; uma breve problematização sobre novas produções subjetivas que encaminham uma visão do corpo como desmedida e fonte de prazer, que deve ao máximo ser valorizada, incentivada.

O segundo capítulo abarca o aspecto cultural e histórico das produções das marcas corporais fazendo uma diferença na apropriação dessas práticas no ocidente. Através de uma perspectiva sócio-histórica apresentam-se as representações sociais acerca dessas marcações,

bem como o fato da tatuagem ter sofrido não apenas modificações na técnica, mas de aceitação social. Aponta-se para o aumento exponencial do número de estúdios nas duas últimas décadas, a ênfase na especialização do serviço e a aproximação cada vez maior dos estúdios, no aspecto físico, com preocupações como higiene, esterilização, materiais descartáveis.

No terceiro capítulo discutem-se as produções subjetivas atuais que enfatizam uma série de procedimentos quanto a cuidados corporais e modificação do mesmo, bem como sua popularização. Partindo do pressuposto de que o corpo tem sua instrumentalidade social, mas que não é puro reprodutor dessas práticas sociais, se aposta num corpo onde agenciamentos são possíveis e sua potência criativa pode ser destacada. A feitura de tatuagens implica numa vivência sensorial que envolve dor e prazer, através da manipulação da pele. Por isso, aborda-se brevemente, com o auxílio da psicanálise, a pele enquanto superfície que recebe inscrições, a sensibilização de novas zonas do corpo e o traçado pulsional que se instaura, a dimensão de escrita que a tatuagem comporta, a questão do endereçamento e do olhar envolvidos e por último, a relação dor e prazer envolvida na tatuagem.

O quarto capítulo consiste na pesquisa de campo deste trabalho, em que se investigam concepções, idéias e valores atribuídos à tatuagem atualmente através de entrevistas semi-dirigidas com jovens adultos e com profissionais do ramo de tatuagem. Ao que concerne aos entrevistados tatuados, destaca-se o aspecto biográfico que as tatuagens têm para alguns; o caráter acessório que elas tomam para outros; o movimento de exhibir e esconder atrelado a prática da tatuagem; a relação com a exclusividade e originalidade dos desenhos; a dor envolvida no processo; e a relação que se estabelece com os estúdios e profissionais.

No que se refere aos tatuadores, destaca-se o início da carreira, a entrada no mercado de trabalho, a profissionalização, as peculiaridades em tomar a pele enquanto tela para o que denominam de trabalho artístico. Quanto a este último aborda-se a relação dos profissionais com a arte, os trabalhos exclusivos e a questão da propriedade da “obra”. A regulamentação da profissão e a necessidade de diferenciar profissionais e amadores também são fatores que tiveram destaque.

Por fim, algumas breves considerações são tecidas a partir da investigação realizada.

CAPÍTULO 1

RECORTES HISTÓRICOS E OS DIFERENTES USOS SOCIAIS DO CORPO

"O 'corpo humano' encobre um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais..."
(Richard Sennett, 2003, p.22)

Atualmente é comum assistir ao corpo sendo tomado como objeto de estudos de diferentes áreas. Fato este possível pela evidência que ele toma na contemporaneidade, tendo em vista que sofre exigências de altos rendimentos, e é coagido a se aperfeiçoar segundo padrões de estética e de performances. Nesse contexto, faz-se importante o estudo deste fenômeno, porém entendido como um objeto complexo (MORIN, 1990), reconhecendo desta forma os limites epistemológicos de diferentes disciplinas – história, sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise – e apostando numa discussão que seja multidimensional.

O tratamento dado ao corpo corresponde a manifestações de modos de subjetivação próprios a cada contexto sócio-histórico em que está inserido. E atualmente ele ocupa um lugar privilegiado na sociedade ocidental, refletindo os modos de ser do contemporâneo (CARRETEIRO, 2007). Nessa direção, entendemos o corpo como um suporte privilegiado para pensar a sociedade e as produções subjetivas atuais, sendo reflexo de modos de ser construídos sócio-historicamente. Ele é superfície para inscrições histórico-sociais importantes. O corpo e seus diferentes usos refletem aspectos culturais, bem como construção de representações sociais.

Sendo assim, pensar o corpo na atualidade é entender a rede de significados atribuídos a ele segundo o contexto sócio-histórico do qual faz parte. Faz-se necessário, portanto, destacar pontos pregnantes nas formas de sentir no contemporâneo e ao mesmo tempo retornar, mesmo que breve, à história e sociologia de forma a compreender as bases que permitiram sua emergência e as práticas que deram suporte para seu estabelecimento.

1.1 A relação entre alma e corpo na Grécia Antiga

A dicotomia existente entre corpo e alma integra problematizações para filósofos desde a antiguidade. Talvez por questões míticas ou religiosas esse composto se apresenta comumente como duas partes distintas e separadas: o corpo, como materialidade, uma ordem física; e a alma, como espírito ou intelecto.

Na Grécia antiga, essa distinção era bem delimitada pelas próprias práticas e organização social. Aristóteles (apud SILVA e GARCIA, 2001) apontava que o convívio dentro das pequenas comunidades gregas se dava por uma relação entre comandante e comandado. Para ele, cada indivíduo tem em si mesmo dois elementos fundamentais que o definem como um ou outro, justamente o corpo e a alma.

Essa posição de comandante impunha que a alma deveria comandar o corpo e não o contrário. Dessa maneira, aqueles que necessitassem do esforço corporal para manter a sua subsistência ou fosse obrigado a fazê-lo para um outro não seria um indivíduo livre. Na Grécia Antiga, o trabalho era entendido como a atividade dos que haviam perdido a liberdade (escravos e prisioneiros etc.), e estes carregavam o fardo social da falta de independência uma vez que não podiam participar da vida pública e assim, fazer parte da polis.

Na verdade, a utilidade dos escravos pouco difere da dos animais; serviços corporais para atender às necessidades da vida são prestados por ambos, tanto pelos escravos quanto pelos animais domésticos. A intenção da natureza é fazer também os corpos dos homens livres e dos escravos diferentes - os últimos fortes para as atividades servis, os primeiros eretos, incapazes para tais trabalhos, mas aptos para a vida de cidadãos..." (ARISTÓTELES, 1985, p. 19 apud SILVA e GARCIA, 2001)

Esta forma de constituição da sociedade grega aponta para uma preocupação no sentido de distinguir os indivíduos inferiores dos superiores, ou seja, aqueles aprisionados ao corpo e os indivíduos considerados livres. A escravidão, considerada como uma situação de inferioridade, neste contexto era um elemento que não promovia a emancipação do homem do ato de laborar. Não havia nenhum tipo de contradição, nas mentes dos indivíduos gregos, entre “liberdade” para alguns e “falta de liberdade” para outros. Não existia a noção de que todos os homens nascem livres. Assim, o trabalho físico – labor –, por seu caráter servil e humilhante, se destinava aos escravos.

...portanto, todos os homens que diferem entre si para pior no mesmo grau em que a alma difere do corpo e o ser humano difere de um animal inferior (e esta é a condição daqueles cuja função é usar o corpo e que nada melhor podem fazer), são naturalmente escravos, (...) (ARISTÓTELES, 1985, p. 19 apud SILVA e GARCIA, 2001)

Essas atividades servis eram consideradas como uma forma de aprisionamento do corpo. O próprio conceito de homem se relacionava às idéias de corpo e alma, nesse período. Era difundida a frase de Platão que anunciava: “corpo são, mente sã”. Essa frase já indicava uma dicotomia e interdependência entre os termos.

Platão dividia o mundo em dois planos: o plano divino constituído por Idéias, lugar dos modelos superiores; e o plano dos corpos sensíveis, mundo terreno das aparências, lugar dos fluxos, das mudanças e devires. A relação entre esses dois planos é estabelecida pelo desejo e pelo pensamento, onde há um corte. Para Platão, se os corpos e o desejo dos corpos pertencem ao mundo do devir, o pensamento, ao contrário, é propriedade da parte racional e permanente de nossa alma, com origem divina e, portanto imortal.

Platão apresenta uma hierarquia moral entre mente e corpo, difunde uma visão negativa do corpo como o lugar das paixões desenfreadas e da “desmedida”. Ele aponta que somos bons quando a **razão** governa, e maus quando dominados pelos **desejos**. O desejo mundano tem por objeto os corpos corruptíveis, mas o objeto do pensamento, aquilo que o pensamento deseja, é a Idéia eterna e verdadeiramente real. O corpo saudável é aquele que obedece às ordens ditadas pela alma racional, há de se libertar dos prazeres corporais para alcançar um equilíbrio. As doenças seriam decorrência, ao contrário, do desequilíbrio dos elementos no corpo e das imagens na alma (FUGANTI, 1991).

Por um lado, Platão apresentava a relação corpo-alma de forma negativa. A alma seria prisioneira do corpo e dos sentidos. Nesse pensamento, o corpo seria a limitação da alma, e a morte corresponderia a libertação desse corpo. De outro, apresentava uma visão positiva da relação corpo-alma, sugere uma espécie de parceria, em que o corpo torna possível a mediação entre o mundo sensível e o mundo das idéias.

Coexistem, portanto, diferentes perspectivas na Grécia Antiga quanto à noção de corpo. Ao mesmo tempo em que a liberdade dos homens e a participação na polis dependia da não necessidade de esforço físico corporal (direcionado prioritariamente ao trabalho), o corpo era também cuidado e enaltecido tendo em vista que ele é o suporte por onde os homens livres vão pensar o mundo e expor suas idéias e inclusive defender seu território.

Os jovens frequentavam ginásios na última etapa da adolescência. Nesse local, além de modelarem seus corpos, cuidarem dos músculos e desenvolverem força e agilidade, eles também se “*adestravam no uso das palavras, essencial à sua participação democrática na cidade*” (SENNETT, 2003, p. 45). A idéia era a de equilibrar os poderes em seus corpos, onde cabe a idéia platônica de “corpo são, mente sã”. O ginásio ateniense ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a polis, e que pertencia à cidade. Sendo assim, um rapaz

forte, tornaria-se um bom guerreiro e uma voz bem projetada, firme e com bons argumentos garantiriam sua participação nos negócios públicos.

Segundo o historiador de arte Kenneth Clark (apud SENNETT, 2003), entre os antigos gregos o corpo desnudado mostrava quem era “civilizado”, distinguia aqueles que cuidavam de seu corpo e mente. “*O ato de exibir-se apontava a dignidade de ser um cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez*” (SENNETT, 2003, p. 30). E aqui, chama a atenção o fato da própria palavra “ginásio” derivar da palavra grega “*gummoi*” que significa “*totalmente desnudo*”.

Os homens helênicos não se envergonhavam de exibir-se despidos em jogos e danças, ao contrário, gostavam de se admirar. Essa dedicação especial ao corpo além de caracterizar um sentimento de pertença social, desenvolver habilidades para soldados fortes e resistentes, entrava em jogo também uma busca divina. A atividade física permitia aos gregos conquistar corpos mais próximos à “perfeição”, fator que poderia aproximá-los aos deuses. Estes apesar de semelhantes aos homens em virtudes e defeitos eram dotados de imortalidade e de força, velocidade e beleza superiores. Sendo assim, desejar um corpo belo, forte e rápido se constituía como forma de elevar o corpo e o espírito a uma condição superior.

Sendo assim, a relação que se estabelece entre alma e corpo está intimamente ligada à configuração e organização social da Grécia Antiga. O corpo é tomado nesse período como um veículo para a alma. E nesse sentido deve também ser cuidado e exercitado.

1.2 Uma abordagem religiosa e cristã do corpo

Como foi visto anteriormente, a relação que se estabelece entre alma e corpo é pensada e problematizada levando-se em consideração justamente a *contraposição* à noção de alma. Em termos gerais, essa relação corpo-alma tem influências diretas na constituição do pensamento ocidental cristão. Essa ética da superioridade da razão, do espírito em relação ao corpo foram incorporadas pela teologia cristã ainda na Roma Imperial (Séc. III d.C.), período em que o cristianismo começa a ganhar status de prestígio e de poder entre as classes dominantes da época. Não somente, antes disso, a imagem do corpo como lugar suscetível a “contaminação moral” já era fortemente mobilizada pelos moralistas “pagãos” das classes superiores da época helenística ao reinado de Justiniano em Roma.

Segundo Durkheim (2003), na maior parte das religiões primitivas, a idéia de alma vai apresentar um conjunto de características distintivas da noção de corpo: exterior ao corpo;

imaterial; distinta e independente; existência autônoma; princípio que anima a vida do corpo (DURKHEIM, 2003). Além disso, essa distinção entre alma e corpo engloba uma avaliação *qualitativa*, ou seja, existe uma hierarquia valorativa entre alma e corpo, onde a primeira ocupa uma condição necessariamente “superior” em relação a segunda noção. E mais, essa distinção valorativa deriva de uma distinção hierárquica mais geral expressa na divisão antitética do mundo entre o sagrado e o profano. É essa distinção entre estes dois termos que vai se configurar como pano de fundo moral e lógico existente nas crenças religiosas (DURKHEIM, 2003).

A Grécia e Roma Antigas apresentavam cultos a ídolos com a finalidade de acalmar as forças místicas do mundo. Esses ídolos inspirados na natureza, tais como a água, o raio, o fogo, o vento, eram representados como seres divinos, que explicavam ao homem a sua origem e os eventos naturais que ele não compreendia. Essa religião politeísta representava as divindades sob forma física humana. Eles também apresentavam características subjetivas humanas como ciúme, inveja, vingança, rancor, e do mesmo modo, benevolência, respeito, coragem e senso de justiça. Porém, apesar de sua aparência física humana, os deuses eram superiores aos homens, e esta superioridade era o que os distinguiu. Os deuses eram grandes, tinham beleza incomparável e força extrema; apresentavam poderes “sobrenaturais”; imortalidade. Além disso, havia a necessidade de que pudessem ser vistos e reverenciados como protetores e cheios de vida. Sendo assim, todos os espaços voltados para a política eram compostos por imagens em mármore dos deuses que os fortaleceriam e protegeriam. Também, por uma questão de organização espacial, os tribunais e os lugares de reuniões políticas eram construídos ao lado templos em homenagem a deuses. Tratava-se de algo necessário para manutenção da estrutura da pólis e da ordem social:

... “acreditar nos deuses” significava em primeiro lugar não tanto um ato espiritual de fé ou respeito teológico, mas uma sensação imediata de se pertencer à comunidade política e equivale a ser-se cidadão. (VEGETTI, *apud* VERNANT, 1994: 252)

O cuidado e o exercício oferecido ao corpo e à imagem portanto, aproximavam os cidadãos dos deuses. Aos poucos esses cuidados foram deixando de ser atrelados às crenças religiosas tradicionais, mas o modelo passou a ser o próprio homem, qualificado como “medida de todas as coisas”, tese defendida pelos sofistas. O equilíbrio, questão fundamental para Platão seria conquistado dessa forma, pela manutenção do bem estar do corpo e espírito.

Com a tomada do território grego pelos romanos por volta do século II a.C, apesar da continuidade da cultura helenística não ter sido rompida, os romanos substituíram a democracia por regimes aristocráticos e por volta do século IV d. C. o Império Romano se apresenta oficialmente como regido pelo Cristianismo, perspectiva religiosa que apesar de ter herdado e manter alguns aspectos dos cultos politeístas, instituiu uma nova organização social e representacional do corpo e do cuidado.

Derivado do judaísmo, o cristianismo cresceu rapidamente em tamanho e influência dentro de pouco tempo. Ele prega a existência de um único Deus, onipresente, onipotente e onisciente e que Jesus Cristo, seu filho, veio ao mundo terreno para salvar os pecadores, libertá-los através da sua morte na cruz e da sua ressurreição. É a partir dessa figura, que Deus deu aos humanos a possibilidade de salvar corpo e alma (GÉLIS, 2008). Sendo assim, o corpo tornou-se uma referência permanente para os cristãos. O corpo, como estrutura que constitui fundamentalmente o ser humano, seria obra-prima da criação divina, feita a sua imagem e semelhança.

Neste momento, aparecem questões importantes em volta do corpo, como o sofrimento e as paixões e o cuidado e respeito com o corpo como gesto de fidelidade ao ato de criação divino. Dessa forma, vê-se consolidar outras percepções e preocupações acerca do corpo.

Entre os séculos V e XV, estabelece-se a grande supremacia da Igreja Católica na sociedade ocidental. E nela é possível observar não apenas a dicotomia alma e corpo, mas a necessidade de controle do corpo e de ter suas paixões contidas, como herança da filosofia platônica. Essas idéias não apenas estavam presentes como também eram difundidas pela igreja.

O clero detinha grande poder junto ao rei e a sociedade em geral. Esse poder devido ao seu prestígio social representava um importante instrumento de “contenção” e “intimidação” das demais classes. A igreja por muito tempo apaziguou tensões e revoluções, retardando ao máximo as transformações geradas pelas pressões sociais da época através de sua doutrina, seus valores e seu sistema de punições. Ela pregava que o lucro representava a ruína da alma e que o bem espiritual deveria vir em primeiro lugar. No entanto:

A igreja foi a maior proprietária de terras no período feudal. Homens preocupados com a espécie de vida que tinham levado e desejosos de passar para o lado direito de Deus antes de morrer, doavam terras à Igreja; outras pessoas, achando que a Igreja realizava uma grande obra de assistência aos doentes e aos pobres, desejando ajudá-la nessa tarefa, davam-lhe terras; alguns nobres e reis criaram o hábito de, sempre

que venciam uma guerra e se apoderavam das terras do inimigo, doar parte delas à Igreja (...) (HUBERMAN, 1979, p. 22)

Dessa maneira, a igreja detinha grande parte das terras, aumentando-a progressivamente e com isso ampliava também o seu poder e influência sobre os outros. Através dele reforçava a idéia de um corpo sacralizado, identificado com o corpo religioso – cristão (DAMBROS, CORTES, JAEGER, 2008).

O corpo humano seria “tenda” onde se manifestaria a glória de Deus. Não é templo construído por mãos humanas, mas criada diretamente pela força da Palavra de Deus (Gn 1,26). Todo o Cristianismo constrói sua concepção teológica a partir do corpo humano. “[...] *Acaso ignorais que vosso corpo é templo do Espírito Santo que mora em vós e que recebestes de Deus? [...] Então, glorificai a Deus no vosso corpo*” (I Cor 6: 18).

Além disso, no primeiro livro das Escrituras Sagradas tem-se que:

Também disse Deus: façamos o homem a nossa imagem conforme a nossa semelhança; tenha ele o domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn, 1:26-27)

Ao mesmo tempo em que se verifica um movimento de exaltação do corpo primeiro como imagem de Deus e também como Sua morada, encontra-se passagens em que a visão de corpo sofredor é bastante destacada, principalmente a partir de Cristo:

O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado. Jesus, o Filho, está presente no mundo por seu percurso humano. Ele nasceu nesta Terra, viveu e morreu consumando no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo à perseguição, para salvar os pecadores. Da encarnação à ressurreição é sempre do corpo que se trata, do corpo de um Deus de amor que aceitou sacrificar-se, antes de voltar ao céu por esta seqüência última, a ascensão. “O cristianismo foi instituído sobre a perda de um corpo, a perda do corpo de Jesus...” O cristocentrismo que apareceu na Idade Média foi acentuado pelos padres conciliares reunidos em Trento, quando colocaram Cristo no centro da pastoral da salvação, conferindo a cada etapa de sua vida na Terra, principalmente à sua paixão, uma dimensão cultural essencial. (GÉLIS, 2008, p. 23)

Sendo assim, as idéias sobre o corpo eram glorificadas através do corpo sofredor de Cristo. Em sua Paixão é enfatizado o fato de ter sido objeto das piores humilhações e castigos extremamente dolorosos para um ser humano.

... levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a corte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e na mão direita um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, cuspido nele, tomaram o caniço, e davam-lhe com ele na cabeça. (Mt 27: 27-30)

Esse excesso de dores tinha exatamente o propósito de trazer salvação aos homens. Nessa perspectiva o corpo é um suporte também para o pecado e sua redenção se daria pelo enaltecimento do sofrimento.

... assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque pecaram. (Rm 5:12)

[...]

Que diremos pois? Permaneceremos no pecado para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? (...) sabendo isto, que foi crucificado com ele o velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos. (Rm 6:1-6)

Ao corpo era destinado o jejum, a flagelação, dentre outras práticas, de forma a afastar a tentação e os pecados dos homens. A idéia posta nesse contexto é a de que o corpo seria o principal obstáculo para chegar a Deus, mas também poderia operar a sua salvação, tornando-o “*um vetor de um procedimento sacrificial*” (GÉLIS, 2008, p. 55). Tomando o corpo como lugar do pecado, do demoníaco, campo dos prazeres inferiores, a punição do corpo era necessária para garantir a salvação da alma. Era a purificação que estava em jogo. Não era ingênua a ênfase no Cristo sofredor, ou o porquê a imagem mais representativa do Cristianismo seja a Cruz em que foi sacrificado.

Quanto à questão do corpo enquanto sede do pecado aparece desde o início no livro sagrado, através do pecado original.

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si (Gn 3:6-7).

É nesse momento em que aparece nas escrituras o sentimento de vergonha e a necessidade de se tapar a genitália. “*Fez o Senhor Deus vestimentas de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu*” (Gn 3:21). Outro trecho que também aponta para a nudez como um problema é o fato de uma das práticas de humilhação de Jesus ter sido o seu desnudamento em sua Crucificação.

Aqui fica marcada uma grande diferença em relação à Idade Clássica, onde o nu

recebia uma conotação completamente distinta⁸. Nesse âmbito inclui-se a sexualidade e o controle dos desejos carnis. É imposto que homens e mulheres de respeito e tementes a Deus tampem seus corpos. Ao que toca ao corpo da mulher principalmente, tendo em vista que ela por muito foi considerada como morada da tentação e do pecado.

Segundo Gélis (2008):

Para comungar com Deus, fundir-se com Cristo, os místicos impõem-se uma terrível ascese: o corpo era o principal alvo desses homens e dessas mulheres para os quais tudo devia ser sacrificado em busca da salvação. Mas esse corpo debilitado pelos repetidos jejuns, castigado pelos cilícios, dilacerado pela disciplina, só excepcionalmente era revelado. Era uma questão particular entre o indivíduo e seu corpo, uma prova desejada por Deus que exigia mais do que discrição, exigia segredo. (p. 126, Grifo nosso)

Sendo assim, o corpo, no âmbito religioso ocupava lugar de subordinação, sendo alvo de punição e de regulação, já que era considerado sinal de pecado e degradação e para isso deveriam passar por práticas de purificação. *“Domar a própria carne é antes de tudo infligir-se uma feroz disciplina”* (GÉLIS, 2008, p. 55).

Com tudo isso, durante o período Medieval, muitos tabus foram endossados pela Igreja no que toca o corpo e seu conhecimento. Eram inúmeras as proibições e vasta a lista de punições. A culpa e a vergonha foram sentimentos que ocupavam um lugar central nas relações sociais da época.

Esse foi também o momento em que diversos manuais de etiqueta e normas de conduta foram estruturados. Norbert Elias (1993) interessado em analisar as mudanças gradativas do comportamento dos indivíduos nesse período se debruçou sobre o tratado de boas maneiras escrito por Erasmo de Rotterdam que se dirigia as classes altas. Atendia dessa maneira às necessidades da nobreza provinciana de se informar sobre o comportamento na corte. O que estava em jogo era se diferenciar das demais classes.

O referido autor (1993) ao apresentar, a partir desse estudo histórico, as modificações das estruturas de emoções presentes em classes sociais desde a Idade Média, aponta uma mudança social em curso na Europa: a contenção e moderação das paixões. Ele afirma a existência de um vínculo entre “alto grau” de civilização do comportamento e formação da ordem hierárquica (no caso do século XVII, o surgimento do governo absolutista). Em meio a esse novo contexto, as cortes das autoridades centrais tornaram-se fonte e origem de modelos de comportamento padrão. Ele estuda a mudança de sentimentos e atitudes humanas, assim

⁸ Ver tópico anterior.

como a constituição de regimes de condutas e sentimentos – maneiras à mesa, controle dos impulsos, regras de etiqueta, sentimentos de delicadeza, sentimentos de vergonha e culpa – como códigos de comportamento social que vão se traduzir em uma economia psíquica coletiva. Sua tese é de que a vida emocional do indivíduo é modelada institucionalmente, isto é, o código social de conduta é o elemento constituinte do indivíduo.

Elias (1993) atesta que durante o período medieval o controle social das ações cotidianas era menor em comparação com a modernidade. Aos poucos o sentimento de vergonha foi se apoderando das pessoas, exercendo um controle nas ações na presença de seus pares. Para o autor, “*o sentimento de vergonha é evidentemente uma função social modelada segundo uma estrutura social*” (ELIAS, 1993, p. 143).

1.3 Corpo e Modernidade – emergência de mecanismos diversos de sujeição e subjetivação

Essa transição para o período chamado de modernidade foi um longo e lento processo. Muitas transformações de costumes foram instituídas e deram destaque as camadas sociais mais altas. Como dito anteriormente, esse processo evidenciava o interesse em distinguir os estratos da sociedade. Conseqüentemente se estabeleceu uma separação entre aqueles que incorporaram esses costumes ditos “nobres” e aqueles que não acompanharam essas mudanças, marcando as diferenças econômicas e sociais.

Obviamente essas mudanças de comportamento não foram as únicas nessa transição. Elas acompanham a do contexto mais amplo e outros aspectos podem ser observados nessa passagem.

Com as modificações em relação ao sistema feudal, que abriu espaço para novas configurações em relação ao mercado e a implantação do capitalismo, observou-se a emergência de um novo conjunto de preceitos religiosos diferentes do existente na Idade Média. Já havia um movimento em que se instaurava uma sociedade que valorizava o lucro como relação social e de trabalho. A igreja, por sua vez, também passou a se posicionar de uma maneira diferente.

Durante a Idade Média a Igreja Católica acumulou muitas riquezas e isso conferiu a ela muito poder. Ela interferia nas decisões políticas e se distanciava do que ela própria doutrinava. Muitas vezes caindo em contradição entre o que pregava e as atitudes que tomava, gerou insatisfação, inclusive da burguesia ascendente, que se indignava com a condenação da

igreja quanto a acumulação de capital, embora ela própria o fizesse. Outro fato importante é que o sistema feudalista estava dando lugar às monarquias nacionais. Estas começavam a despertar na população o sentimento de pertencimento, fato esse que colocava a Nação e o Rei acima dos poderes da Igreja.

O conjunto desses fatores constituiu a base para que Martinho Lutero propusesse uma reforma religiosa, intitulada Reforma Protestante. Ela foi interessante ao servir também aos interesses da burguesia ascendente que necessitava de uma religião que a redimisse dos pecados da acumulação de capital.

Essa reforma no século XVI deu subsídios para a modificação da visão sobre o trabalho e o esforço corporal e com isso, a idéia de que é preciso manter a saúde do corpo e preservá-lo o maior tempo possível. Essa aspiração de prolongamento da vida não está de acordo com a visão pregada anteriormente de que o sofrimento corporal levaria a redenção.

A principal diferença que se adivinha na abordagem do catolicismo clássico e do protestantismo é que este último oferece àquele que se encontra numa situação difícil conforto nas angústias e possibilidades de superar as dificuldades. A tese envolvida é a de que é possível dominar o próprio corpo e extrair dele o máximo para sua superação.

Longe de ser um lugar de perdição, o corpo, ao contrário, é fonte de expansão (GÉLIS, 2008), de potência. Ele não deve ser, dessa forma, nem desvalorizado nem constrangido, não precisa de sofrimentos físicos ou morais, deve na verdade, se manter saudável e preservado pelo maior tempo possível, tornando-se útil à sociedade.

Como refere Durkheim (2003), a religião representa uma imagem da sociedade. Ela aponta um ideal formulado pelo homem, porém este ideal tem suas raízes fincadas na realidade. Ela, portanto, advém de uma criação coletiva e por isso conserva e reforça, através de suas crenças, ritos e símbolos, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que são, em última instância, sentimentos e idéias da própria sociedade.

Até meados do século XVIII todas as instituições da sociedade, inclusive as indústrias mantinham uma postura religiosa, e nesse momento o trabalho não se encontrava mais a serviço da purgação e da culpa. Ele privilegiava um meio de produção que unificava as pessoas em prol de um objetivo comum: o sentimento de pertencimento a uma cidade.

Aos poucos, a prioridade da burguesia sobrepujou as exigências da Igreja, e com isso a substância espiritual enfraquece. Seu declínio fica bem destacado a partir da Revolução Francesa. Gondar a respeito do posicionamento do homem nesse período diz:

O homem torna-se senhor da natureza, fundamento da moral, base de uma nova sociedade autorizada pela razão e construída sobre princípios materialistas positivos. Trata-se de um imenso giro de caleidoscópio, trazendo consigo uma configuração totalmente diversa das ações humanas: o que anteriormente servia para a glorificação de Deus encontra agora no próprio homem o seu propósito. (GONDAR, 1990)

Na interpretação cristã o trabalho e o esforço seriam o meio para se alcançar alguma outra coisa, que está além do próprio trabalho: seria o fortalecimento do espírito e agrado a Deus. Entretanto como o peso foi colocado sobre o homem, o trabalho não se encontra mais separado deste, mas sim vai ser considerado como parte da própria natureza humana.

É nessa direção, que na Idade Moderna o corpo passa a ser objeto da ciência, com uma abordagem mais funcional, segundo os avanços da anatomia e fisiologia. Essa nova preocupação facilita e dá subsídios para enfatizá-lo como um corpo de trabalho. A Revolução Industrial, expressão ideológica do capitalismo industrial, no século XVIII, atesta e reforça essa concepção. O corpo passa a ser concebido como força de trabalho, e o que é possível de produzir, numa realização *“racional, intensiva, máxima, em termos econômicos”* (MACHADO, 2006, p. XVII). Para que o corpo seja tomado como um corpo de trabalho outros mecanismos de dominação são necessários para o exercício de poderes e formulação de novos saberes (FOULCAULT, [1979] 2006).

1.3.1 Corpo e Funcionalidade - Processos institucionais de produção e sujeição dos corpos

O corpo está e sempre esteve sujeito a processos de subjetivação diferenciados, conforme a cultura e as condições históricas das sociedades. Assim, o corpo torna-se o alvo de conhecimento e de tecnologias de saber e poder que incidem sobre ele, modelando-o conforme os imperativos de normalização vigentes na sociedade.

Se formas de vivenciar, ver e sentir o mundo se constroem a partir de embates e conflitos de forças e jogos de poder de um tempo e de um espaço, elas se constituem como complexas, heterogêneas e mutantes. Não há desta forma, uma origem de alguma idéia ou concepções, mas ao contrário o que há são acontecimentos das histórias, seus vacilos, suas derrotas e resistências. *“O que se encontra no começo histórico das coisas não é sua a identidade ainda preservada da origem. É a discórdia entre as coisas, é o disparate.”* (FOUCAULT, 2006, p. 19). São os chamados “fenômenos de ruptura”.

É necessário estar atento à incidência desses acontecimentos, que rompem as grandes continuidades do pensamento, de uma mentalidade coletiva. Essa “emergência”, como ponto

de surgimento, é importante, mas também a análise do jogo causal de forças, sua interrupção, o salto pelo qual elas passam à notoriedade e que se estabelecem como “verdade” num determinado contexto, num combate, que revela seu jogo de dominação, exposto através de regras, impostas pelas relações entre dominadores e dominados.

A modernidade forja uma série de aparatos, instrumentos e procedimentos técnicos que funcionam como controle minucioso do corpo, de forma a torná-lo “dócil” e apto ao sistema de produção vigente na recém constituída sociedade industrial. Percebe-se a emergência e o estabelecimento da forma disciplinar de poder. A disciplina é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder que leva a situações de sujeição e impõe uma relação de docilidade- utilidade. Há um trabalho sobre o corpo, em que “fabrica-se” o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista.

Dentre esses mecanismos diversos de sujeição e de subjetivação, há a “anatomopolítica” - uma forma particular de poder disciplinar do início do século XVIII – que se dirige para o corpo individual ou corpo-biológico, atuando como uma verdadeira “mecânica do corpo”, atuando nos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. Forma de trabalhar os corpos, de adestrá-los, de distribuí-los no espaço, e regulá-los no tempo, de forma a torná-los mais eficientes, mais previsíveis, mais obedientes. A disciplina atua sobre o corpo, procurando aumentar a força econômica e diminuindo a força política.

Ela [a disciplina] dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por um lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1994, p. 119)

A questão da vigilância é fator fundamental para a consolidação dessa forma de poder instaurada. Inspirados no panóptico de Bentham vários projetos arquitetônicos da época se assemelhavam a ele. Sendo assim, estabelece-se uma relação entre observador e observado em que o primeiro não pode ser visto, mas o segundo pode vir a sê-lo. Isto torna automático o funcionamento do poder, tendo em vista que interioriza-se a disciplina, tornando-a um hábito.

Todo esse processo de docilização do corpo norteia também um *conhecimento*, na medida em que implica um registro contínuo dele. Ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber. A vigilância permite decompor, classificar, medir e punir, o que implica em utilizar de *mecanismos de normalização*. Através destes, define-se uma margem de desvios

que permitiriam corrigir e otimizar os desempenhos. Seria a funcionalidade no seu maior grau.

Frente à grande explosão demográfica do século XVIII e o crescimento do aparelho de produção, o desenvolvimento da tecnologia disciplinar forma uma engrenagem que se integra perfeitamente ao processo de desenvolvimento da economia capitalista.

As disciplinas substituem o velho princípio “retirada-violência” que regia a economia do poder pelo princípio “suavidade-produção-lucro”. Devem ser tomadas como técnicas que permitem ajustar, segundo esse princípio, a multiplicidade dos homens e a multiplicação dos aparelhos de produção (e, como tal, deve-se entender não só a “produção” propriamente dita, mas a produção de saber e de aptidões na escola, a produção de saúde nos hospitais, a produção de força destrutiva com o exército). (FOUCAULT, 1994, p. 180)

O capitalismo atua também via ação psicossomática sobre o corpo biológico, ajustando-o aos imperativos de reprodução social do modo de produção que lhe é específico. Além de toda a preocupação com o sistema de produção, tendo a disciplina como procedimento que toma o corpo enquanto objeto e alvo do poder, emerge também no plano das práticas políticas e observações econômicas uma explosão de técnicas diversas e numerosas cujo principal objetivo é obter a sujeição dos corpos e o controle das populações, a que Foucault chamou de “biopoder”. O controle de natalidade e da mortalidade, a saúde da população, a longevidade, são questões de ordem biológica aos quais os controles reguladores vão incidir: *uma biopolítica da população*. Para o pensamento foucaultiano:

Trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retomo agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 1994, p. 290).

Tanto as disciplinas quanto as regulações da população constituem pólos sobre os quais se forjou uma organização sobre a vida. Com essas duas facetas dessa tecnologia de poder, anatômica e biológica, preocupada com o desempenho dos corpos tem-se *“um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo”* (FOUCAULT, 1976, p. 131).

A modernidade, para Foucault, é a época em que o poder investe no “corpo” vivo. Seria uma visão positiva do poder, já que ele não é uma “coisa em si” ou está localizado num

centro organizador. Ao contrário, ele se dá sob forma de práticas, ele é algo que se exerce, se efetua e funciona, e neste momento se dirige à vida.

As análises de Foucault mostram que a dominação capitalista não conseguiria se manter baseada simplesmente na repressão, a ênfase é colocada na sua riqueza estratégica. Tendo o corpo humano como alvo, ele mostra a incidência não mais pelo suplício e morte, mas pelo aprimoramento e adestramento a serviço de um modo de constituição sócio político, que buscava ampliar e potencializar as forças corporais, biológicas.

Numa direção semelhante, Elias também caracteriza a modernidade como uma nova relação das pessoas com o “corpo” e com os “impulsos”. E apresenta uma concepção de poder similar a que Foucault propõe em seus escritos, não a de poder como objeto concreto, de posse de alguém ou de um grupo, mas que é um atributo das relações sociais, fruto do contato entre os indivíduos e das suas ações a todo instante, sejam elas no campo político, econômico, cognitivo. Sendo assim, é algo que se faz uso e se dá em relações.

Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravos, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o desequilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob este ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações (ELIAS, 2005, p. 81 apud PACHECO, 2009, p. 259).

No seu livro “Processo Civilizador”, Elias trata da transformação nos padrões europeus medievais para a modernidade, no que toca aos comportamentos socialmente aceitos. Com a aristocracia assumindo o poder durante os séculos XVI e XVII, novos comportamentos sociais tornaram-se necessários. Uma série de manuais de etiqueta e de boas maneiras são escritos na época e neles Elias se detém para analisar mudanças comportamentais.

Elias descreve o “processo civilizador” como uma tendência gradativa e evolutiva através do aumento do controle relacionado e identificado socialmente aos impulsos “primitivos”, tornando-os senão sob controle completamente, no mínimo menos visíveis e restritos à esfera da intimidade. Esse autor observa dois movimentos históricos interdependentes nas sociedades modernas. O primeiro deles é de um crescente aumento do controle social (monopólio estatal da violência; monopólio da tributação; controle territorial) sobre a vida dos indivíduos e coletividades. Paralelo a esse aumento do controle social,

observa-se um momento seguinte, de passagem do controle social ou constrangimento social para auto-constrangimento ou domínio de si. Esse domínio de si é constituído a partir da "interiorização" - via ação pedagógica ou formas de interdição moral - de regimes de comportamento e ação socialmente aceitos na nova configuração das sociedades (sociedades estas, que valorizam o "refinamento", a "suavização", o uso da "razão" regrada, dentre outras maneiras de agir).

Nesse sentido, não se trata de afirmar que há "menos" repressão sobre os corpos individuais, mas que essa repressão social assume a forma de auto-controle dos impulsos, isto é, se institui nos próprios indivíduos uma economia psíquica responsável pelo freamento de todos aqueles impulsos mais primevos, a exemplo de falar alto, gritar, andar em passos acelerados, agir de modo violento diante de situações de tensão, satisfazer sua libido sexual de modo imediato. Assim, os mecanismos de refreamento dos impulsos desenvolvidos nos próprios indivíduos são os sentimentos de "vergonha", "pudor", "culpa", "nojo".

Esses sentimentos se fortalecem nos indivíduos a partir de um longo trabalho de socialização e educação moral e convertido numa economia emocional que atua no sentido de reagir para conservar o autocontrole dos impulsos.

Em resumo, não é possível afirmar que se tenha menos "repressão" dos impulsos atualmente, mas que houve uma mudança qualitativa. Agora não são apenas as instituições que atuam no controle social dos impulsos considerados indesejados socialmente, mas o próprio corpo desenvolve mecanismos de autocontrole emocional dos impulsos.

Nesse ponto, é possível fazer um paralelo com Michel Foucault, no que toca seus estudos sobre os dispositivos disciplinares de biopoder. Destaca-se, nas sociedades modernas, o fenômeno de transição do controle e repressão social para a disciplinarização e produção dos corpos individuais, por parte de instituições como o exército, a escola, dentre outras instituições disciplinares. O objetivo é atuar sobre o corpo-indivíduo no sentido de torná-lo dócil e útil socialmente. Foucault fala em disciplinarização do corpo; Elias trata em termos de autocontrole das condutas e sentimentos. Ambos apontam para mudanças de ordem social desencadeadoras de um processo de transformação nas formas de coerção sobre o indivíduo.

Ambos os autores compartilham de uma concepção relacional de poder, porém Elias "situa" as relações de dominação, vide o exemplo da aristocracia de corte, fração de classe responsável por difundir inicialmente os novos códigos de conduta e decoro entre as classes dominantes, dando origem a chamada "sociedade de corte". Foi a ascensão ao poder da classe cortesã que possibilitou a emergência da nova economia psíquica dos impulsos. Em seguida, com a ascensão da burguesia e das classes médias, ocorre uma universalização dessa

economia emocional caracterizada pelo auto-controle dos impulsos. O que Elias destaca é que nada disso foi planejado ou arquitetado pelas classes dominantes como se fosse um “projeto de poder”, mas que foi o resultado de uma dinâmica histórica contingente e que serviram aos seus interesses.

1.3.2 Corpo e Pulsionalidade - O crescente controle e autocontrole dos impulsos corporais

Como foi apontado anteriormente, o sociólogo alemão Norbert Elias se debruçou sobre as mudanças comportamentais nos indivíduos e modos de relação de poder na sociedade moderna. De acordo com Elias (1994), a partir do século XVI, observa-se uma transformação lenta, porém gradativa na estrutura de personalidade e no tipo de comportamento corporal vigente nas sociedades modernas, seja na postura, nos gestos, vestuários e nas expressões faciais. Essa mudança histórica no comportamento tem como principal característica a crescente moderação dos impulsos e afetos e, mais importante, a emergência de um novo tipo humano – o homem civilizado ocidental – que apresenta uma constituição psicológica caracterizada pelo “controle mais complexo e estável da conduta”, uma estrutura de personalidade fortemente inclinada para o autocontrole dos impulsos emocionais.

Esse maior controle e comedimento do comportamento corporal encontrariam expressão, assinala Elias (1994, p.136-138), numa crescente preocupação - a exemplo da sociedade francesa renascentista – com os cuidados na não exposição pública do corpo, visto que essa atitude passa a representar uma infração repugnante aos olhos da “boa sociedade” da época. Os cuidados em não se expor durante os atos fisiológicos, tais como urinar, defecar, peidar; em cobrir as partes íntimas do corpo, tornam-se imperativos sociais de bom decoro e pudor.

Para Elias, esse controle dos impulsos é um fenômeno histórico que converge com a formação das sociedades modernas e sua cultura civilizatória. Há uma transição do controle social (externo) para o autocontrole (interno). Com o desenvolvimento civilizatório não mais seria necessário o controle social, tendo em vista que o autocontrole faria o trabalho.

Na Idade média, existia um conjunto de dispositivos de controle social e moral que atuavam fortemente na forma de ação pedagógica sobre os indivíduos. Elias atesta que com a disseminação dessa ação pedagógica ainda na fase infantil do indivíduo moderno, tem-se um processo de modelagem emocional no sentido do controle dos impulsos se tornarem autômatos, do indivíduo desenvolver mecanismos psíquicos de autocontrole das pulsões,

como os sentimentos de “vergonha”, “nojo”, “culpa”, por exemplo. Esses sentimentos estão relacionados diretamente aos interditos internalizados.

Percebe-se na tese apresentada Elias grande influência dos escritos freudianos, principalmente “O Mal-estar na Civilização”. Elias problematiza questões como o crescente processo de controle dos impulsos primitivos e sua sublimação. Sendo assim, concorda com Freud sobre a existência desse mecanismo de autocontrole e sublimação da energia pulsional. A diferença entre Freud e Elias é o tratamento diacrônico ao processo civilizatório. Enquanto Freud considera o controle dos impulsos como um fenômeno primitivo, Elias o trata como algo consonante com a modernidade.

Ambos os autores trataram da temática “civilização” e a relacionaram com a capacidade psíquica do homem de aprender a adaptar, dominar e canalizar até certo ponto seus impulsos, de acordo com suas experiências com grupos e com espaços sociais.

Freud (1930), no texto “O Mal estar na Civilização”, pensa em questões relativas à humanidade, à relação indivíduo e sociedade, à inserção do sujeito do desejo e das pulsões nos campos do social e da política. Sua tese central é que a vida social pressupõe recalque. Tanto o desenvolvimento do indivíduo quanto o desenvolvimento da civilização só são possíveis através do controle das pulsões humanas, já que estas são incompatíveis com a vida comunitária.

Questionando-se sobre os propósitos da vida expressados nas condutas humanas e o que almejam nela, sua resposta se dá em termos de aspiração da felicidade e de sua conservação. Afirma que esta é guiada pelo princípio do prazer, a felicidade é proveniente da satisfação, que por sua vez só é possível como uma manifestação episódica. A felicidade seria praticamente impossível nesta vida.

(...)é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Esse princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o início; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha no plano da ‘Criação’. Aquilo que chamamos de felicidade, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente reprimidas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico (...) No sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não há, aqui, um conselho válido para todos: cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz (FREUD, 1930, p. 30; 40-41).

Para Freud, o ser humano está condenado à infelicidade, ao mal-estar na civilização, pois por felicidade ele entende a livre “fruição” das energias pulsionais. O indivíduo

freudiano é dotado de duas pulsões, Eros, pulsão de vida, e Tânatus, pulsão de morte. O primeiro manifesta-se como libido, tendo como função unir os indivíduos em unidades cada vez maiores. Já o segundo, encontra-se num outro plano, podendo ser percebido através das manifestações de agressividade. Esta pulsão age contra a civilização na medida em que é regida pelo princípio de Nirvana, buscando a volta ao estado inorgânico, à quietude, ou seja, à morte (repouso absoluto), opondo os homens uns contra os outros, processo que se confronta ao de Eros. A evolução da civilização humana pode ser descrita, portanto, como a luta de Eros e Tânatus, Vida e Morte.

É somente com o estabelecimento do sentimento de culpa que a civilização consegue inibir o desejo de agressão nos indivíduos. A resolução do conflito edipiano, com a introjeção da agressividade, das proibições e da ordem, formando o superego, permite que qualquer desejo de satisfação pulsional seja punido com a mesma intensidade em que gostaria de satisfazer contra o mundo exterior, gerando um intenso “mal-estar” nos indivíduos.

Diante desse quadro, Freud trata da fonte do sofrimento que tem origem no social. Afirma que toda civilização se constrói sobre ameaças e renúncia às pulsões, e que é em grande parte responsável pela proliferação das neuroses. A frustração e a insatisfação estão sempre presentes. Ele nos diz: *“boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização”* (FREUD, 1930, p. 44).

É fato que a civilização, tal como descreve Freud, possibilitou à humanidade dominar, em certa medida, a natureza; vários progressos foram realizados e mais produções úteis viriam para aumentar a beleza, a limpeza e a ordem.

(...) tornou-se ele próprio quase um deus. (...) O ser humano tornou-se, por assim dizer, uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente lhe dão ainda muito trabalho. (...) Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão mais ainda a semelhança com Deus. (FREUD, 1930, p. 52)

Para Freud, *“a palavra ‘civilização’ designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela dos nossos antepassados animais, e que servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si”* (FREUD, 1930, p. 48; 49). Quanto a este último, a civilização medeia as relações no sentido de que se substituem as relações de força para prevalecerem as relações codificadas (ENRIQUEZ, 1990), que designam a cada indivíduo um lugar, suas obrigações e

seus deveres. No entanto, a conciliação dos interesses sociais e individuais é difícil, uma vez que a singularidade dos sujeitos os impede de ter verdadeiros anseios comuns e duradouros.

Essa teoria da cultura é um reflexo do momento histórico específico em que foi formulada, a modernidade. É sobre esta história que Freud se debruçou, caracterizando-a como beleza, limpeza e ordem. E para garanti-los pagou-se um alto preço, pagou-se com a falta de liberdade. Freud disse: “*a liberdade individual não é um bem cultural*” (FREUD, 1930, p. 57). Isso quer dizer que procurar e preservar a beleza, conservar a limpeza e garantir a ordem é agir contra as suas próprias pulsões.

As realizações modernas balizadas por estas três características, principalmente, são apontadas por Freud em termos de “compulsão”, “regulação”, “supressão” e “renúncia forçada” (BAUMAN, 1998). Esses seriam os mal-estares da modernidade resultantes do “excesso de ordem” e da conseqüente escassez de liberdade.

Segundo essas discussões em relação às pulsões que Elias tentou trilhar caminhos, já abertos por Freud, na tentativa de mostrar a relação entre a conseqüência da canalização das pulsões e os conflitos internos e o habitus daí resultante. Sua noção de processo civilizador se filia em parte no valor do progresso no sentido de evolução da humanidade e avanço no conhecimento da natureza, do indivíduo e da sociedade.

Porém, parece que Elias se propõe a ir além das formulações freudianas. A crítica que se apresenta é a de que Freud enfatiza a tríade pai-mãe-filho como determinante na estruturação das pulsões primevas e domínio de si, autocontrole dessas funções, já na primeira infância. Com isso, o curso tomado por eles caminhariam independentemente dos processos sociais nos quais estivessem envolvidos. Ao contrário, Elias atesta que as atividades sociais e as atividades psíquicas particulares dos indivíduos estão interligadas e estão sempre em processo de (re)estruturação. Sendo assim, entende o ser humano como histórico, em permanente construção.

1.4 Corpo da Desmedida – uma tendência hedônica

O momento atual é o da fragmentação, desregulamentação e mudança, onde o princípio do prazer preside e a liberdade individual reina soberanamente (BAUMAN, 1998).

Em sua versão presente e pós-moderna, a modernidade parece ter encontrado a pedra filosofal que Freud repudiou como uma fantasia ingênua e pernicioso: ela pretende fundir os metais preciosos da ordem limpa e da limpeza ordeira diretamente a partir do ouro do humano, do demasiadamente humano reclamo de prazer, de sempre mais prazer e sempre mais aprazível prazer – um reclamo outrora desacreditado com base e condenado como autodestrutivo. (BAUMAN, 1998, p. 09)

Bauman (1998) aponta que se na época freudiana as pessoas trocavam sua liberdade individual, seu quinhão de felicidade em troca de uma segurança, hoje o que se tem é a troca da segurança pela felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que admitia uma liberdade muito pequena na busca da felicidade individual, enquanto que hoje os mal-estares provêm de uma liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual mínima.

Jurandir Freire Costa (2006) concorda que uma das crenças fundamentais do indivíduo contemporâneo é justamente a busca da felicidade. Esta teria se tornado a chave mestra dos ideais formadores da identidade, e esta estaria calcada em dois grandes suportes: o narcisismo e o hedonismo.

(...) O sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, o ‘que se é’ e o ‘que se pretende ser’ deve caber no espaço da preocupação consigo. Família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessam ao narcisista como meios de autorealização pessoal, em geral entendida como autorealização afetiva, econômica, de sucesso pessoal ou bem-estar físico.

O hedonismo, por sua vez, decorre dessa dinâmica identitária. O narcisista cuida apenas de si porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônimo de obtenção de prazer. Quanto maior, mais imediato, mais constante for o prazer, mais feliz é o sujeito. (COSTA, 2006, p. 2)

A busca pelo prazer inscreve a questão do corpo de uma forma mais incisiva, tendo em vista que o palco do prazer é o corpo. Há neste período, uma hipervalorização do corpo humano como sede de acontecimentos e fonte de prazer. Outros olhares sobre ele são dispensados. Ele atinge dimensões plásticas, que possibilitam sua construção e reconstrução contínua. Há uma ênfase no bem-estar, num maior cuidado e investimento para manter o corpo jovem e saudável. Ele deve ser visto e apreciado. O que antes era da ordem do privado no início do século XX, no final deste mesmo século e início do século XXI, torna-se “sede do espetáculo”. Ele toma o alcance de “fenômeno de massas”, característico da chamada sociedade de consumo.

Essas modificações no tratamento do corpo acompanham as do contexto histórico mais amplo, particularmente analisado por Guy Debord (1997): a emergência da *sociedade do*

espetáculo. Preocupado em examinar a moderna sociedade de consumo de massas nos seus aspectos culturais, o referido autor assinala a existência da separação e afastamento do mundo da vida em imagens na direção da criação e crescente autonomização do “mundo das imagens”, ou noutros termos, a passagem do controle da imagem *pelo* homem para o controle da imagem *sobre* o homem.

Na nova configuração do capitalismo massificado, o espetáculo - imerso nos imperativos do modo de produção dominante – representa uma relação social intersubjetiva mediada por imagens. Aqui, o sistema de mídias (*lócus* do espetáculo) constitui a manifestação pontual da lógica de produção da indústria e do consumo de massas. Na sociedade do espetáculo, predomina um consumo de imagens. Assim, a estetização aliada a espetacularização do corpo constitui um fenômeno contemporâneo.

É na primeira metade do século XX que o corpo se torna objeto de uma intervenção médica voltada para dietética e estética. Nesse período se observa a disseminação de uma verdadeira bioestética. Conforme Prado Filho & Trisotto (2008, pp. 119-120), a relação do sujeito com o próprio corpo – relação de ordem ética em termos foucaultianos – é ancorada numa “cultura de si mesmo”, na exacerbação da estetização física do corpo e no culto ao corpo, tão presente atualmente nas sociedades ocidentais. Ainda segundo os autores, essa cultura de si mesmo é a expressão de forma de cultura moral tipicamente moderna, caracterizada, dentre outros elementos, por um narcisismo individualista proeminente.

E é nesses termos que as transformações sociais trazem conseqüências às produções de subjetividade atuais. Como já foi dito, uma das marcas da contemporaneidade é justamente o corpo à mostra. Denise B. de Sant’anna (2000) afirma que na contemporaneidade se observa uma tendência de proliferação de produtos, tecnologias e saberes especializados dirigidos para o embelezamento do corpo. Há aqui uma grande valorização e exploração do corpo. Esse culto ao corpo que rompe com o passado de restrições e tabu (religioso, moral) é, segundo Sant’anna (2000), parte de um movimento mais amplo de liberação progressiva do corpo, cuja conseqüência é a emergência de novas experiências de subjetividade. Também o consumo da imagem desse corpo se apresenta consonante com a lógica do espetáculo.

O lugar do olhar e ser olhado nos tempos atuais é característica da estetização e espetacularização do corpo, tornando-o mercadoria preciosa que deve ser cuidada para continuar jovem, saudável, produtora infatigável de prazer (SANT’ANNA, 2002). Nessa direção há padrões a serem valorizados; criam-se anseios de se alcançar e se incluir nestes padrões. Fala-se de uma mudança de uma sociedade de controle-repressão para um controle-estimulação (FOUCAULT, [1979] 2006). Dessa forma, modos de subjetivação são

construídas de forma a se alcançar sensações de prazer, status, reconhecimento social, através principalmente do consumo de bens, que se voltem para a estética corporal. Necessidades são criadas e a experiência de sua imprescindibilidade aparenta vir de cada indivíduo. Há transformações nas formas de poder, estas não são mais exercidas pela repressão, mas pela produção contínua de novas estimulações.

Todo esse movimento de estetização e espetacularização (DEBORD, 1997), culto ao corpo tornam importante atrair o olhar do outro e ser reconhecido pelo o que se quer fazer ver. No entanto, esse movimento é exacerbado e tem como consequência o exibicionismo, o auto-centramento e o esvaziamento das trocas intersubjetivas, aspectos que estão embutidos na pós-modernidade (BIRMAN, 2001).

Birman (2001) aponta para uma marca diferenciadora em relação à modernidade. Se a subjetividade moderna constitui-se no duplo registro da interioridade e reflexão sobre si mesmo, a subjetividade contemporânea sustenta o paradoxo de um auto-centramento voltado para exterioridade, em que a dimensão estética, dada pelo olhar do outro, ganha destaque.

É neste contexto que a tatuagem, junto a outras práticas de modificação corporal tem tido presença marcante na atualidade. A pele transformou-se numa tela onde se projetam desenhos, cores, ilustrações. O corpo perdeu a dimensão de íntimo, de resguardado para o de ser mostrado.

Percebe-se assim, que diferentes concepções de corpo e conseqüentemente de produções de subjetividades são construídas ao longo da história. Em cada sociedade estabelecem-se modelos e formas de representação do corpo. Os modos de existência estão, portanto, atrelados ao cenário histórico-político do qual faz parte. Sendo assim, o corpo torna-se um suporte para se pensar questões do momento histórico do qual participa.

CAPÍTULO 2

NA SUPERFÍCIE DA PELE...

*“Sem nunca ter sido verdadeiramente
desconsiderada, a tatuagem passeia em nosso
cotidiano em liberdade condicional.”
(Célia Ramos, 2001, p. 181)*

2.1 Produção cultural das marcas corporais: histórias e estórias

As práticas de modificação corporal não são em sua maioria recentes. Elas estão presentes em diversas culturas e tem a pele como principal parte do corpo para carregar essas inscrições. Muitos povos utilizavam e ainda utilizam tatuagens e escarificações como forma de marcar rituais de passagem (nascimento, puberdade, reprodução e morte), ou como forma de embelezamento (Kury, Hargreaves, Valença, 2000). Mesmo havendo aqueles que as defendam, não se pode falar de uma origem primeira quanto a essas práticas. Parece que elas tiveram vários começos, em diferentes lugares e tempos por diversas populações. Cada qual atribuía a elas suas significações específicas.

Charles Darwin em 1871 publicou seu livro “A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo”⁹ onde descreve uma série de características e utensílios usados por diferentes grupos para se ornamentar, dentre eles está a prática de se tatuar. Em suas palavras:

Não se pode nomear um país, do Pólo Norte ao Sul da Nova Zelândia no qual não haja aborígenes que não se tatuem. Esta prática foi seguida por Judeus e por Bretões antigos. Na África, alguns dos próprios nativos se tatuavam eles próprios, mas era muito mais comum aumentar as protuberâncias, esfregando sal nas incisões feitas em várias partes do corpo, e estes são considerados pelos habitantes de Kordofan e Durfur “grandes atrativos pessoais” (DARWIN, 1871, p. 339, tradução livre)¹⁰

Muitos achados arqueológicos também apontam essa prática em determinadas populações. A arte rupestre, por exemplo, revela existência de povos que cobriam o corpo

⁹ “The descent of man, and selection in relation to sex.” (1871)

¹⁰ Not one great country can be named, from the Polar regions in the north to New Zealand in the south, in which the aborigines do not tattoo themselves. This practice was followed by the Jews of old and by the ancient Britons. In Africa some of the natives tattoo themselves, but it is much more common to raise protuberances by rubbing salt into incisions made in various parts of the body; and these are considered by the inhabitants of Kordofan and Durfur "to be great personal attractions." (Darwin, 1871, p. 339)

com desenhos. Em várias dessas gravuras e estatuetas foram encontrados desenhos de formas humanas com pinturas em seus corpos, indicando possivelmente a existência da tatuagem nesses povos.

Outro dado que chama a atenção trata de uma múmia, chamada Ötzi, encontrada nos Alpes italianos, Alpes do Tirol, em 1991, que data de 5300 a.C., que se manteve conservada em um bloco de gelo. Ela apresenta tatuagens que acompanham toda a espinha dorsal, uma cruz numa das coxas e desenhos tribais distribuídas por toda a perna. A segunda múmia mais antiga do mundo corresponde a uma princesa egípcia, da XI Dinastia. Ela possui um grande desenho na barriga – região do baixo ventre. Alguns antropólogos levantaram a hipótese desse desenho, feito por linhas e pontos, estar relacionado a possíveis rituais de fertilidade. Há também a descrição da múmia de uma sacerdotisa de 2000 a.C, que apresentava linhas horizontais e paralelas à altura do estômago, em que sugerem indicar alguma proteção contra gravidez ou doenças.

As investigações são variadas, tanto quanto as interpretações feitas. Alguns estudiosos apostam que essas marcas estejam relacionadas a conteúdos mágicos, religiosos, ritos de passagem ou mesmo de ornamentação.

Encontram-se também, em escritos de Heródoto¹¹ citações sobre um povo muito antigo no norte Europeu, que costumava fazer desenhos definitivos pelo corpo. Atribui-se o nome Pictus a eles justamente por este costume. Os desenhos não se relacionavam a vaidade, representavam poder e força. Os desenhos também serviriam para identificá-los após a morte a seus antepassados, tendo em vista que acreditavam que os mesmos ficavam impressos a alma. Aos guerreiros eram ofertados esses desenhos após atos de bravura.

Os registros das grandes viagens marítimas constituem também importantes fontes sobre a antiguidade e variedade de marcações corporais. Leitão (2000) fazendo uso da pesquisa de Caruchet (1995) aponta as descrições de Marco Pólo em viagem a Ásia, no século XIII, quando ele trata do “colorido da tatuagem” nesse continente e em especial a província conhecida como *Cancig*, localidade hoje situada entre a Birmânia e a Tailândia. Parece que era comum cobrir todo o corpo com desenhos de animais como leões, dragões, pássaros, dentre outros.

¹¹ HERÓDOTO, *The Histories* (ed. A. D. Godley). In: <http://www.perseus.tufts.edu>. (Versão em inglês. Contido biblioteca digital de textos clássicos do *Perseus Project*.) citado por Leitão, Débora Krischke. **À FLOR DA PELE: ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A PRÁTICA DA TATUAGEM EM GRUPOS URBANOS**. Trabalho de conclusão apresentado em Dezembro de 2000, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Outros viajantes, como Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio também relatam a existência de pinturas corporais, que não necessariamente correspondem a tatuagens, na América. Ao que concerne ao Brasil, este último faz referência a modificações na face dos nativos: incisões, perfurações e inclusive adorno dessas perfurações com pedras preciosas.

No entanto, é com outro viajante, o capitão James Cook, em seu contato com habitantes do Pacífico Sul, nas ilhas da Polinésia, Nova Zelândia, Filipinas e Indonésia, que dominavam a técnica, que há uma revolução na disseminação da técnica da tatuagem na Europa. Foi também através dele que houve a inclusão da palavra *tattoo* na língua inglesa. Esta se trata de uma adaptação sua para as palavras taitianas e samoanas "*tatah*" e "*tah-tah-tow*", que significavam marcar o corpo (KRAKOW, 1994 apud LEITÃO, 2000).

Foi no século XVIII, numa viagem ao Taiti, que Cook toma contato com essa prática. Sua tripulação adotou o costume nativo (GILBERT, 2000 apud OSÓRIO, 2006) e acabou por torná-lo uma espécie de moda entre os marinheiros a partir de então. Inicialmente foram tatuados por mãos nativas, aprenderam a técnica e passaram a utilizá-la dentro do navio. Além disso, parece que Cook levou consigo um homem polinésio, chamado Omai para Europa, em 1775. Este último tinha seu corpo completamente tatuado (RUBIN, 1988 apud LEITÃO, 2000). Esta era uma prática extremamente comum no Taiti.

Pela tradição local, a prática da tatuagem tem sua origem no campo do divino. Sua história conta que durante o Po' (período obscuro), a tatuagem foi inventada pelos dois filhos do deus Ta'aroa, a saber: Mata Mata Arahu (aquele que imprime com carvão de madeira) e Tu Ra'i Po' (aquele que reside no céu obscuro). Ambos pertenciam ao grupo de artesãos juntamente com Taere, um Deus com grande habilidade, e Hina Ere Ere Manua (Hina de caráter impetuoso). Ao crescer Hina Ere Ere Manua transforma-se em Pahios e é feita prisioneira num local fechado, sob vigilância de sua mãe, para preservar sua virgindade. Com o objetivo de seduzi-la, os irmãos inventam a tatuagem e ornamentam-se com um motivo denominado de - Tao Maro. Hina Ere Ere Manua, movida pelo desejo de se deixar tatuar, engana a vigilância de sua mãe e se deixa tatuar. Esses deuses sempre eram invocados durante a feitura de alguma tatuagem de forma que a tatuagem ficasse perfeita e que as feridas cicatrizassem rapidamente e que pudessem ser vistosas.

Aos Maori, designação própria dos Nativos da Nova Zelândia, a tatuagem é de extrema importância cultural, presentes em rituais complexos ligados à religião. Eles não apenas apresentam riqueza quanto à variedade de desenhos, mas atribuem a que é realizada no rosto como a mais importante. Ela tem como função distinguir a posição social dentro da

tribo. Quanto maior e mais elaborado esse desenho no rosto, mais nobre seria. Normalmente, as tatuagens eram feitas por sacerdotes que seguiam uma série de rituais pré-estabelecidos. Era comum que em épocas de guerra se cortasse a cabeça do inimigo e a guardasse em urnas sagradas, como espécie de troféu. Conta-se que no século XIX, essas cabeças tatuadas de guerreiros Maoris foram objetos de interesse de comerciantes europeus. Há notícias na Nova Zelândia de que essas cabeças estão começando a voltar para o Museu Nacional (Araújo, 2006).

Entre os séculos XVIII e XIX, a tatuagem volta a ganhar espaço na Europa após um período de quase desaparecimento durante a Idade Média. Fala-se em retomada, pois há exemplos históricos (DURKHEIM, 2003) quanto à recorrente prática de tatuar partes do corpo entre os primeiros cristãos e, séculos depois, entre os peregrinos que se dirigiam à região da Palestina. De maneira geral, nesses dois grupos era bastante comum que seus membros tatuassem imagens, códigos e símbolos do cristianismo (nome de Cristo, sinal da cruz, etc.). Em todos esses gestos de marcação do corpo, o que estava em jogo era operar marcações sociais e simbólicas de pertencimento e distinção coletiva. Esta corresponde a uma das teses principais do sociólogo francês. Ele analisa como a existência de formas diversas de simbolismo torna possível a vida social. Destaca que nas sociedades tradicionais, a tatuagem constitui um meio bastante direto e expressivo pelo qual se pode afirmar a comunhão das consciências individual e coletiva. Estes exemplos históricos corroboram para a sua tese do uso da tatuagem como marcador de pertencimento e identidade grupal.

Por mais simples que seja o sistema que estudamos, nós reencontramos nele todas as grandes idéias e todas as principais atitudes rituais que estão na base das religiões mais avançadas: distinção das coisas em sagradas e profanas, noção de alma, de espírito, de personalidade mítica, de divindade nacional e mesmo internacional, culto negativo com as práticas ascéticas que são sua forma exasperada, ritos de oblação e de comunhão, ritos imitativos, ritos comemorativos, ritos de expiação. Aqui nada falta de essencial (Durkheim, 1978, p. 221).

Numa direção semelhante Bourdieu (2001) assinala a ação psicossomática na inscrição de diversos signos distintivos no corpo - em particular, a tatuagem - semelhantes a verdadeiros “ritos de instituições” (p. 171-173). As sociedades tradicionais ritualizavam momentos de passagem através de intervenções físicas, que alteravam o estatuto social a quem a ele eram submetidos. Essas inscrições funcionavam como mediadores simbólicos desse novo estatuto e expressão de compromisso com a organização social. Como se pode notar, uma das formas de marcação social e cultural do corpo é a inscrição coletiva na pele, seja essa inscrição na forma de ablação ritual de um fragmento do corpo; marcação da

epiderme (incisão, cicatriz aparente); ou na forma de inscrições tegumentares, a exemplo da tatuagem. Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade – desde marcas de distinção do status social; modo ritual de filiação ou separação grupal; ou até mesmo, um importante elemento de integração simbólica no interior de determinada comunidade.

Apesar dessas indicações, durante muito tempo essas práticas foram condenadas pela Igreja Católica enquanto atentado à moral e à integridade corporal. O respeito pelo corpo e por sua integridade corresponde a um gesto de fidelidade ao ato de criação divino, já que o homem foi criado “a imagem e semelhança de Deus”. Sendo assim, as marcas feitas voluntariamente sobre o corpo se tornaram modos de distinção e separação entre ímpios e fiéis, o pagão e o crente.

No período medieval e renascentista, essas marcas envolviam um conteúdo místico no seio de algumas “subculturas pagãs” (FERREIRA, 2004, p.73), das quais participavam, médicos, astrônomos, físicos, filósofos apadrinhantes das ditas “artes” ou “ciências ocultas”, como astrologia ou feitiçaria. Nesses contextos elas carregavam significações mágicas e protetoras, cumprindo um papel de amuletos. Eram também encontrados entre povos guerreiros de cultura *wiccan*, como os Celtas e Vikings. E também nos dinamarqueses, nos normandos e nos saxões. Cada qual possuía seu próprio estilo apesar da técnica pouco variar.

Essas marcas permaneceram, portanto, na obscuridade durante bastante tempo, até o século XVIII, quando voltaram a ganhar espaço no contexto da sociedade ocidental européia, através dos viajantes e marinheiros. Como dito anteriormente, eles seduzidos pela arte corporal praticada por distintos povos, começaram a tatuar seus próprios corpos. O uso de brincos e as tatuagens passaram a ser uma marca simbólica da experiência de navegação. Muitos ex-marinheiros se tornaram tatuadores ocidentais dos séculos XIX e XX e se estabeleceram nas cidades portuárias.

Osório (2006) nos chama atenção à mudança na representação social que a tatuagem passa a ocupar no contexto ocidental nesse período. É fato que essa prática já existia na Europa antes do contato de viajantes com os habitantes do Pacífico Sul. Ela estava presente na cultura européia numa medida diferente em comparação a outras populações e a elas também se atribuía outros valores, tanto que passou muito tempo sendo criticada pela Igreja Católica. Além disso, inclusive em séculos anteriores houve contato dos Europeus com os ameríndios, onde também existia essa prática e nem por isso ela teve sua expansão na Europa, como uma espécie de “importação” da técnica. Esta última parece ser a atribuição dada a sua difusão nesse continente. Era como se a tatuagem fosse um costume “importado”, que envolve

curiosidade pelo diferente, exótico. A tatuagem estava associada também a comportamentos de bárbaros e selvagens. Esta é uma concepção coerente com as idéias dominantes daquela época em que se valorizava a estrutura hierárquica: a monarquia estava no topo e em sua base estavam os pobres, marginais e primitivos.

Sendo assim, há indícios, acima mencionados, de que foi nesse período que se confluíram bases para a construção da percepção moderna da tatuagem no ocidente. Vale repetir que a tatuagem na Europa não tinha sido completamente abandonada na Idade Média. Ela persistia numa tradição, inclusive religiosa, relacionada à peregrinação a locais sagrados, como Loreto, na Itália, e Jerusalém. A passagem que se dá com o retorno dos viajantes na Europa é que esse costume foi retirado do universo religioso cristão para transformá-lo num costume profano popular (OSÓRIO, 2006), ou seja, camadas sociais determinadas.

Em princípio pode-se falar que os marinheiros constituíram o principal, senão o primeiro grupo a se apropriar da tatuagem. Eles não apenas a adotaram como ornamento, como aprenderam a técnica e a transformaram em “profissão”. Há autores (GUEST, 2000 apud OSÓRIO, 2006) que apontam uma atribuição masculina de virilidade construída entre as percepções européias sobre si mesmo e sobre os nativos do Pacífico Sul dentro dos seus costumes. Osório (2006) se utilizando de memórias do tatuador da década de 50, Steward (1990), conta que recrutas de base naval tatuavam-se antes mesmo de se iniciarem na navegação. O ato de se tatuar funcionava como um rito de passagem, geralmente seguido da iniciação sexual. Frente a isso levanta a hipótese de que talvez essa proximidade entre o universo naval e a prostituição que essa prática tenha se disseminado no universo de meretrizes.

Outros espaços onde a tatuagem era exibida correspondem a feiras e circos itinerantes. Neles haviam pessoas que difundiam os usos da tatuagem se apresentavam ao público em geral através de exposições de *freak-shows* ao lado de anões, gigantes, gêmeos siameses e mulheres barbadas. Eram grandes espetáculos, que tiveram seu apogeu no século XIX, mas que com o passar do tempo deixaram de ser exóticos e seu interesse enquanto atração se esvaiu.

Dentro dos grupos aos quais a tatuagem ficou associada, o dos criminosos talvez seja o que mais se destacou. Ela alcançou especial importância nos ambientes dos cárceres, onde foi conhecida popularmente como a "flor do presídio" (GROGNARD, 1992 apud FONSECA, 2006). Além disso, ela tomou outra proporção na medida em que se tornou critério de avaliação médica na área criminal, aparecendo em manuais de médicos criminalistas como Césare Lombroso e Alexandre Lacassane. Ambos se debruçaram sobre os indícios físicos da

delinqüência. Dentre eles destacaram o uso da tatuagem e a apontaram como sinal de criminalidade inata. Baseavam-se na idéia de que os criminosos sentiam uma atração incontrolável por elas e que existia também uma possível insensibilidade à dor. Esse conjunto de afirmações os fazia atribuir aos criminosos um caráter selvagem e/ou primitivo. Dessa maneira, algo que antes era visto pela sua excentricidade, passa a ser encarada como patologia criminal.

Essas teorias colocam a tatuagem como signo de criminalidade num momento em que a visão científica do mundo estava sendo consolidada. Ela favorece, portanto um saber que reconhece e reproduz a conexão tatuagem-marginalidade, *“legitimando jurídica e medicamente o descrédito social em que as marcas corporais haviam caído”* (FERREIRA, 2004, p. 77). Essa visão não considera que para esse grupo, o corpo tem um papel de resistência simbólica, é a posse que detém dentro de um sistema com mecanismos de imenso controle, vigilância e disciplina (FOUCAULT, 1994) contra processos de mortificação do eu (GOFFMAN, 1987).

Alguns grupos, como prostitutas, marginais, criminosos, foram fortemente associados à tatuagem e esta associação prolongou-se até o presente momento. Pode-se dizer que se criaram condições sociais e culturais para o entendimento dessas marcas corporais como *estigma* (GOFFMAN, 1988), já que passou a se configurar *“como evidência ou característica corporal cuja leitura induz um efeito de descrédito sobre quem o porta”* (FERREIRA, 2004, p. 75).

Essa característica de descrédito, desvalia, era encontrada em alguns episódios anteriores, na história da humanidade. Mesmo temporalmente distintos, eles apontam para uma série de atribuições valorativas que em parte se aproximam dessas características. No Brasil colonial, por exemplo, as marcas corporais estavam presentes no seu cotidiano. Os africanos que eram trazidos como escravos carregavam diversas marcas no corpo. Primeiramente com escarificações feitas voluntariamente, obedecendo a rituais de iniciação de suas próprias culturas, depois marcados com ferro em brasa por comerciantes e novamente pelos compradores. Nesses sistemas escravagistas, marcavam-se os escravos como forma de exibir a propriedade, ou por punição devido a tentativa de fuga. Sendo assim, as marcas eram feitas para identificar e perenizar uma condição social dominada (FONSECA, 2006).

Este caso merece uma atenção a seus detalhes. Em princípio, as marcas impressas em seus corpos eram voluntárias e estavam incluídas em rituais de seus povos. Eram símbolos de orgulho e pertencimento. As marcas posteriores não eram de forma alguma voluntárias. Ao contrário, eram impostas, forçadas e serviam como forma de humilhação. Esse procedimento

de marcar na pele a propriedade em prisioneiros e escravos já ocorria nos primeiros anos do Império Romano, se extinguindo apenas quando Constantino assumiu o poder e proibiu sua prática por ofender os costumes cristãos.

Essa forma de marcação compulsória também foi utilizada nos campos de concentração nazista durante a II Guerra Mundial. Cada judeu capturado recebia uma identificação no antebraço correspondente a um número de série. Se no Império Romano Constantino considerou essa prática uma ofensa à religião e foi um dos motivos para a sua proibição, o seu contrário foi utilizado durante a II Guerra. Os nazistas não utilizavam a tatuagem numérica apenas como forma de identificação, mas sabiam que essa prática ofenderia a fé e dignidade judaica. É fato que essa numeração no antebraço é uma imagem indelével do Holocausto, é testemunho da brutalidade dos campos de concentração e também de resistência a eles.

Entre as histórias e estórias quanto à prática da tatuagem, há aquelas realizadas voluntariamente e aquelas que foram impostas, como pôde ser visto acima. Há aquelas que conferiam orgulho e pertencimento grupal, e outras que apesar de serem conferidas a determinados grupos, tinham caráter de ofensa e humilhação. Todas essas situações têm implicações nas formas de construção da imagem e da aceitação dessa prática pela sociedade ocidental.

Durante bastante tempo ela esteve associada a uma imagem de descrédito quanto a quem a portava. Se durante algum tempo ela ficou circunscrita a alguns grupos, a saber, prostitutas e prisioneiros, posteriormente outros grupos passaram a realizar esse tipo de prática. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, além de ser utilizada por gangues passou a ser vista também como emblema de movimentos contraculturais como roqueiros, motoqueiros, hippies e punks. Dessa forma, a tatuagem não está mais associada unicamente à marginalidade ou a determinados círculos econômicos, mas se articulava a propostas políticas, éticas e estéticas contrárias a norma social. Seu uso parecia ostentar publicamente o rompimento com as regras sociais, instituindo-se como signos expressivos de rebeldia.

Intensificadas, principalmente no fim do século XX, as práticas de marcas corporais e em especial a tatuagem, saiu do registro de marginalidade para permear a cultura dominante como forma de expressão corporal. Ela perdeu algumas de suas características transgressivas e incorporou possibilidades estéticas aceitas pela sociedade. A tatuagem, hoje, é praticada em condições materiais, sociais e simbólicas bastante diferentes. Ela constitui uma opção estética

muito procurada pelas novas gerações. É compreendida muitas vezes como arte¹², e forma de expressão da mesma. Em alguns casos, o corpo se torna uma obra ambulante¹³.

Houve nas últimas décadas uma expansão do número de estúdios que oferecem este tipo de serviço. Tatuagem deixou de ser uma prática feita à mão, como um ofício artesanal, praticada por amadores, ensinada informalmente, e realizada durante festas, para dar lugar a um processo mais técnico, com lojas exclusivas, com equipamentos especializados, materiais descartáveis, e a profissionalização dos seus praticantes.

2.2 Tatuagem: ofício e técnica

A tatuagem é uma técnica também conhecida pelo termo dermopigmentação, que significa “ato de pigmentar a pele”. Ela apresenta-se como uma das formas de modificação corporal mais antiga e disseminada em diferentes culturas em diversos continentes. Sua utilização é bastante variada segundo o tempo e locais em que é realizada. Marcel Mauss (1974) aponta que enquanto técnica corporal ela possui um uso que é social e culturalmente construído. Para o autor, o corpo está na base da experiência social, sendo mediador de práticas e discursos. Sendo assim, ele é instrumentalizado em cada cultura.

De maneira geral, a tatuagem corresponde a um tipo de inscrição na pele em que há uma aplicação subcutânea de pigmentos. Essa aplicação e o tipo de pigmentos usados variam de cultura para cultura, e durante séculos tiveram um caráter permanente. Atualmente a técnica utilizada para a remoção de tatuagens é o laser. É um processo ainda caro e dolorido, que dependendo do caso, das cores e tamanho pode deixar cicatrizes e variações de cor sobre a pele.

Há notícias de que os povos do Pacífico Sul, em especial os Maoris, utilizavam basicamente dois instrumentos: uma haste e uma espécie de martelo. Ambos os instrumentos geralmente apresentavam alguma cunha, como dentes de tubarão ou espinhas de grandes peixes. A haste, banhada de tinta, sofria o impacto do martelo e introduzia o pigmento na pele. A tinta utilizada na época era feita com o nanquim animal extraído da lula ou fuligem misturada com água.

Por outro lado, é no Japão em que se vê o aprimoramento da técnica. A tatuagem é elaborada usando-se longas agulhas feitas em marfim, bambu ou madeira. Elas eram

¹² Essa é uma definição que aparece na fala de profissionais do ramo da tatuagem.

¹³ Esta é uma expressão utilizada neste trabalho para designar pessoas que tem grandes quantidades de tatuagens no corpo.

mergulhadas em tintas especiais e aplicadas na pele por pontadas repetitivas. A grande diferença em relação à técnica dos Maoris é no quesito agulhas. No Japão, utilizando-se principalmente o bambu, criou-se uma espécie de pincel feita com tiras de bambu que davam o efeito de várias agulhas. Com isso, não era mais necessário empregar força como acontecia com os habitantes das ilhas do Pacífico Sul.

Os japoneses não apenas aprimoraram as agulhas, mas também os pigmentos e desenhos. Na arte Polinésia da tatuagem os desenhos eram bidimensionais e monocromáticos. Os japoneses apostaram na expansão de cores e desenhos tridimensionais. Além disso, seus desenhos eram temáticos. Estavam intimamente relacionados à filosofia japonesa de vida e cultura.

Na verdade, ainda hoje, mesmo com a existência de material elétrico, se encontra a tradição desse tipo de técnica, chamada Tebori – que significa entalhar – ou Irezumi – gravar com as mãos. Ela é defendida como técnica que possui “significado” em comparação com as demais.

É curioso que no Japão feudal, as marcações corporais desse tipo tinham um caráter punitivo e estava associado à criminalidade. No entanto, na era Tokugawa, período de intensa repressão, ser considerado criminoso passou a ser sinônimo de resistência. Este fato popularizou a tatuagem. Neste mesmo período se estabeleceu a máfia japonesa Yakusa. Era através de tatuagens estampadas quase em todo o corpo, através dessa técnica, que homens se uniam a ela prometendo honra e respeito, em sinal de lealdade e sacrifício à organização. Além disso, simbolizavam a sua oposição ao regime. O Japão acabou por se tornar uma referência nessa arte milenar.

Ao que concerne a chamada *modernização* da técnica com aparelhos elétricos, é necessário retomar a apropriação ocidental da técnica. Como visto no tópico anterior, a arte da tatuagem no ocidente não perdurou tão somente como “moda” ou “marginalismo”, mas também como modo de vida e expressão social. A consolidação e a expansão da técnica levaram a que Samuel O`reilly se baseasse na impressora autográfica, patenteada por Thomas Edison em 1876, para construir seu projeto de máquina de tatuar. A impressora de Thomas Edison servia para gravar sobre superfícies duras. O`Reilly modificou essa máquina ao alterar o sistema de tubos e sua unidade oscilatória eletromagnética móvel para permitir que a máquina movimentasse a agulha. O`reilly a patenteou em 1896 e parece que as máquinas atuais pouco se diferem dela.

Esse aparelho reduziu o tempo usado para a feitura da tatuagem e propiciou o aprimoramento dos traços, contornos, brilho e cores. Além desses aspectos técnicos, tem-se

que o uso da eletricidade criou a necessidade de um ponto de corrente elétrica e impõe que o tatuador se fixasse num local. A partir disso, constrói-se um cenário para o exercício dessa prática, com um tatuador que atuasse ali disponibilizando tempo e dedicação ao ofício (FONSECA, 2003).

No Brasil, a tatuagem feita com máquina elétrica foi introduzida pelo dinamarquês “Knud Harld Likke Gregersen” em junho de 1959 na cidade portuária de Santos. Ele ficou conhecido como “Lucky Tattoo” por afirmar categoricamente que suas tatuagens davam sorte. Ele mantinha sua loja próximo ao cais. Esta era uma zona boêmia, de prostituição na cidade e onde circulavam bêbados e usuários de drogas. Assim sendo, estabeleceu-se um estigma da tatuagem enquanto arte marginal, atravessada por preconceitos e discriminação que perduraram por décadas. Após 18 anos de trabalho em Santos, Lucky mudou-se para Itanhaém, onde residiu por 5 anos, até que novamente mudou-se para Arraial do Cabo, litoral norte fluminense, onde veio a falecer um ano depois (OSÓRIO, 2008). Lucky é considerado o fundador de um campo profissional no Brasil.

Atualmente, as concepções atribuídas à tatuagem são outras e atingem todas as camadas das populações brasileiras. O interesse e a aceitação da prática da tatuagem aumentaram em escala progressiva. No entanto, isso não significa que todos os valores associados a ela tenham se extinguido. Há uma série de valores que coexistem. O fato é que a tatuagem tornou-se nos últimos anos uma forma bastante difundida de adornar o corpo e vestiu-se de uma roupagem mercadológica.

Parece que a tatuagem está a serviço de alguns senhores. Um deles é a problemática da imagem e visibilidade, imperativos na atualidade. Nesse contexto, o ser visto tem um papel de destaque e a pele corresponde a uma grande vitrine na qual vão se expor vivências individuais. A ênfase depositada na imagem está intimamente articulada às formas como as pessoas se relacionam e mantém uma forte vinculação com a exterioridade. Neste ponto, pode-se dizer que essa exterioridade tem implicação na superficialidade das relações e a tatuagem poderia ser sua expressão. Vive-se num mundo onde há uma economia nas palavras e a imagem acaba por condensar e metaforizar isso que é da ordem do não dito. Benjamin (1994) em seu texto “O narrador”, aponta para essa falência quanto ao ato de narrar as experiências. Há uma dificuldade em verbalizar anseios, vivências e talvez essa dificuldade seja traduzida pela escolha por imagens a serem projetadas na pele.

Outro senhor a quem a tatuagem serve seria o próprio mercado. Nele, a tatuagem é uma mercadoria a ser consumida e uma série de saberes subsidia e incentiva essa prática. As condições materiais para a sua realização atualmente são outras. Começa a haver por parte de

alguns órgãos a regulamentação e fiscalização sobre essa prática e a consequência desse movimento é a sua extensiva popularização. Esse contexto é corroborado pelo movimento que coloca a tatuagem como possibilidade de constituição de um campo profissional.

2.3 Tatuagem enquanto campo profissional

Como apontado anteriormente, com a introdução de um instrumento elétrico para se tatuar novas condições se institucionalizaram nessa prática. A necessidade de uma localização fixa devido à necessidade de corrente elétrica foi talvez a mais importante. A partir dela, aparece a necessidade de se dedicar a prática para aperfeiçoar o controle sobre a máquina, os desenhos etc. Dessa forma, abre-se espaço para a construção de um campo de atuação a medida que se pode identificar um profissional (FONSECA, 2003). Há aqui uma passagem de um saber artesanal, manual para um conhecimento técnico que requer habilidade e maestria em sua execução.

A aprendizagem do ofício parece se dar principalmente através da observação, seguida de treino e aperfeiçoamento das técnicas. Para tal, é necessário que antigos profissionais ensinem para outros. Este fato implica numa restrição na passagem desse “saber” a outros, que acabam por se tornar “escolhidos” para a aprendizagem. Além disso, constrói-se um grupo mais ou menos fechado de pessoas que dominavam a técnica. Se há a transmissão de um saber por um lado, por outro, cresce o medo da concorrência. Como consequência da expansão da procura por tatuagens, muitos profissionais amedrontados com a concorrência deixavam de ensinar o que sabiam. Com isso, formas alternativas de aprendizagem foram sendo construídas, numa espécie de aprendizagem autônoma. Esses são movimentos paralelos quanto à transmissão e que perduram até hoje como pode ser visto no capítulo 4 através de entrevistas realizadas com tatuadores.

Os primeiros núcleos de crescimento e aperfeiçoamento da prática da tatuagem ocorreram primeiramente na Europa e depois nos centros urbanos dos Estados Unidos. Proliferaram diferentes estilos e públicos, com isso ampliou-se o campo de oferta e demanda da tatuagem, transformando-a paulatinamente numa prática profissional. Muitos desses “profissionais” se estabeleciam dentro de barbearias ou casas de bilhar (FONSECA, 2003). Apenas tempos mais tarde procuraram estabelecimentos próprios. Essa modificação é importante, pois formaliza um trabalho desvinculado de outras profissões ou mesmo estabelecimentos que de certa maneira direcionavam e limitavam o público que se tatuava. O

espaço próprio amplia a possibilidade de que outros públicos se apropriassem dessa prática também. Sabe-se, através da fala de alguns tatuadores¹⁴ que o início da carreira é bastante difícil, devido o alto custo de investimento nos materiais e na legalização do estabelecimento¹⁵. Este fator leva a muitos tatuadores iniciarem sua prática em locais alternativos, como suas próprias residências por exemplo.

As transformações da prática da tatuagem, juntamente com a apropriação social feita por vários grupos da contracultura auxiliaram para a sua disseminação e construíram um novo imaginário em torno dela.

No Brasil, o processo foi bastante parecido, porém de forma lentificada. O acesso a esse “saber” e ao instrumento “máquina de tatuar” era bastante limitado. Ele ficava na dependência de contato com tatuadores estrangeiros, que funcionavam como intermediários desta nova dinâmica na tatuagem. É esse o lugar que Lucky ocupa no Brasil, o de referência para novas gerações de tatuadores, através de uma aprendizagem informal.

Muitos tatuadores passaram a construir máquinas artesanais, como é o caso de Stopa. Ele é também um dos pioneiros da tatuagem moderna no Brasil. Aprendeu a técnica com Lucky e passou a produzir artesanalmente suas próprias máquinas, as quais aperfeiçoou paulatinamente e acabou por se tornar um dos principais fabricantes de máquinas de tatuar no Brasil (FONSECA, 2003). Trata-se de uma passagem de “agulhas caseiras” para máquinas elétricas.

O jornalista Toni Marques (1997) em seu livro “O Brasil Tatuado e Outros Mundos” descreve essa passagem:

Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadoras, vitrolas, aparelhos e barbear e aceleradores de autorama forma sacrificados em nome da arte. Assim que alguém conseguia uma máquina americana ou inglesa, tratava de desmontá-la e decifrá-la. Boa parte das máquinas usadas nas primeiras lojas veio dessa reciclagem (MARQUES, 1997, p. 192-193).

Na década de 80 identifica-se uma nova fase: o caráter comercial da tatuagem. Com estabelecimentos próprios, equipamentos importados, materiais descartáveis, e diversos catálogos e revistas de desenhos disponibilizados para clientes, a tatuagem passa a ter uma configuração mais comercial (MARQUES, 1997, p. 198) e tem conseqüências no exercício dessa prática.

Fonseca (2003) aponta que talvez a principal seja o seu processo de

¹⁴ Ver capítulo 4.

¹⁵ Ver ANEXO I.

institucionalização, tendo em vista que instalar uma loja implica numa série de exigências de ordem jurídica, comercial e sanitária para a obtenção de licença de funcionamento. Além disso, vale destacar o aumento do controle social e “legitimidade” da qual passa a se vestir. Esse movimento retira em parte o caráter marginal ao qual estava associado e se eleva o status do tatuador que se estabelece no mercado como um “profissional” ou de “expert”, que recebe visibilidade social.

A referida autora também relembra dois fatos que contribuíram para a mudança do status da tatuagem no Brasil: a canção “Menino do Rio” de Caetano Veloso e o fim da Ditadura Militar. O primeiro faz parte de “*uma nova perspectiva social e cultural*” (FONSECA, 2003, p. 27) no fim da década de 70 e início da de 80. A música “Menino de Rio” fez enorme sucesso na época, tocando nas rádios de todo o Brasil e sendo tema musical da novela “Água Viva” da Rede Globo. Nessa música Caetano Veloso falava da tatuagem¹⁶ que um conhecido surfista de Rio de Janeiro, José Arthur Machado também conhecido como Petit, fez no braço. Essa canção teve enorme impacto, pois desvelava a inserção da tatuagem em meios distantes das ditas “marginalidades”, eram os surfistas de classe média do Rio de Janeiro. Estes por sua vez eram objeto de desejo pelos seus corpos “*jovens, atléticos e sensuais*” (FONSECA, 2003, p. 28).

Segundo Marques (1997) a novela “Água Viva” consistiu numa grande vitrine que ajudou a transformar a tatuagem “*num fato socialmente aceitável e desejável, até certo ponto, dentro de certos círculos*” (p. 189). O autor faz ressalva ao utilizar as expressões: “certo ponto” e “determinados círculos”. Trata-se do início da popularização da tatuagem, e isso de forma alguma extinguiu toda a história de preconceito da qual ela era, e ainda em parte é, envolta.

Em segundo lugar, com o fim ditadura militar, inicia-se uma fase de maior liberdade de expressão que acabam por legitimar algumas práticas alternativas, como as da tatuagem. Associa-se a isso, um movimento mais amplo quanto as formas de se relacionar com o corpo, em que as “modificações corporais” correspondem a um novo estilo, de novas construções que identificam o sujeito contemporâneo.

A reconstrução do novo cenário da tatuagem envolve uma aproximação à clínica médica. Na década de 90 ganham destaque a brancura do piso e das paredes, a austeridade dos objetos e a presença de móveis clínicos, bem como uma sala de esterilização, equipada com instrumental necessário (FONSECA, 2006). Esse estilo mais *clean*, recria o visual para a

¹⁶ “Menino do Rio/ calor que provoca arrepio/ dragão tatuado no braço/ calção, corpo aberto no espaço...”

prática da tatuagem, e acaba por atrair novos públicos. Essa prática chega às classes média e alta, que pagam bem pelo custo de um serviço¹⁷ cada vez mais sofisticado e estetizado. Essa aproximação com a clínica segundo preceitos médicos sem dúvida contribuiu para a modificação da imagem social da tatuagem, já que evocam sentimentos de confiança, tranquilidade e segurança em relação ao serviço que está sendo oferecido.

É nessa direção que também se observa um novo conceito da prática. O tatuador não é mais um “marcador de pele”; trata-se de um profissional que usa a superfície do corpo como expressão de arte. Há um reconhecimento social no sentido de ser agora um *expert*, um especialista na matéria. E a tatuagem sai do lugar de marca contestadora, de desvio, para se configurar como expressão artística.

Percebe-se dessa forma, que há uma mudança quanto aos valores, o *status* e lugar social e cultural que caracterizavam o exercício da prática da tatuagem através do:

- público alvo, já que antes se restringia a uma população marginal e agora abrange outras categorias sociais;
- o perfil do tatuador, que passa de amador para profissional;
- e o caráter da tatuagem, antes estigma e atualmente concebida como arte e forma de expressão.

Estas são mudanças complexas, tendo em vista um longo histórico de marginalização, desprestígio e condenação da prática da tatuagem. Como foi visto, foi notória a sua expansão nos últimos tempos. No entanto, isso não é equivalente de substituição de valores e representações associados ao uso e prática da tatuagem. Trata-se de um movimento de mudança em curso. A tatuagem tem causado entusiasmo, curiosidade, visibilidade e interesse em alguns, mas continua para outros a estar relacionada a grupos marginais, a criminosos, a desrespeito ao corpo. Essas perspectivas coexistem e podem ser avaliadas no contexto no qual se manifestam.

Percebe-se que esta dinâmica reterritorializa o lugar que a tatuagem ocupa na atualidade. Sua aceitação está relacionada também com o movimento mais amplo que acomete a sociedade, como a ênfase dada à imagem, o lugar privilegiado do corpo, a aceleração do tempo. Essa discussão é importante e será encaminhada no próximo capítulo.

¹⁷ Ver ANEXO II.

CAPÍTULO 3

ENTRE LINHAS, CORES E SENTIDOS...

“Mas não deixa de ser fascinante esta nova forma de arte, feita não em papel ou tela (...) mas na pele do corpo. (...) Arte feita com cicatrizes.”
(Luis Fernando Veríssimo)

Na sociedade ocidental contemporânea o corpo tem ocupado um papel de destaque. Ele triunfa pelas exigências, mensagens e apelos dos quais é objeto. Imagens de corpos “sem defeitos”, jovens, bonitos, malhados são veiculados nas capas de revistas, nos outdoors, na televisão, no cinema, nas clínicas de estética, nas academias. Configura-se um sistema que incentiva o enquadre numa serialização de imagens, seguindo determinados padrões.

Há toda uma produção, construída socialmente, que enfatiza uma série de procedimentos quanto a cuidados corporais e modificação do mesmo. Este último tem atingido altos níveis, tanto no que se refere à sua presença crescente na população, quanto aos limites que as diferentes técnicas de modificação chegam a atingir. São diversas as práticas cosméticas, biomédicas e estéticas às quais o corpo é constantemente submetido na sociedade contemporânea. Ortega (2006) nos adverte que *“o imperativo do cuidado, da vigilância e da ascese constante de si, necessário para atingir e manter os ideais impostos pela ideologia da saúde exige uma disciplina enorme”* (p. 45). Sendo assim, não é suficiente um corpo, ele deve ser um corpo perfeito. É como se ele correspondesse a uma matéria bruta a ser esculpida segundo o *“design do momento”* (LE BRETON, 2008, p. 28).

Neste contexto, os avanços técnico-científicos estão colocados a disposição daqueles que quisessem “salvar” o corpo da sua imperfeição “natural” (LE BRETON, 2008), atuando com eficácia para sua reconstrução e aperfeiçoamento. A carne e a pele correspondem à vitrine e à propaganda que se faz de si mesmo. Esses dois elementos são fundamentais para uma sociedade que se apóia na aparência, no espetáculo, na performance. O corpo seria, portanto, nas palavras de Le Breton, um acessório da presença.

Se essas práticas colocam o corpo num lugar de centralidade, no sentido de que é palco para diversas modificações, levando ao limite do esgarçamento da carne, dos músculos, da pele, em que medida se pode por outro lado escapar da serialização, do molde, da superficialidade da aparência? É possível que o corpo seja apenas massa amorfa a espera de

receber um formato instituído socialmente? Será que o corpo não pode se libertar dos constrangimentos sociais e ser tomado como lugar de emancipação?

Estas são perguntas importantes para garantir a reflexividade do tema. Acreditar que o corpo é pura reprodução é deixar de lado a sua potência criativa. É fato que ele tem sua instrumentalidade social, porém é lugar de agenciamentos, de criatividade. É nisso que está a aposta deste texto.

Nessa direção, Ortega (2008) analisa as abordagens relativas às modificações corporais em geral e dentre elas encontra-se a tatuagem, objeto de interesse deste estudo. Ele destaca que não se trata de uma moda superficial, em que se incorporam elementos exóticos, difundidos nas sociedades de consumo, nem se trata de alguma forma de patologia, mas consistem numa saída encontrada pelos sujeitos para encontrar âncoras para o *self*. Corresponderia, dessa forma, a um ponto de permanência, de estabilidade e pertencimento socioculturais.

O referido autor (2006) atesta que se vive num processo denominado por ele de “*somatização da subjetividade*” (p. 46). Neste processo, o corpo é objeto da visão e passa a haver uma equivalência entre corpo e *self*, como se houvesse uma transmutação do mundo interno para a superfície da pele. Sendo assim, a aparência do corpo ocuparia lugar central para a noção de auto-identidade. Este investimento no corpo seria uma necessidade, tendo em vista a grande insegurança vivida atualmente. Para o autor, o corpo estaria frente à ambigüidade entre a busca solitária pela autenticidade e a coletiva de pertencimento social. Em suas palavras: “*constituem um esforço no sentido de fugir da cultura da aparência e de recuperar uma dimensão do vivido corporal*” (ORTEGA, 2006, p. 49). Esta afirmação é curiosa tendo em vista que a aposta está em “fugir” da superficialidade atribuída à aparência, no entanto, isto se dá, no caso das modificações corporais, na superfície da pele, onde se reforça a atração pelo olhar do outro. Sendo assim, a aparência e a superfície continuam em jogo, porém num processo diferente. Não se reforça a efemeridade e instantaneidade, mas a permanência.

É possível que o investimento no corpo corresponda a uma resposta do indivíduo à “*desestruturação dos laços sociais, ao afastamento do outro e à perda dos valores e significados coletivos que estruturavam o mundo simbólico do indivíduo*” (ORTEGA, 2006, p. 52). Essas perdas exacerbam o sentimento de insegurança, levando na procura da realidade corpórea dos acontecimentos, faz-se sentir literalmente na pele. Para Ortega (2006, p. 53): “*a marca corporal representa a procura de autenticidade, de uma localização real de nossa essência na sociedade da aparência*”. Isso faz sentido entendendo que a aparência do corpo

tem implicações na identidade pessoal. Essas marcas dão uma localização corporal específica à identidade subjetiva. Elas atestam uma realidade permanente ou semi-permanente e levando-se em conta que se tratam de processos que envolvem inclusive dor, sangramento e cuidados posteriores, não participam de uma lógica de consumo do tipo “prateleira de supermercado”. Obviamente são práticas atravessadas atualmente por uma lógica mercadológica. Não se trata de negá-la. Mas apontar que há uma especificidade, já que está a serviço de uma simbolização.

Essa passagem do que seria da ordem simbólica para o real se dá pelo e no corpo (ORTEGA, 2003). Vive-se num momento onde o imediato se tornou uma dimensão temporal quase tirânica. O presente é enfatizado e o corpo é tomado pela sua realidade incontestável. Nesse caminho, entra em cena, no momento da feitura da tatuagem, uma vivência sensorial que envolve dor e prazer. A superfície do corpo constitui um lugar privilegiado de sensações, que estabelecem, pois, um *“limite senso-perceptivo delineador de uma unidade”* (MOREIRA; TEIXEIRA; NICOLAU, 2010, p. 592). A tatuagem pode oferecer para o sujeito uma identidade de superfície. Sentir-se vivo é sentir na pele sua existência. E a tatuagem leva ao extremo essa consideração. Inscreve-se na pele a própria história do sujeito. Essas produções acabam por atestar uma existência.

Frente à desestruturação dos laços sociais e ao distanciamento do outro, apontados anteriormente, somados à perda da capacidade de narrar (BENJAMIN, 1994), a superfície da pele funciona como um modo de comunicação. Trata-se de um recurso diante da falência do simbólico, e é isso que as “marcas no corpo” segundo Ortega (2004), corresponderiam. Para esse autor, se não se pode mudar o mundo, resta mudar o próprio corpo. A este último ele aponta como *“o único espaço que restou à utopia, à criação”* (p. 252). À medida que pouco se usa das palavras, registra-se no real do corpo os acontecimentos.

Os sentidos atribuídos as tatuagens são muitos e possivelmente nem todos possuem uma clareza quanto ao motivo e o que representa, mas percebe-se que se trata de uma dominação da dor e do corpo. Possivelmente, existe um prazer nessa dominação do corpo e da dor. Há, portanto, uma reivindicação de experiência tátil e sensorial. Esta divide a cena com o lugar privilegiado que a visão apresenta na sociedade atual.

3.1 Corpo, pele, superfície

Segundo Freud (1905), o corpo não está dado quando um bebê nasce. Ele se constitui a partir de um traçado pulsional que se inicia com primeiros cuidados recebidos da mãe, ou de quem ocupa essa função. Assim que nasce, o bebê encontra-se quase totalmente desamparado e desorientado, dependente de cuidados para que sobreviva. Aos poucos passa a ser capaz de fazer as primeiras diferenciações de estímulos provenientes do mundo externo e outros do mundo interno. Iniciando um processo de reconhecimento do próprio corpo.

Freud é enfático ao afirmar que o bebê extrai um prazer sexual ao ser manuseado nos primeiros cuidados maternos. Cada região do corpo do bebê, estimulada pelo Outro materno, é marcada a partir das sensações prazerosas que surgem, ganhando o status do que Freud denominou de “*zonas erógenas*”. Estas seriam, portanto, partes do corpo às quais se associam experiências de satisfação sexual.

O referido autor nos mostra que o corpo é formado à medida que o bebê começa a ordenar o caos pulsional a partir da distinção entre dentro e fora e entre prazer e desprazer. Essa distinção só é possível fazer a partir das trocas de experiência que tem com o mundo à sua volta. O corpo erógeno começa, dessa maneira, a ser delimitado tomando forma.

Sendo assim, o corpo na teoria psicanalítica coincide com a própria trajetória do desenvolvimento do aparelho psíquico, assim como a constituição do Eu visto como uma entidade organizada, e diferenciada do Isso, sendo ele um lugar de inscrição do psíquico e do somático. Segundo suas próprias palavras: “*o Eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície*” (FREUD, 1923, p. 40).

Essa configuração só é possível a partir do momento em que se pode perceber um corpo unificado, uma imagem corporal unificada que represente o sujeito. A esse momento Freud (1914) chama de narcisismo. Freud definiu o narcisismo como o movimento de afastamento da libido dos objetos do mundo, acarretando o seu direcionamento ao eu. Este, então, passa a ser o destino das catexias libidinais. No narcisismo, portanto, o eu é o objeto de investimento da libido. Nesse processo, o sujeito assume a imagem do seu próprio corpo como sua e se identifica com ela.

Nessa mesma direção, Didier Anzieu (1989) formula o conceito “Eu-pele” através do qual postula as experiências iniciais da criança e sua noção do Eu a partir das experiências da superfície do corpo. Para o autor, a pele possui ao mesmo tempo um dado de origem orgânica e outra imaginária. Estas funcionam como um sistema de proteção e de formação da individualidade.

Posso agora precisar minha concepção do Eu-pele. O círculo materno é assim chamado porque ele 'circunda' o bebê com um envelope externo feito de mensagens e que se ajusta com uma certa flexibilidade deixando um espaço disponível ao envelope interno, à superfície do corpo do bebê, lugar e instrumento de emissão de mensagens: ser um Eu é sentir a capacidade de emitir sinais ouvidos pelos outros (Anzieu, 1989, p. 87).

Para Anzieu (1989), a concepção do Eu-pele responde à necessidade de um “*envelope narcísico*”, de uma continência, sustentação e de manutenção do psiquismo. Trata-se de uma estrutura intermediária do aparelho psíquico entre a mãe e o bebê. A pele enquanto essa membrana que dá continência é a via para se equacionar um posicionamento entre um “eu” e um “não-eu” do bebê.

Sabemos que o corpo e o Eu são indissociáveis, um se constitui apoiado no outro. No entanto, Freud aponta a necessidade de haver uma noção corporal para a constituição do Eu. Parece, dessa forma, que nos primórdios da constituição do Eu, o corpo era anterior. Anzieu, por sua vez, através da idéia de Eu-pele atesta que a pele devido a sua estrutura e funções é “representante” do eu antes de sua formação propriamente dita. O Eu-pele seria a condição necessária para o desenvolvimento tanto da noção corporal quanto da constituição do Eu. Em suas palavras: “*toda função psíquica se desenvolve com o apoio de uma função corporal, cujo funcionamento se transpõe para o plano mental*” (ANZIEU, 1988, p.127).

Para a pele, o referido autor atribui diversas funções, das quais aqui se destacam três. Na primeira, ela corresponde a uma bolsa que contém e retém no seu interior o “bom e o pleno”, garantidos pelos cuidados maternos como o aleitamento, por exemplo. No segundo, função de demarcar o limite com o externo e garantindo proteção contra possíveis agressões externas. No terceiro, exerce a função de comunicação com o meio.

Ao mesmo tempo em que a pele reveste e protege, é através dela que se estabelece a comunicação com o externo. Ela ancora o que é da ordem do sensorial e se deixa marcar pelas feridas, que inclusive deixam cicatrizes. Ela apresenta um lado interno e outro externo apesar de se tratar da mesma estrutura (OSÓRIO, 2006). Ela protege o Eu interno, mas também é sensível ao mundo externo e acumula marcas provenientes da relação do Eu com o Mundo Externo.

Desta origem epidérmica e proprioceptiva, o Eu herda a dupla possibilidade de estabelecer barreiras (que se tornam mecanismos de defesa psíquicos) e de filtrar as trocas (com o Id, o Superego e o mundo exterior) (ANZIEU, 1989, p. 62)

A instauração do Eu-pele, portanto, assegura ao aparelho psíquico uma sustentação dupla: para o corpo biológico e para o corpo social. Tendo em vista que a pele faz esse

contorno e mediação com o mundo externo, e registra as marcas das relações entre eles, de que se trata quando se faz atualmente uma marca voluntária como a tatuagem?

3.2 Bordas, libido e tatuagem

Segundo Ana Costa (2003) as tatuagens, dentre outros tipos de modificação corporal, são marcas a serviço de uma borda: “... *esse recorte tem a ver com a erotização e sua necessidade de suporte no Outro*” (p. 17). É através das bordas que se faz mediação com o ambiente, com o outro e com a realidade.

Nesse sentido, essas práticas teriam relação com a constituição psíquica e remontam a estágios precoces da construção do Eu, nos quais a superfície da pele constitui espaço para inscrição psíquica. Sendo assim, esse bordejamento toma um caráter erótico à medida que sensibiliza novas zonas, fazendo encarnar no corpo esse irreal¹⁸ que é a libido. Para Lacan (1998[1964]):

uma das formas mais antigas de encarnar no corpo, esse órgão irreal, é a tatuagem, a escarificação, O entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros. E, ao mesmo tempo, ela tem, de maneira evidente, uma função erótica, de que todos aqueles que abordaram sua realidade se aperceberam (LACAN, 1998 [1964], p. 195).

Se a tatuagem sensibiliza novas zonas e encarna no corpo a libido, ela dá suporte a algo inapreensível, “*como pode ser o traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito, conferindo ao mesmo tempo erotismo a seu funcionamento corporal*” (COSTA, 2003, p. 19). Isso quer dizer que as marcas corporais apontam um funcionamento que envolve a produção de recortes, denunciando a necessidade constante de reconstituição dos nossos orifícios, ou seja, mostrando que não funcionam de forma natural. Estes, por sua vez compõem a erotização resultante do funcionamento das pulsões.

Assim sendo, a referida autora atesta que a tatuagem poderia ser um representante daquilo que tem “*um valor totêmico*”. Este, por sua vez, faria com que o corpo e sua representação tivessem um caráter singular na medida em que está associado a um traço que

¹⁸ Lacan aponta que irreal não quer dizer imaginário. Ele “se define por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente o que exige que sua representação seja mítica (...) Mas, por ser irreal, isso não impede um órgão a se encarnar” (1985, p. 195).

captura o olhar do outro. Apresenta também um caráter coletivo porque esse olhar pode ocupar um lugar que confere identidade. Todo esse caminho de reconstituição das bordas corporais ancora a circulação social do corpo, atribui o sentimento de sentir-se num “lugar”, representado e amparado. Além disso, revelam a necessidade de algo que atualize a impressão primária das marcas corporais. Essa impressão é resultado da entrada na linguagem. Um bebê antes mesmo de se apropriar da fala é introduzido num mundo discursivo que o invade e atravessa seu corpo. Dessa forma, essa impressão revela o registro corporal de um símbolo, e também a experiência corporal de prazer/desprazer apontada por Freud como essencial à incorporação de uma representação.

Tomando a consideração que Lacan (1998 [1957], 1998[1964]) postulou através das indicações clínicas freudianas quanto à manifestação do inconsciente pela via de formações simbólicas na fala e escrita, tem-se que “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*” (1998[1964], p. 142). Essa premissa é um artifício lacaniano para dar conta de um sujeito entendido como efeito de uma estrutura tramada pela lógica do significante. Não se trata do inconsciente em si ser uma linguagem, e sim que os seus mecanismos são mecanismos da linguagem. O inconsciente consiste, portanto, numa cadeia de significantes que se repete e se manifesta numa série de fenômenos. Seguindo essas idéias, o sujeito estará para sempre referido ao campo da linguagem e dos significantes. Ele afirma: “*um significante é o que representa um sujeito para outro significante*” (LACAN, 1998[1964], p. 197). Em si mesmo não significaria nada, o sujeito surge como efeito da relação entre eles. Seu advento se dá em emergências pontuais entre um significante e outro e neste contexto o corpo seria o suporte para o significante, ele seria feito para ser marcado pelo Outro, campo onde o sujeito se constitui.

A primeira marca do surgimento do sujeito a partir do significante Lacan chama de traço unário. Quanto a isso, “*o traço unário, o próprio sujeito a ele se refere, e de começo ele se marca como tatuagem, o primeiro dos significantes*” (LACAN, 1998[1964], p. 135). Opera, portanto no nível da contagem, instituindo uma diferença que singulariza o sujeito (COSTA, 2003).

É nesse aspecto que se pode afirmar que a tatuagem está intimamente relacionada à constituição subjetiva e funciona como suporte de identificação imaginária (MOREIRA; TEIXEIRA; NICOLAU, 2010). Nas origens de cada sujeito, o corte da linguagem marca a superfície e segue-se o traço unário, suportes das identificações imaginárias, que tem a função de preencher e recobrir a marca, tornando-a visível. O real se perde. O traço se inscreve. A

cicatriz corresponde ao recobrimento, revestimento e integração feitos pelo imaginário, assegurado por várias operações de alienação e separação.

Em outro lugar, Lacan (1998 [1966]) mostra como o corpo é marcado por traços, por vezes invisíveis e incompreensíveis, mas que também se expressam por materialidades, e que tem um destino. Buscam um “*endereço de uma leitura*” (COSTA, 2003, 20).

Fazendo referência à pulsão, Lacan (1998 [1966]) diz:

Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é definitivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grillão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia. (LACAN, 1998 [1966], p. 818).

Com essa metáfora da pulsão como um escravo mensageiro, que desconhece a mensagem e é condenado à morte ao chegar ao seu destino, opera-se uma ligação entre olhar e endereçamento de um pedido de decifração, determinando um destino. É nessa direção que é importante pensar a tatuagem enquanto uma escrita com endereço.

3.3 Dimensões do olhar e endereçamento

Se a tatuagem bordeja novas zonas corporais e se comporta como uma escrita, ela também envolve mostração a um outro. Endereça um enigma e mensagem. Carrega algo daquele sujeito que a fez. Sujeito que emerge, na verdade, como efeito da mostração desse enigma a um outro. Nessa direção, a tatuagem, assim como outras modificações corporais, poderia ser considerada um sintoma, já que estão sempre a serviço de um pedido de decifração. É importante ressaltar que não se trata de generalizar e atribuir essa condução para todos aqueles que se colocam a serviço dessa prática, mas apontar um caminho possível de entendimento sobre ela. As motivações que levam às pessoas a se tatuarem são muitas, elas podem estar a serviço de uma experiência vivencial, mnêmica, simplesmente estética, ou como forma de repetição de um significante no corpo ou ainda como possibilidade de elaboração, como será visto no capítulo subsequente através da fala dos entrevistados.

Independente das motivações envolvidas na feitura de uma tatuagem, o fato é que ela evoca o olhar de um outro, a mostração está a serviço do gozo escópico. A tatuagem libidinizava o corpo num movimento incansável de capturar o olhar do outro. Em psicanálise, o olhar

inscreve e marca o sujeito, estando assim, para além da visão enquanto um dos sentidos. À medida que a tatuagem faz marca no corpo, ela promove o surgimento de um novo corpo como imagem, a partir da qual o sujeito vai ser olhado pelo outro, onde o sujeito escópico pode surgir.

Freud (1905), nos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” aborda essa questão da pulsão e do prazer de ver a partir do par *voyeurismo*-exibicionismo. O mesmo ocorre no seu texto “*As pulsões e os seus destinos*” (1915). Esse par encontra-se em jogo na relação em que as pessoas estabelecem ao se realizar uma tatuagem uma vez que evoca o prazer de ver.

Neste último texto, Freud aborda esse par de opostos *voyeurismo*-exibicionismo, para descrever dois destinos das pulsões: a “reversão no contrário” e o “voltar-se para a própria pessoa”. Na primeira, a “reversão ao contrário” há uma substituição da meta ativa pela passiva. Isso significa dizer que há uma passagem do “olhar” para o “ser olhado”. No que se refere ao segundo destino, a “volta contra a própria pessoa”, Freud aponta que o “*exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo*” (1915, p. 65). Nesse caso, há a mudança no objeto, mas não na meta.

Sendo assim, no que se refere à pulsão de ver, Freud (1915) concebe três estágios: a) “olhar como atividade dirigida a um outro objeto” (p. 67); b) “o abandono do objeto, a volta da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão em passividade e a constituição da nova meta: ser olhado” (pp. 67, 68); c) “a introdução de um novo sujeito, ao qual o indivíduo se mostra, para ser olhado por ele” (p. 68). Teríamos em Freud a constituição de um circuito em três vias: a ativa – olhar; a passiva – ser olhado; e a reflexiva fazer-se ser olhado.

Quanto a isso, Lacan (1964) aponta que para que o circuito pulsional escópico se feche são necessárias as três etapas. A última fecha o curso circular da pulsão na sua busca por satisfação, fazendo emergir um sujeito.

É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também *por não aparecer*, – num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* [um novo sujeito], que é preciso entender assim – não que ali houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão (p. 169).

Retornando a Freud (1915), mesmo definido as três etapas da pulsão escópica como: *olhar / ser olhado / fazer-se ser olhado*, ele aponta um estágio preliminar à etapa ativa do olhar. A etapa preliminar, Freud chama de narcisismo, durante a qual as pulsões sexuais têm

satisfação autoerótica. Assim sendo, na pulsão de olhar o prazer envolvido tem o próprio corpo como objeto.

Difícilmente se duvidaria também que a meta ativa surge antes da passiva, que olhar precede ser olhado. Mas uma divergência significativa em relação ao sadismo está no fato de de que no instinto de olhar se reconhece um estágio ainda anterior àquele designado com *a*. Pois o instinto de olhar é autoerótico no início de sua atividade, pode ter um objeto, mas encontra-o no próprio corpo. Apenas depois ele é levado (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um análogo no corpo alheio (...) Então, temos que dizer, sobre o estágio preliminar do instinto de olhar, em que o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ele pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica. A partir dele se desenvolve o instinto ativo de olhar, à medida que abandona o narcisismo, mas o instinto passivo de olhar se atém ao objeto narcísico. (pp. 68; 70)

Pela fala freudiana, a passagem de uma forma a outra significa um retorno ao objeto narcísico. Sendo assim, “*o sujeito narcísico é trocado, mediante a identificação, por um outro Eu.*” (FREUD, 1915, p. 70). O que está em jogo nos destinos das pulsões é que para se converterem em ativo ou passivo, há a dependência da organização narcísica do Eu e “*carregam a marca dessa fase*” (p. 71).

Parece que a tatuagem, enquanto uma manipulação corporal tem esse caráter narcísico. Antes de mostrar o corpo modificado para um outro, a pessoa admira-se a si própria. E há prazer neste ato. Num momento posterior, quando se exhibe o corpo a um outro, o “*sujeito narcísico é trocado, mediante a identificação*” com esse outro. Há um movimento de fazer-se ser olhado por um outro que também fornece prazer.

Cabe aqui tratar brevemente do registro do espelho de Lacan (1949). Para ele, a imagem do corpo próprio constitui-se em espelho, na relação especular do sujeito com o outro. O estágio do espelho está intimamente relacionado às funções do Eu, à medida que sua constituição depende de uma imagem que faça continência às pulsões e ao caos que se encontram enquanto o sujeito ainda é um bebê. Lacan propõe compreender esse estágio “*como uma identificação*” (p. 97). Quanto a isso, sua intenção é a de apontar a transformação que se dá no sujeito quando uma imagem é construída/ assumida.

Esse estágio seria, portanto o momento fundador e constituinte do Eu como imagem de si mesmo. No entanto, corresponde também a uma ficção:

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la (p. 98).

Trata-se de uma imagem enquanto virtualidade. Esse processo se dá num momento em que o bebê ainda não tem conhecimento de seu corpo como totalidade diferenciada do mundo exterior. Inicialmente não é o seu próprio corpo que ele percebe no reflexo do espelho. Seria a de um outro enquanto imagem fictícia. A imagem total do seu próprio corpo apenas se precipitaria, pela via da identificação. A partir daí é possível se reconhecer aquela imagem como uma totalidade do corpo próprio. Tal concepção de corpo envolve dessa maneira, os níveis: imaginário e simbólico. A imagem constitui uma mediação na constituição do Eu, mas anterior e sustentando esse processo está o investimento pela palavra dirigida ao bebê, onde se inicia a cadeia simbólica do sujeito.

Sendo assim, o ato de tatuar-se e modificar o próprio corpo têm implicações na imagem de si mesmo. Faz surgir um novo eu, em espelho. Esse novo corpo captura o olhar do outro e faz emergir um novo sujeito. É imprescindível, portanto um outro para que essa relação se estabeleça.

3.4 Inscrição, escrita e tatuagem

Desenhos, cores, ilustrações, enfim... marcas. Marcas estas que sugerem que a pele se transformou em uma tela branca, sobre a qual pode-se projetar o que quiser. O corpo se torna um corpo-mensagem, que cada vez menos passa despercebido. Ele perdeu sua dimensão de intimidade. Ele, antes de tudo, se mostra.

Nessa direção, o corpo funciona como um meio de comunicação, através do qual o sujeito exterioriza seus afetos, fantasias e desejos. E através da tatuagem, inscreve-se, literalmente, a história do sujeito. Nesse sentido, seu corpo não mostra apenas os sinais da idade, ou sinais de sua história, mas revela as marcas que escolheu fazer e que num momento específico, para o sujeito, tem um sentido.

Para Ortega (2003) essas inscrições no corpo representam uma falência do simbólico, em que há a necessidade de registrar no real os acontecimentos dispensando, pois, as palavras.

(...) As modificações corporais constituem uma radicalização do real: quando a ordem simbólica não produz mais a ordem social, o simbólico é reduzido ao real, ele é incorporado, encarnado. A passagem do simbólico ao real acontece pelo e no corpo. A autenticidade e a realidade são materializadas na marca corporal como uma forma de existir que dispense as palavras. (ORTEGA, 2003, p. 6).

Walter Benjamin em seu texto “O Narrador” (1983) aponta que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção, como se estivesse em processo a privação da faculdade de “intercambiar experiências”. Estas últimas parecem estar deixando de ser comunicáveis. O ato de narrar envolve tempo e um outro que possa ouvir o que se tem a dizer. Essas duas condições pouco estão presentes no dia a dia. O imperativo do tempo que enfatiza o imediato impede que isso se dê.

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (BENJAMIN, 1983, p. 57)

Percebe-se na atualidade uma característica que é muito mais informativa que narrativa. A informação evoca a possibilidade da verificabilidade e o compromisso com o momento, com o novo. Com a passagem do tempo, dessa maneira, ela perde o seu caráter de novidade e o seu valor. O mesmo não seria atribuído a narrativa, a qual mantém sua força e valor com o passar do tempo, podendo ter ressonâncias e desdobramentos para aqueles que com ela tem contato.

O mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo. (BENJAMIN, 1983, p. 62)

Frente a essa decadência quanto à possibilidade de através da fala poder externar o que se sente, o corpo passou a ser palco para diversas formas de expressão. Não se trata de atestar que antes o corpo não era um suporte para expressão. Em outros momentos deste trabalho justamente o contrário foi argumentado. O corpo sempre foi suporte para práticas sociais e o tratamento dado a ele corresponde a manifestações de modos de subjetivação próprios a cada contexto sócio-histórico em que está inserido. O que há na atualidade é uma hipervalorização do corpo humano como sede de acontecimentos e fonte de prazer. Além disso, ele deve ser visto e apreciado e nessa medida, a imagem toma uma proporção e importância bastante grandes.

Tendo em vista essa centralidade do corpo para as subjetivações contemporâneas, a tatuagem torna-se um recurso para se marcar a realidade das experiências literalmente na carne. É o que Ortega (2006) argumenta quanto às modificações corporais na cultura

contemporânea. Ele soma os efeitos da centralidade extrema da corporeidade com a questão do enfraquecimento dos vínculos sociais e com isso, o investimento no corpo seria a procura da realidade das marcas corporais. Sendo assim, a tatuagem é entendida aqui enquanto forma de linguagem, implicada na busca de identidade e expressão do sujeito.

A teoria freudiana se inicia a partir dos questionamentos quanto aos efeitos do inconsciente sobre o corpo e implica numa leitura sobre ele. As histéricas produziram uma interrogação fundamental a partir do sentido velado em seus sintomas conversivos, manifestos no corpo. No texto *“Considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras histéricas e orgânicas”*, Freud (1893) aponta as diferenças entre o corpo concebido pela medicina e a singularidade do corpo no campo da histeria. Este último compatível aos interesses da psicanálise. Ele denuncia o que há de particular no campo subjetivo: *“(…) nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta”* (p. 234).

Não se trata, portanto, de tomar o corpo enquanto puro e simples organismo. Ao contrário, compreender que o corpo se organiza em torno das zonas erógenas que lhe confere uma anatomia própria e destaca sua singularidade. Sendo assim, ele é atravessado pela linguagem, o que significa dizer que o corpo existe também fora das sensações táteis.

Tomando a tatuagem como promotora de novos bordejamentos e que libidiniza essas novas zonas, tem-se que há algo da constituição psíquica daquele sujeito que é inscrita na pele. Foi visto nos tópicos anteriores que a superfície da pele se relaciona intimamente com a construção do Eu, para a noção corporal e que a sua modificação tem implicações na sua constituição psíquica, já que podem estar remontando a momentos precoces da construção do Eu. Parece dessa maneira que o corpo ocupa um lugar privilegiado de manifestação e comunicação de “conflitos” de ordem psíquica.

Isso que se inscreve literalmente na pele, através da tatuagem, trata-se de uma escrita, ou melhor, de uma reescrita, de uma tentativa de resgate da inscrição inaugural. Esta, por sua estrutura, é impossível de ser resgatada. Através dessa escrita encarnada é possível notar indícios daquilo que se repete como traço na história particular do sujeito que a faz. Como se vê, há uma escrita no corpo que está na sua origem – que é inaugural na linguagem - e outras inúmeras que se inscrevem ao longo da história do sujeito. Nesse caso, o corpo é tomado de empréstimo como tela para que outras escritas se depositem.

3.5 A inscrição e a dor

A tatuagem encontra-se dentre as modificações corporais voluntárias. E este acople do corpo não é isento de dor. Até o momento, a única forma de se realizar uma tatuagem é fazer entrar na pele agulhas que vão injetar tinta. Sendo assim, dói, arde, machuca, sangra. As descrições quanto às sensações táteis envolvidas podem ser variadas, porém não negadas. Já foi tratado anteriormente que a busca pela realização de tatuagens se relacionam com necessidade de sentir na pele a realidade das experiências. Há uma forte marca do caráter sensitivo da existência.

Essa escolha chama a atenção, tendo em vista que se vive numa sociedade em que a dor deve ser evitada ou suprimida a todo custo. Há um movimento atual de anestesiá-la, medicalizá-la e controlá-la, que está diluída no cotidiano das pessoas. Mesmo assim, há um aumento significativo de pessoas que procuram estúdios para tatuarem-se nos últimos anos.

Retomando Freud (1915) no que concerne ao funcionamento pulsional, tem-se que a atividade do aparelho psíquico está submetida ao princípio do prazer. Isso quer dizer que é regulada pelas sensações de prazer e desprazer. Esta última está relacionada com o aumento dos estímulos e o prazer com a redução dos mesmos. Nesse sentido, a pulsão teria como meta a sua satisfação. No entanto, o referido autor, anos mais tarde, no texto *“Além do princípio do prazer”* (1920) apresenta uma diferença quanto a concepção do corpo pulsional para a psicanálise. Freud constata que a rigor não seria o princípio do prazer a dominar o curso dos processos psíquicos, tendo em vista que nem todas as experiências são acompanhadas ou conduzem a um estado de prazer. Ele atesta uma *“forte tendência ao princípio do prazer”* (p. 165), mas não a sua garantia.

Freud caracteriza esse princípio como um modo de funcionamento primário do aparelho psíquico e que frente às dificuldades do mundo externo é substituído pelo *“princípio de realidade”* (p. 165). Este, por sua vez, não abandona a intenção de atingir o prazer, porém *“exige”* e *“adia”* a satisfação, *“renuncia”* a possibilidades de obtê-la e *“aceita”* temporariamente o desprazer. Ele é, portanto uma das fontes de origem do desprazer. A outra fonte de origem trata-se dos *“conflitos e cisões dentro do aparelho psíquico, enquanto o Eu perfaz seu desenvolvimento rumo a organizações mais complexas”* (p. 166). Freud aqui se refere às pulsões que incompatíveis nas suas metas ou exigências com outras são segregadas da unidade do Eu por meio da repressão e que por isso ficam impossibilitadas de serem satisfeitas.

Se utilizando das descrições do funcionamento dos sintomas neuróticos e o jogo do *fort-da*, realizado pela criança que sente pela ausência da mãe, Freud desenvolveu o conceito de compulsão à repetição. Foi o que mais tarde Lacan (1959-60) conceituou como gozo. Há uma repetição de algo que é da ordem do não prazer. Ou pelo menos, não concede prazer em princípio, mas se apresenta enquanto exigência pela pulsão. O dualismo pulsional “pulsão sexual- pulsão de vida” cede lugar a um dualismo que comporta a coexistência da pulsão de morte com a de vida.

Gozo para Lacan (1959-60) é aquilo que no sujeito não se encontra em busca de atender às necessidades vitais, mas tem como objetivo a satisfação da pulsão. Ele se embasa na afirmação de que toda pulsão é pulsão de morte. O que ele evidencia é a relação existente entre gozo e pulsão. O gozo está a serviço de tentativa de satisfação da pulsão.

Numa releitura freudiana, Lacan retoma o caráter parcial desta satisfação: a pulsão é sempre parcial pela impossibilidade da satisfação total. A pulsão compreende, contudo, uma vontade de destruição, sendo caracterizada pelo ponto de agressividade presente nos homens, aquilo que escapa ao simbólico e está além do imaginário, fincando suas raízes no real. O gozo constitui a movimentação da pulsão de morte, ressaltando no sujeito aquilo que se encontra para além do princípio do prazer e, por isso, é encarado enquanto estranho aos olhos do sujeito. Dessa maneira, tem-se que o corpo não se presta apenas ao prazer. Ao lado deste último caminha também o desprazer e encontram nas zonas erógenas lugar ideal de investimento.

Se assim ocorre, o fato da tatuagem consistir em marcações voluntárias no corpo, ela cria novas zonas erógenas e atrai investimentos da ordem da pulsão. Há alguma forma de gozo neste ato. A dor no corpo consiste numa descarga pulsional e que, portanto está marcada pelo gozo. Como este não está relacionado necessariamente a sensações de prazer não há incongruência nesse associação de dor e gozo. De qualquer forma, há um ganho inconsciente que o sujeito extrai na sua dor e assim sendo, prazer e sofrimento estão atrelados na experiência de gozo.

Como foi visto, há uma dimensão social e individual envolvida no uso da tatuagem. Muitas vezes essas dimensões aparentam estar separadas, no entanto trata-se de uma dupla via. Elas estão interligadas e Freud (1930) já apontava que era o ponto no qual incidem as condições do recalçamento, e movimento de construção da cultura – civilização. Para a psicanálise essa dicotomia não está posta. Há uma continuidade entre esses elementos. As

bordas corporais são necessariamente “bordas sociais” (COSTA, 2003, p. 23). Isso se dá, pois essas bordas inscritas no corpo são efeitos da linguagem, que é produtora de laço social.

No capítulo subsequente, através das falas dos entrevistados, não apenas essas dimensões são evidenciadas como a análise do material permitiu destacar certas categorias dentro dos eixos de investigação.

CAPÍTULO 4

CAMPO DE TRABALHO: ESPAÇO DE PROBLEMATIZAÇÃO

*O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota a flor da pele, será que me dá (...)
(Chico Buarque)*

O tratamento dado ao corpo corresponde a manifestações de modos de subjetivação próprios a cada contexto sócio-histórico em que está inserido. E como foi visto nos capítulos anteriores, atualmente ele ocupa um lugar privilegiado na sociedade ocidental, refletindo os modos de ser do contemporâneo (CARRETEIRO, 2005).

Nesse sentido, foi importante compreender as modificações históricas que deram subsídios para se pensar o corpo atual. Tendo em vista que se vivencia e se fala do corpo de uma perspectiva marcada pelo individualismo, há uma marca epistemológica para tratá-lo. O corpo é superfície para inscrições histórico-sociais importantes. Toda e qualquer manipulação feita sobre ele reflete aspectos culturais e imaginários sociais. Acompanhando esse pensamento, é também importante e necessária uma investigação sobre as concepções e valores atribuídos às manipulações e modificações corporais em diferentes períodos, atentando-se para as tatuagens mais especificamente.

4.1 Aspectos metodológicos

A metodologia deste trabalho é qualitativa, tendo como abordagem teórica a psicossociologia. Esta concebe os objetos de investigação em sua complexidade e permite articular contribuições de disciplinas distintas, levando-se em consideração os limites epistemológicos (MORIN, 1990) de cada uma. A proposta é a de estabelecer um diálogo, que considere a importância do pensamento complexo, numa proposta de criação de um conhecimento que seja multidimensional.

O método da complexidade incita: pensarmos nos conceitos sem nunca dá-los por concluídos; quebrarmos as esferas fechadas; estabelecermos as articulações entre o que foi separado; tentarmos compreender a multidimensionalidade; pensarmos na

singularidade com a localidade e a temporalidade, sem nunca esquecermos as totalidades integradoras (MORIN, 1990, p. 22).

Nessa direção, a história, sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise emprestam suas diferentes ferramentas para pensar a problemática do corpo na contemporaneidade.

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas (...) É preciso que sirva, é preciso que funcione (...) encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. (FOUCAULT, 2006, p. 71)

Para a elaboração dessa pesquisa, foi importante entrar em contato com uma bibliografia que permitisse uma retomada histórica sobre as diferentes concepções que foram construídas e legitimadas socialmente sobre o corpo em diferentes períodos da história ocidental. Esteve-se atento ao “para além” dos fatos, o interesse está nos “acontecimentos”, nas rupturas do pensamento, onde novas concepções emergem. É nesse sentido que a história marca “*a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona*”, como aponta Foucault (2006, p. 15).

Consonante com esta idéia foi realizado um breve apanhado histórico sobre as marcas corporais e a feitura de tatuagem em diversos locais e diferentes culturas em vários períodos da história. Esse trajeto foi importante para compreender a emergência de novas concepções e atribuições de valor à tatuagem. Atualmente, ela tem ganhado espaço e interesse de pessoas para serem tatuadas e de outras a fim de profissionalização. É um campo em crescimento, que tem levantado discussões acerca da legitimação de um campo profissional no Brasil e conquistado reconhecimento e respaldo legal, através de leis e portarias, para sua prática e fiscalização sanitária.

Ao que se refere à pesquisa de campo deste trabalho o interesse está na investigação de concepções, idéias e valores atribuídos à tatuagem atualmente. Propôs-se neste trabalho, portanto, entrevistas semi-dirigidas com adultos tatuados de forma a abarcar eixos como: a motivação em fazer uma tatuagem; o tamanho e local do corpo em que foi feita; quais desenhos escolhidos; os sentidos atribuídos às tatuagens; a relação com o estúdio e o tatuador; a dor física envolvida; e as expectativas em relação ao efeito final.

Complementando a pesquisa, houve contato com profissionais da tatuagem e também, a realização de entrevistas para uma melhor compreensão do mercado nessa área, a questão da profissionalização e especialização da técnica, a regulamentação da profissão, os cuidados com a limpeza e manutenção dos materiais utilizados, a relação que se estabelece com a arte.

O aspecto físico e os veículos de propaganda dos estúdios são também fatores que merecem atenção.

Para tanto, formulou-se um roteiro de perguntas prévio, atento aos eixos temáticos. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa o roteiro não é rígido. Não há uma ordem pré-estabelecida de assuntos a serem seguidos. O interesse maior se encontra na dinâmica da entrevista, o caminho que o próprio entrevistado abre como possibilidade para as temáticas abordadas e os significados que lhes atribui. No entanto, espera-se no final da entrevista que os eixos temáticos tenham sido discutidos. Ao mesmo tempo, esteve-se atento ao surgimento de novos dados ao longo da entrevista, que levantaram novos questionamentos.

O número das entrevistas é delimitado tendo em vista o critério de ponto de saturação (DENZIN e LINCOLN, 1994 apud CARRETEIRO 2008) ou ponto de redundância (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999 apud CARRETEIRO, 2008). Estes critérios ajudam a definir o tamanho final da amostra utilizada numa pesquisa qualitativa à medida que permite suspender a inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar repetição ou certo grau de redundância. Nesse caso, não é relevante insistir ou persistir na coleta de dados, pois as informações trazidas por outros participantes pouco acrescentariam ao recorte estabelecido pela investigação, fato que limita a contribuição do novo participante.

A constatação da saturação ou redundância se dá num processo contínuo de análise de dados, iniciado já a partir da primeira entrevista. Durante esse processo de análise preliminar, começa-se a delinear o momento em que há a diminuição de novos dados a serem agregados à pesquisa. O parâmetro observado para avaliar a repetição tem como referência os objetivos definidos nos eixos temáticos da entrevista.

Foram realizadas 10 entrevistas com pessoas tatuadas no estado do Rio de Janeiro e 3 entrevistas com tatuadores. Como foi dito anteriormente, as entrevistas são semi-dirigidas. A pesquisa esteve atenta para os aspectos éticos. Sendo assim, os participantes foram informados sobre o propósito da pesquisa e autorizaram sua participação através do termo de consentimento¹⁹ para uso de conteúdo e/ou voz. A faixa etária delimitada procurou atender ao quadro jurídico²⁰, ou seja, apenas entrevistaram-se pessoas de idade igual ou superior a 18 anos.

¹⁹ Ver ANEXO III.

²⁰ Segundo a lei 706/2002, em vigor desde 2004 no Rio de Janeiro, atesta em seu Art 1º que “Fica proibida a colocação de piercing e tatuagens em menores de 18 anos de idade”.

Há também, que para alguns, a tatuagem em menores de idade infringiria o Estatuto da Criança e Adolescente, que no seu artigo 17 diz: “O direito ao respeito consiste na *inviolabilidade da integridade física, psíquica e*

O critério para a seleção dos entrevistados tatuados priorizou a existência de pelo menos uma tatuagem já realizada e não restringiu um número máximo. A tatuagem sendo uma prática difundida socialmente, que tem ganhado espaço, tornou relativamente fácil encontrá-las nos ambientes de convívio cotidiano. Sendo assim, os primeiros convites para entrevistas se deram em espaços como o trabalho, estudo e lazer. Como consequência das entrevistas realizadas, os próprios participantes indicaram outras pessoas, facilitando o convite, explicando do que se tratava e incentivando a participação. Esse movimento facilitou a aceitação do convite para a participação da pesquisa.

Outro locus privilegiado, como dissemos, para o desenrolar do trabalho de campo foram os estúdios de tatuagem, onde realizou-se entrevistas com os profissionais e também com alguns tatuados. Além disso, apesar de não estar previsto no projeto inicial, foi possível acompanhar o funcionamento de um dos estúdios em dias e horários alternados, de acordo com a minha disponibilidade. Foi interessante acompanhar em parte o recepcionista dando informações, as dúvidas das pessoas quanto à feitura ou os desenhos de interesse, a apresentação do espaço e principalmente a explicação quanto a importância da esterilização do material. Esses clientes não foram entrevistados, mas forneceram contribuições para pesquisa, quanto a dinâmica de funcionamento do estúdio. Tiveram aqueles também que permitiram que acompanhassem a feitura da sua tatuagem e contaram o processo de escolha do desenho e porque a escolha do profissional. Esses contatos também não puderam ser gravados devido ao barulho emitido pela máquina de tatuar. O som é semelhante ao emitido pelo motor do aparelho de obturação usado por dentistas. Breves impressões dessas experiências foram registradas ao fim do dia, de forma a garantir que esse material pudesse ser usado na análise posterior.

É importante, nesse ponto, ressaltar a dificuldade em encontrar profissionais dispostos a serem entrevistados. Mesmo apresentando o projeto, explicando os objetivos, garantindo a não divulgação de seus nomes, muitos se recusaram. Numa dessas recusas, um tatuador disse: *“Não gosto dessas coisas não, ficar respondendo perguntas não, falando da minha vida... Outra coisa, não acho que você vá encontrar muita gente que aceite não, nós tatuadores somos um grupo fechado, não gostamos de falar muito não.”*. Essas recusas eram acompanhadas de justificativas de cunho mais pessoal, carregadas de desconfiança. O modo de contornar essa dificuldade foi verificar junto aos entrevistados o contato e indicação dos

moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.”. Nessa direção, havendo denúncia os responsáveis poderiam responder pelo crime de **lesão corporal** previsto no **Art. 129 do Código Penal**.

estúdios onde se tatuaram. Esse caminho facilitou bastante o processo, propiciando não apenas as entrevistas, mas o acompanhamento da rotina de um dos estúdios de tatuagem. Parece que a desconfiança dos tatuadores fica diminuída quando já se conquistou a confiança do tatuado.

À medida que as entrevistas foram realizadas, seguiu-se a transcrição das mesmas, com análise de conteúdo (BARDIN, 1985) posterior. O material foi lido e destacou-se impressões, demarcando-se pontos pregnantes para a análise. A partir das falas colhidas e transcritas, foi possível verificar pontos de convergência e divergências quanto ao assunto abordado. Formulou-se a seguir alguns indicadores analíticos. A hipótese é a de que estes podem ter ressonância junto a pessoas tatuadas.

4.2 Construindo possibilidades e sentidos

4.2.1 Pele, carne e tinta: tatuados

São notórias as modificações no cenário atual quanto às atribuições dadas a tatuagem no Ocidente. Houve um aumento exponencial no número de estúdios, profissionais e usuários da técnica. Durante muito tempo, a tatuagem representou transgressões e era símbolo de alguns guetos ou tribos. Atualmente, foi incorporada pelos padrões estéticos como forma de manipulação do corpo, socialmente aceitas.

Por um lado, esse movimento expansivo da aceitação social da tatuagem poderia configurar um grande modismo, em que se produzem corpos tatuados em série. Desenhos parecidos ou majoritariamente numa região do corpo fariam com que as pessoas ficassem mais ou menos iguais. Essa perspectiva aponta para um corpo capturado e aprisionado a produções subjetivas que valorizam a serialização, e a imagem segundo determinados padrões divulgados e disseminados principalmente pelas mídias. A valorização do corpo enquanto uma produção de igual, de adequação, nos parece limitadora. Se o corpo fosse apenas suporte para esse tipo de produção e reprodução, é possível que num futuro não muito distante, a valorização depositada no corpo talvez enfatize a ausência de manipulações sobre ele, um corpo “como veio ao mundo”.

Por outro lado, verifica-se dentro dessa mesma valorização do corpo através de marcas corporais, o desejo pela diferenciação. A pele funciona como registro de experiências biográficas, marcas com sentido pessoal e singular. Inclusive, a procura por estúdios de

tatuagem tem valorizado os trabalhos de caráter mais personalizados, que envolvem a exclusividade do desenho, por exemplo. Nesse sentido, o corpo toma um caráter de emancipação e resistência aos processos serializadores. Seriam sinalizadores de um corpo singularizado, com histórias e marcas particulares a cada um.

Esses dois olhares sobre o mesmo fenômeno indicam facetas, dentre outras possíveis, sobre o mesmo fenômeno. Elas indicam que não se pode falar de tatuagem no singular. Há uma amarração e fascínio sobre o corpo atualmente que toma um caráter aprisionador num sentido, e emancipador em outro. Essas perspectivas não são excludentes entre si. Ao contrário, coexistem e causam atração e repulsa. Há uma série de valores e atribuições dadas ao corpo que coexistem e que só podem ser verificadas à medida que estão encarnadas em sujeitos que possuem uma história particular e a ela lhe dão um lugar.

Não se trata, portanto, de construir uma teoria geral em torno do motivo pelo qual as pessoas se tatuam, até porque realizar “*uma*” tatuagem não tem a mesma implicação que “*fechar*”²¹ um braço ou uma perna, muito menos tatuar 50% do corpo, ou ainda se transformar uma *tela ambulante*²². Sendo assim, a tatuagem será tratada aqui em sua pluralidade.

A análise do material das entrevistas deu subsídios para pensar a tatuagem enquanto “declarações sobre si mesmo”, que devido ao apelo visual adquiriu o lugar de “imagens declaratórias sobre si mesmo”. As imagens escolhidas e pintadas dão pistas sobre o que ou quem a pessoa pensa que é. Muitas vezes, atribui-se sentidos a essas marcas, de forma que elas pudessem definir quem são ou o que sentem, e a mensagem que querem transmitir. Além disso, levanta-se a discussão sobre a relação com a exclusividade e com o estúdio e profissionais.

4.2.1.1 Memória no corpo – imagens declaratórias sobre si mesmo

A análise das entrevistas mostra que em muitos casos, a tatuagem registra como uma memória no corpo momentos importantes da vida daquele que a faz. Conserva-se no corpo a história de experiências vividas ou sentimentos e representações atrelados a eles.

²¹ “*Fechar*” é uma expressão usada pelos profissionais e usuários da prática da tatuagem para designar uma combinação de desenhos que ocupem o espaço de parte ou membro completo.

²² Essa expressão se refere aquela pessoa que possui grande parte do corpo tatuada e a mostra, enfatizando-a enquanto um trabalho artístico.

Sabe-se que a tatuagem em outros momentos históricos registrava eventos importantes na vida daqueles que a faziam. Fazia parte de ritos de passagem e iniciação, que tinham um caráter coletivo e determinavam status social, e também se constituíam enquanto identidade cultural. Atualmente, a dimensão ritualística da tatuagem se diferencia grandemente dessas do passado em função e significado. Não necessariamente está atrelada a situações coletivas, que retratam momentos de passagem institucionalizados. Ao contrário, se ancora na **biografia do seu portador**.

Percebe-se uma atribuição à tatuagem que comporta “o real do passado”, as expectativas para o futuro ou ainda a intensidade do presente. O que há em comum nesses três tempos é o próprio sujeito, aquele que talha histórias numa corporeidade que **(re)territorializa** o corpo como uma forma de expressão identitária. A superfície do corpo se torna uma grande **testemunha** da realidade das experiências, carregada de significados. Retratam muitas vezes, momentos de passagem, etapas da vida, conquistas, ou sofrimentos, porém, enfatizam uma trajetória pessoal, tornando-a recordação de uma existência particular.

Para abordar este item a partir desta análise, ele foi subdividido em “biografias na pele” e “repetição ou elaboração”.

4.2.1.1.1 Biografias na pele

Ao longo da vida, o corpo vai sendo marcado pelas experiências, pelas vivências que garantem não apenas a memória dos acontecimentos, mas também calos e cicatrizes e também de novas áreas de investimento e libidinização. Numa sociedade onde há ênfase no aspecto visual essa memória, para alguns, passa a ser registrada em forma de imagens na superfície da pele.

Num momento e numa sociedade em que se percebe a fugacidade das imagens no cotidiano, através das mídias, propagandas, consumo de roupas, onde há uma grande cobrança para que tudo mude muito rapidamente, chama a atenção que se use a imagem estampada na pele na contramão dessa fugacidade, afinal de contas, em princípio a feitura de uma tatuagem remete a uma permanência. Trata-se do mesmo elemento servindo a diferentes senhores, por um lado o da agilidade, mutação e fugacidade, por outro o da **permanência, singularidade**, da **estabilidade**.

Falando se suas tatuagens, uma entrevistada (Daniele²³, 28 anos) conta o que a motivou a fazê-las e retrata muito claramente essas idéias de marcar as experiências da vida e vivenciá-las na carne.

“As três têm. A primeira nasceu da necessidade de tatuar alguma coisa que falasse da minha identidade, o meu nome [abelha, significado de seu nome]. A 2ª tinha a ver com o fim da faculdade e o desejo de sucesso [estrela], a terceira tinha a ver com a minha vida em geral, queria mais romantismo, delicadeza [rosa cercada de flores azuis]. É assim, né?! Cada tattoo sempre carrega a marca do momento que a pessoa estava vivendo quando decidiu fazer.”

Ela continua, e destaca a importância da dor, no sentir literalmente na pele, aquele momento de sua vida:

“Cada uma tem um significado, mas a terceira marca um período de força, de ter passado por muitas coisas e de me mostrar e perceber que era capaz de superar algumas dores. Ela doeu bastante e acho que passar por aquela dor foi só um símbolo de outras dores...”

A tatuagem, marca feita a “agulha e tinta”, se prende à carne viva, a desenha, modifica e redesenha, registrando permanentemente sentimentos e situações importantes para aqueles que fazem uma tatuagem. Trata-se de lembranças, homenagens, eventos importantes, mudanças de etapas na vida. São datas, símbolos, retratos, com **função explicitamente memorial e identitária**.

Frente às rápidas mudanças que cada um se depara todos os dias na vida, a tatuagem parece funcionar como algo regular que permanece, funcionando como um depósito de memórias ou características próprias que se deseja manter, dar corpo, tornar “real”. Sabe-se que há, já alguns anos, algumas técnicas de clareamento e remoção dessas pigmentações da pele e que por motivos múltiplos pessoas fazem uso deste recurso. Isso demonstra que a tatuagem enquanto uma modificação corporal de caráter permanente tem sido capturada por essa lógica do efêmero. Sendo assim, esses eventos ou acontecimentos da vida que são marcados no corpo em forma de tatuagem podem ser ressignificados, elaborados, mas

²³ Todos os nomes dos entrevistados foram modificados neste trabalho.

também ser apagados ou refeitos. A tatuagem acaba por tomar um contorno de *“infinito enquanto dure”*, fazendo menção a famosa expressão usada por Vinícius de Moraes no Soneto da Fidelidade.

Falando da distância em relação aos avós que o criaram, e que se mudaram para outro estado, um jovem (Luiz) de 20 anos os homenageia, simbolicamente com a intenção de deixá-los perto de alguma maneira. Tendo em vista que sua mãe se encontra na mesma série de cuidado e quase “que como medida preventiva” antes que também se distancie dela, a inclui em sua homenagem:

“A 1ª [tatuagem] foi essa com o nome dos meus avós e da minha mãe (...) porque são pessoas muito importantes na minha vida (...) no caso dos meus avós foi mais por saudade (...) porque eles se mudaram pra outro estado e estão longe de casa. Quero que eles continuem por perto, minha mãe também.”

Nesta tatuagem há dois aspectos a serem destacados, o primeiro diz respeito a um momento de ruptura e de despedida. Há um evento doloroso de afastamento físico de familiares a quem Luiz refere muito amor. Apesar de doloroso, é um evento marcante do qual faz questão de se recordar. O segundo, em parte consequência do primeiro, é o caráter de homenagem que sua tatuagem toma. Ele destaca dentre os seus familiares aqueles a quem tem um apreço maior e que estiveram presentes em sua vida e tenta garantir que assim continuem.

A entrevistada Maria Eduarda (25 anos) por sua vez, faz uma homenagem a sua mãe de uma maneira inusitada. Ela foi convidada por um tatuador para participar de uma convenção de tatuagens, onde há uma feira de exposição e concurso de tatuagens. Nela ocorre uma competição em várias modalidades de tatuagem. Quando viu a proposta do desenho do tatuador, não duvidou, faria com gosto, pois o desenho lembrava sua mãe.

“Então, o Rodrigo [nome do tatuador] me ligou, e falou que queria conversar porque ele tinha feito um desenho e achava que eu ia me amarrar. Ele tava precisando de alguém pra exposição. Eu falei: ‘porra, é foda né’. Cara, quando eu olhei a tatuagem eu falei ‘gente, é a minha mãe’. É muito engraçado porque eu tenho uma foto da minha mãe, ela tinha 18, 19 anos, que ela usava o cabelo assim, eram várias dobras. Eu não sei o que significava na verdade. Tem mais o significado pessoal, que me remete a minha mãe. Eu queria fazer o rosto dela, tem gente que faz só quando morre. Topei fazer e ela ganhou no concurso. Depois

vai entrar uma faixa aqui e eu vou escrever o nome dela. Resolvi fazer uma homenagem assim, à minha mãe.”

Durante a entrevista, Maria Eduarda comenta sua relação com a mãe e inclusive conta que seu interesse por tatuagens também se relaciona a ela, já que a primeira vez que entrou num estúdio foi acompanhando sua mãe e irmã para fazerem ambas tatuagens. Maria Eduarda era menor de idade na época e só lhe permitiram participar desse momento familiar enquanto expectadora. Para ela esse foi um momento bastante marcante e não parece ser a toa que ela possui uma série de tatuagens atualmente.

Rogério (31 anos) também é uma pessoa que apresenta diversas tatuagens e diz que já perdeu as contas de quantas possui:

“se você for contar por desenho, eu não sei mais nem o que é. Agora, se for contar tatuagem, tem esse braço aqui fechado, tem esse aqui meia manga, aqui tem esses que preenchem os dois lados do peito, aqui tem as duas pernas do joelho pra baixo. (...) Essa é minha mãe, pena que tá ressecado, mas dá pra ver. Minha mãe, meu pai, meu filho aqui mais novo. Ah, tem fechamento de pé, tem um nas costas aqui. (...)Tem uma aqui de cada lado, uma mulher.”

Como visto em sua fala, dentre todos esses desenhos, ele carrega 3 retratos tatuados em seu corpo: seus pais e seu filho. Estas são também pessoas importantes na sua vida aos quais resolveu prestar homenagens carregando-os na pele. Rogério conta que seus pais nunca foram muito receptivos com a idéia de que se tatuasse. Ele descreve diversas situações em que ouviu comentários preconceituosos sobre isso, fato que em diversos momentos o revoltava. Seu relacionamento com o pai era bastante conturbado, divergiam em diversas opiniões, e atribui a isso o fato de serem também muito parecidos. O ato de tatuar principalmente o retrato de seu pai acabou mobilizando-o e apesar de seu pai ser totalmente contra tatuagens, sentiu-se emocionado com a homenagem.

Percebe-se nesses depoimentos que as tatuagens do tipo homenagem trazem literalmente à superfície da pele sentimentos e declarações a pessoas importantes. Parece não bastar demonstrá-lo no discurso e nas práticas. É algo que se marca na pele, instituindo a eternidade de um amor, em que se vale de uma homenagem.

Todas essas falas apresentam homenagens a familiares. Não houve neste trabalho nenhuma entrevista que abarcasse situações de homenagem a namorados ou cônjuges²⁴ e por isso não serão discutidas neste trabalho. Estas últimas situações são alvo de diversas discussões sobre essa dinâmica da permanência e transitoriedade que a tatuagem pode assumir. Parece que as pessoas que fazem esse tipo de declaração e homenagem são aquelas que mais procuram estúdios para cobri-las ou clínicas de estética para removê-las. Há casos em que os próprios tatuadores tentam convencer esses clientes a não realizar ou fazer num tamanho pequeno, com a justificativa de que caso aconteça do relacionamento acabar há como cobrir, tendo em vista que a cobertura de uma tatuagem implica em fazer num desenho muito maior que a original.

Se para alguns, a tatuagem comporta idéias quanto a quem elas são, para outros correspondem a possibilidade de se homenagear a quem se ama, e também exprime opiniões e formas de ver e vivenciar a vida. É nesse sentido que Maria Eduarda investiu numa tatuagem que afirma ser um *protesto*:

“Na verdade, eu queria fazer alguma coisa sobre criança, porque eu sou louca, apesar da tatuagem ser um pouco bege, eu sou louca, perdidamente apaixonada por criança, sou doída pra ter um filho, mulher grávida, etc e tal, e eu queria fazer uma homenagem as criança. Quando eu vi esse desenho, eu fiquei assim ‘caralho, é um desenho muito foda’, porque é uma coisa que eu nunca pensei. Na verdade, todo mundo acha que ela tá do lado de fora, mas ela tá sendo açoitada do lado de dentro da própria casa. O pai tá abrindo a porta e a luz tá vindo de trás. Você vê essa sombra aqui, é uma criança sem muitas condições, mas assim, não tem nada a ver com minha infância. Eu nunca apanhei em toda a minha vida, quer dizer, uns tapinhas aqui, mas nunca dessa forma de violência. Eu falei ‘cara, é um protesto contra a violência infantil doméstica’. Tanto é que o desenho que eu queria mandar aqui, que eu ainda quero... eu fui na conferência dos direitos humanos em 2007 na Assembléia Legislativa, aí teve aquele lance de falar sobre direitos humanos, e um cara fez um grafite, porque na época tava aquela coisa que eles estavam querendo baixar a maioridade penal (viajou na batatinha). O cara fez um grafite muito foda, muito foda, que eu tirei uma foto. É um guarda da cintura pra baixo arrastando um moleque, um moleque mesmo que deve ter uns 12 anos, assim, mas parecia ser até mais novo. Aí, eu ia fazer esse braço meio que de protesto sobre a violência e justamente remeter aquela questão da infância. Você perde a

²⁴ Sobre o assunto ver OSÓRIO, A. B. “O Gênero da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro Rio de Janeiro. **Tese** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ/ IFCS, 2006.

infância e realmente esses garotos de rua, eles perdem a infância, ou eles estão na FEBEM ou eles estão... A mãe deles obriga eles a não sei o que. Você não vê hoje em dia uma criança brincando. Aí, depois dessa eu comecei a fazer o resto do braço esquerdo.”

Esse aspecto de protesto também está presente na fala de Mariana (21 anos):

“Fiz o código de barras. Achei muito interessante a idéia. O sistema de código de barras remete a idéia rapidez no trabalho e aumenta a produtividade. Tatuá um código de barras é uma ironia. Tem a ver com essa coisa de hoje em dia tudo ser encarado como um produto, inclusive a gente mesmo. O problema é que nem todo mundo entendeu. Depois que eu fiz acabei vendo que as pessoas começaram a falar coisas sobre elas. Já me disseram que era legal porque retratava a diversidade e a singularidade das pessoas. Não entendi nada! Teve um amigo meu na faculdade que achou que era uma crítica a massificação nessa era do consumo. Esse, pelo menos chegou mais perto do que eu queria dizer. Teve gente que só comentou que era legal e que eu era meio doidinha. Pois é... cada um com seu cada um. Mas não me arrependo não. Eu queria algo inusitado, que pudesse chamar atenção e gerar discussão. Ela faz isso... então tá bom. (...) Eu de fato sou contestadora e gosto de participar de discussões.”

Os trechos destacados das entrevistas apontam para um cuidado na seleção dos desenhos escolhidos. Há uma preocupação com o gosto estético, porém a ênfase está no recurso metafórico no processo de feitura da tatuagem. Essas imagens carregam em si vivências, e configuram projetos de corpos, de identidades, de estilo de vida. Fica evidenciado o valor biográfico do desenho escolhido.

4.2.1.1.2 Repetição ou Elaboração

Em algumas entrevistas realizadas foi possível encontrar falas que revelam o caráter elaborativo, ou pelo menos de tentativa, de certas tatuagens. É fato que cada tatuagem possui um sentido e seu simbolismo pode ser compreendido na particularidade da história daquele que o fez, nas motivações que deram origem a decisão de tatuar-se. Sabemos com Freud (1923, p. 40) que o Eu é “*corporal*” e a “*projeção de uma superfície*”. Assim sendo, a imagem corporal que cada um tem de si mesmo tem implicações no psiquismo. Se a tatuagem

é uma modificação voluntária dessa superfície, é possível afirmar que essa exterioridade da modificação feita tem conseqüências significativas na constituição do sujeito. A tatuagem encarna no corpo um traço singular que faz surgir um novo Eu. É nesse sentido que se atribui a denominação **elaborativa** e **convocadora** de um novo sujeito à tatuagem.

Numa seqüência de quatro tatuagens, em diferentes momentos de sua vida, uma entrevistada (Joyce, 29 anos) parece se utilizar desse suporte para elaborar e superar certos acontecimentos de sua vida:

“Sempre achei tatuagens interessantes. A primeira é especial pelo fato de representar um momento bacana de minha vida. Eu tava na faculdade e me percebi mudando, tinha mais liberdade, queria conquistar várias coisas. Daí, escolhi fazer uma borboleta, num estilo tribal. (...)”

Citando a feitura da sua segunda tatuagem após uma série de desventuras amorosas, utiliza a tatuagem como forma de superá-las. Procura fazer um trocadilho de seu coração em situações que ele fica “um lixo” e dá um toque de humor a essas situações. Parece que a tatuagem é suporte para lembrar das dores pelas quais já passou, mas também a possibilidades de superá-las.

“Há pouco tempo fiz essa aqui no outro pulso. É um coração com aquele símbolo de reciclável, aquele que a gente encontra em embalagens de leite e tal, tá vendo?! Então, decidi fazer porque minha vida amorosa tava uma merda. Nunca dava certo e só sofria, quebrava a cara. Decidi encarar as coisas então que nem o Vinícius disse: ‘eterno enquanto dure’. Se acaba, aparece outro e tudo se renova. Reciclagem. Entendeu?! Foi um jeito de também brincar e rir do que acontece comigo. No fundo, no fundo, queria não ter que reciclar meus amores, mas se isso for o possível agora então é isso...”

Ainda referendando seus sofrimentos e suas dificuldades, aposta nas duas últimas tatuagens: Flor de Lótus e Ganesha. Ambas nas costas fazendo uma combinação e fazem alusão a superação de obstáculos e pra ela tomando como contorno a idéia de força pra continuar.

A última que eu fiz, na verdade são duas: uma flor de Lótus e Ganesha nas costas, elas acabam fazendo uma combinação. Resolvi fazer porque me identifico com a cultura

hindu. Freqüente as vezes um centro budista. Eu tenho várias questões com as religiões ocidentais, não me afeiçoei a nenhuma, acho a filosofia hindu mais justa. Ganesha é um deus que remove todos os obstáculos, é o protetor e também o deus do conhecimento. Ele representa o sábio, o homem em plenitude, e os caminhos para se realizar. Acho que estava precisando de uma ajuda espiritual. Não estava conseguindo me sentir realizada no meu trabalho, queria sair de casa e morar sozinha, meus relacionamentos não tavam dando certo. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Precisava de força e apostei em Ganesha.”

Parece que na história de vida dessa jovem suas tatuagens têm como traço regular a esperança, a aposta num futuro melhor e escolhas mais felizes. Pode-se pensar que marca no corpo a expectativa de tentar fazer diferente na vida amorosa. Trata-se em parte preocupação em não mais repeti-las. O que chama atenção nesse caso é que não basta se dar conta de determinados posicionamentos que tem na vida. Para ela, é necessária uma imagem inscrita na pele que a lembre disso a todo instante. Não há como saber numa única entrevista se de fato essas tatuagens se configuraram como elaboração no sentido psicanalítico do conceito, afinal não se tratava do objetivo da entrevista. Mas pode-se dizer que retrata uma convocação a um sujeito.

De modo semelhante, a entrevistada Maria Eduarda apresenta uma mesma problemática em algumas de suas tatuagens. Ela possui 6 tatuagens, dentre elas: um par de andorinhas no colo; uma fada que ocupa todo o espaço de suas costas; uma menina em situação de violência doméstica no braço esquerdo; um fechamento de braço (associação de diversos desenhos que compõem toda a extensão do braço); o rosto de uma mulher com traços de deusa hindu na panturrilha direita; uma mulher com chifres de carneiro na coxa esquerda. Cada uma tem uma história particular, mas todas em alguma medida fazem referência ao feminino e a relacionamentos de características sofridas, destacando sentimentos e valores como confiança, prosperidade, fidelidade nos relacionamentos amorosos. Das suas seis tatuagens, serão abordadas neste tópico três delas.

A referida jovem procurou um estúdio para colocar um piercing e abou se interessando pela figura de um par de andorinhas. Resolveu pesquisar e se decidiu por fazer:

“eu fiz pesquisa sobre tatuagem em si; o que era o significado da andorinha. Aí, a andorinha tem sempre aquele ditado: uma andorinha não faz verão. Aí, resolvi fazer serio. Pesquisei, e tem esse negocio da fidelidade, porque a andorinha quando ela encontra seu par ela fica com seu par eternamente. Se ele morrer, ela fica sozinha. Mas as andorinhas têm

essa questão da fidelidade, e eu também fiz porque justamente você nunca está sozinha, você sempre tem uma pessoa ou alguém ou um animal ou você sempre tem algo ou uma lembrança. Então foi justamente por causa disso que eu fiz, questão de companheirismo.”

No ano seguinte, fez sua segunda tatuagem. Ela associa uma característica de seu signo Áries, enquanto infantil e a intenção de marcar algo que a fizesse se lembrar da infância:

“a das costas é uma fada, porque até mesmo no signo eu sou muito infantil apesar da idade e tal. E a fada é um resgate da infância pra mim assim. Esse desenho é do Rodrigo [tatuador], ele quem fez esse desenho. Eu falei ‘oh, eu não quero uma fada de peito de fora, corpinho modelete, eu quero tipo uma deusa, muito entre aspas, das fábulas. Aí, ele: ‘pô, eu tenho um desenho aqui’, que na verdade era uma deusa. Eu falei: ‘pô, mas tem como você adaptar e fazer umas asas’, então montamos os detalhes do desenho juntos e ficou muito legal.”

Apesar de Maria Eduarda associar essa tatuagem à infantilidade e o retorno a memórias da infância, trata-se de um desenho com poucos traços infantis. É um desenho com traços expressivos fortes, a vestimenta evoca certa transparência, é pouco colorido. O somatório dessas características dá ao desenho um caráter mais sensual que infantil. Apesar de ter sido pontuada e sinalizada essa discrepância a ela, Maria Eduarda se agarrou na idéia de que se tratava de uma coincidência, e que estava atenta a beleza do desenho. Nesse momento, não cabia aprofundar ou deslocar interpretações, tendo em vista que o objetivo do trabalho era outro.

Nesse mesmo ano, assumiu ter feito por impulso um crisântemo no ombro. Chama a atenção essa impulsividade, já que estava, afinal de contas, dentro de um estúdio de tatuagem. Teve medo de se arrepender, já que não sabia o seu significado e logo em seguida foi investigar:

“Significa amor perfeito. Mas assim, essa tatuagem foi a única que eu fiz de supetão assim, porque eu estava sentada, folheando o catálogo e fiquei apaixonada por ela. Não sabia o que significava. Aí, o tatuador: ‘você quer tatuar?’. ‘Vou tatuar’. Na hora resolvi. “Então tá, to montando a mesa. Depois eu falei ‘caralho, eu não sei nem o que significa’, eu falei: ‘não, isso não pode ficar assim’. Aí, eu fui, dei uma pesquisada no significado do

crisântemo e achei que significa amor perfeito. E realmente, se você pensar assim, analisando todas as minhas tatuagens, é algo que você sempre procura, muito entre aspas, mas você não acha. Assim, entre aspas, não existe amor perfeito, amor eterno. Existe amor paternal, fraternal, de amizade, mas amor, amor, amor... Às vezes você nem sabe que viveu, e você nunca acha. Se você acha, só nos primeiros minutos.”

Na feitura dessa tatuagem o que interpelou a tatuada era tê-la feito desconhecendo o significado e não o fato de ter sido impulsiva. Parece que sua angústia se apazigua depois que ela pesquisa o significado dessa flor na cultura japonesa e a articula com suas próprias vivências e passa a se apropriar desse desenho como representativo de sua experiência amorosa.

O encadeamento das tatuagens delinea uma seqüência que aponta para os seus relacionamentos, suas intenções na área amorosa e as dificuldades que enfrentou. Há uma **repetição** da temática e desenhos escolhidos, fato este que remonta ao estatuto possivelmente elaborativo que as tatuagens tomam para certas pessoas.

Essa tatuagem do crisântemo, tempo depois foi combinada com uma série de outros desenhos escolhidos nos detalhes para compor o fechamento do seu braço. Após pesquisas, conversas, encontros com o tatuador, fizeram a combinação de máscaras orientais, flores de cerejeira, carpa, dentre outros. Os detalhes de cores, traços e desenhos significam²⁵ dentro da cultura oriental o *esforço*, a *conquista*, a *pureza*, *amor* e *paixão*. Esse fechamento de braço está ainda em processo de pintura.

Atento à singularidade de cada tatuagem, as particularidades e motivações é possível verificar uma série de posicionamentos subjetivos dessas pessoas. Se a atenção estiver dirigida a esses posicionamentos, caberia questionamentos sobre o lugar da feitura da tatuagem para cada um. Será que a tatuagem corresponde a um fenômeno da ordem do sintoma? Será que corresponde a uma passagem ao ato? Corresponderia a um acting out? Estas são perguntas intrigantes, mas que só podem ser sinalizadas neste trabalho. Abordá-las implicaria num novo trabalho.

4.2.1.2 Estética, impacto visual e construção de projeto de tatuagem

²⁵ Segundo a fala da entrevistada.

Apesar de encontrarmos depoimentos interessantes sobre as motivações que levam as pessoas a tatuarem-se, foi também recorrente respostas curtas, diretas e superficiais, que pouco estavam articuladas com etapas da vida, mudanças ou lembranças. Sabe-se que as motivações são inúmeras e em parte a feitura de tatuagem junto a outras formas de modificação corporal compõem um cenário que valoriza o estético.

Se para alguns, a variedade de cores, estilos, figuras, números, nomes, estão a serviço de uma elaboração e construção de si constante, para outros, é o **impacto visual** que dá valor estético a figura que é privilegiado. Sendo assim, há uma combinação do que seja o gosto pessoal, a relação entre a imagem escolhida e o sujeito e a construção da mesma com o tatuador. Parece que em primeiro lugar a visão é privilegiada nessa história e acaba por ter função fundamental na escolha não apenas da imagem, mas também do local do corpo a ser tatuado e do estilo utilizado. Não se trata de dizer que não haja sentido a priori, mas que a construção do sentido sobre as imagens tatuadas dividem espaço com o impacto estético e visual da figura. Grande parte dos entrevistados afirma a importância de construir suas tatuagens com o tatuador. Estes últimos também relatam ser importante a tatuagem se relacionar intimamente com aquele quem vai “carregá-la”.

Luiz afirma que o interesse que apresentou e o levou a tatuar um grande dragão, estava ligado não a sua simbologia, mas ao efeito do desenho. Trata-se de um tatuagem grande, que vai das costas, continua pelo ombro e desce até o peito. O desenho e o local onde foi encaixado dão sensação de movimento ao dragão, como se o mesmo fosse um guardião, que o acompanha e protege. No entanto, essa foi a impressão à primeira vista, mas não a que ele usa como argumento:

“Por estética. (...) Ué, foi por uma questão de admiração ao corpo. A vontade de fazer um desenho, uma coisa chamativa. E esse dragão é grandão mesmo, né?! Super legal, colorido. (...) Na época eu não procurei saber o que significava não. Sei que é um desenho que muita gente faz. Achei maneiro e resolvi fazer. (...) O tatuador é um amigo meu. Falei pra ele que eu queria uma coisa show de bola e ele montou esse dragão e sugeriu colocar aqui. Eu topei na hora. Fica bem legal, vai ficar melhor ainda depois de um tempo porque entrei pra academia. (...) Então, o fato de ser grande e colorida, chama bastante atenção e quando eu estiver mais forte vai dar um destaque pra essa parte aqui.”

Esta tatuagem é feita para ter um lugar frente ao olhar do outro. É não só chamativa, como está localizada num local que destaca a musculatura das costas e do peitoral, que à

medida que for exercitada na academia dará outro contorno a tatuagem. Ela está a serviço de um ideal de imagem de corpo forte, e para combinar com ele uma figura tão forte quanto.

Raquel (22 anos) apresenta uma argumentação parecida, que enfatiza o efeito e movimento do desenho. Ela possui duas tatuagens, a primeira é composta por borboletas subindo a partir de seu pé e a segunda, uma colônia de formigas subindo até o seu ombro a partir de seu cotovelo. Para a entrevistada, o que chamava sua atenção era o tipo do desenho e depois o movimento.

“Porque eu tinha vontade de fazer uma tatuagem e eu ficava pensando onde fazer. E eu achava bonito esses desenhos que vão subindo pelo pé. As pessoas normalmente colocam ramos de flores. Mas eu preferi escolher as borboletas pra dar a impressão de que estavam voando e com movimento.”

É num segundo momento, depois da escolha das borboletas, que atribui significado a elas, diz:

“Porque acho que simboliza liberdade. (...) Fiz quando tava com 18 anos. Não sei se é por rebeldia [Risos], mas é uma idade em que a gente quer um monte de coisa, dirigir, sair mais a noite, essas coisas. Queria mesmo liberdade. (...) É, realmente, pensei nessas coisas depois. No início eu queria mesmo era o efeito.”

É curioso, pois quando Raquel faz sua segunda tatuagem, que é bem parecida, ela já constrói uma associação mais clara com o motivo que a levou a fazê-la.

“Por mais doido que pareça, eu acho interessante porque elas são organizadas, elas estão sempre juntas... como é a palavra?! elas são... são ... ai... como é a palavra ... ééé... determinação. Acho que é isso, elas tem determinação ao seguir um caminho e são muito cooperativas. Estão sempre juntas e isso é uma coisa pra se espelhar.”

Como se vê, o aspecto visual foi priorizado num primeiro momento, na escolha dessa tatuagem. Posteriormente, seguiu-se de uma atribuição de sentido e uma conseqüente apropriação da imagem enquanto símbolo de vivências de sua vida.

Já Jorge (23 anos) escolheu se tatuar com uma motivação inusitada. Possui a Cruz de Malta tatuada nas costas como emblema de sua paixão pelo Vasco. Até o momento não

haveria nada de estranho até que ele conta que fazia parte de uma Promoção feita pelo time, em que ao se fazer esse símbolo as pessoas ganhariam a 3ª camisa do Vasco. Acometido pela estratégia de marketing do seu time, foi o que fez. Acordou cedo, enfrentou fila e voltou com a sua camisa pra casa.

“A Cruz de Malta foi por causa de uma promoção. Chamava ‘Vasco na Pele’. (...) Era assim, você ia pra um estúdio lá na Barra e tatuava a Cruz e eles te davam a 3ª camisa do Vasco. Tinha também um negócio de que o cara lá, o tatuador, queria entrar pro Guinness pela quantidade de tatuagens feitas num dia. (...) Como eu sou vascaíno de coração, nem pensei duas vezes. (...) Poxa... fiz por causa do meu time e também porque ia ganhar a blusa, juntei as duas coisas. (...) A única coisa chata é que era só o contorno da Cruz, depois eu voltei pra fazer o preenchimento e aí claro que paguei pelo trabalho. Mas não me arrependo não, ficou bem legal.”

No caso de Jorge, sua tatuagem está a serviço de dois senhores: ao time e ao Guinness. Trata-se de uma estratégia de marketing enorme. Faz-se uma divulgação não apenas do time, mas também do nome do tatuador e ambos competem para a entrada no recorde do Guinness Book. Há uma convocação mercadológica para o consumo de uma logo do Vasco, que tem ressonância nas torcidas e consequência no consumo de outros artigos do time, bem como a procura do estúdio para completar o desenho ou aperfeiçoá-lo mediante pagamento.

Apesar da importância estética, nessas situações, ainda assim aparece uma afinidade estética e ética entre o desenho escolhido, o modo de vida do seu praticante, seus interesses, ou eventos marcantes, que dão significados ou que justifiquem o ato de tatuar. Nesses casos, nota-se que os entrevistados criaram nexos de sentido entre seus desenhos e suas histórias de vida à medida que falam sobre ela. Aparecem acontecimentos, gostos, interesses, expectativas.

Para algumas pessoas as tatuagens se configuram como testemunho daquilo que foi vivido. É uma marca que tem história. Para outras, o valor estético aparece em primeiro plano. O comum entre eles é que parece valer a expressão muito difundida que “uma imagem vale mais que mil palavras”. Trata-se de uma escrita, há uma mensagem a espera de ser decifrada. Envolve revelar e desvelar. Sabe-se que o lugar dado para as experiências na atualidade é a de economia de tempo e diálogo. O impacto de uma imagem, a velocidade e a mensagem estão compactadas e pertencem a um maquinário contemporâneo em que a comunicação deve ser instantânea e a imagem é um veículo para isso.

Um dos entrevistados tatuou o nome do clube de futebol para o qual torce no antebraço e questionado conta: “*Porque quando a gente torce a gente faz assim ó!*” e mostra o movimento que é feito junto a outros torcedores. Essa marca acompanhada do ato não apenas indica pertencimento a um grupo, mas carrega uma mensagem dentro do estádio, mensagem de paixão e também de rivalidade e provocação. É uma tatuagem que tem lugar frente ao olhar do outro. Se por um lado trata-se de uma homenagem ao time, por outro corresponde a uma forma de pertencimento a um grupo.

4.2.1.3 Jogo do mostra-esconde

Ao mesmo tempo em que envolve um simbolismo a escolha das figuras, desenhos, nomes próprios, enfim, as inscrições na pele põem em pauta um **jogo de exhibir e esconder**.

Para o entrevistado citado no tópico anterior ter o nome de seu time tatuado num local visível é importante já que faz um uso de pertencimento grupal com isso. A entrevistada Raquel, por sua vez escolheu o peito do pé para o início de sua tatuagem de borboleta e quanto a isso destaca que a escolha do local não foi inocente:

“Acho a área do pé lindo e a mulher fica muito feminina usando sandálias e salto alto. É muito charmoso. (...) É sexy. (...) Passei a comprar sapatos que fossem mais abertos no peito do pé, pra poder dar destaque às minhas companheiras.”

Nesse caso, aparece a tatuagem enquanto um adorno a ser destacado, visto e apreciado. É um elemento a serviço da sedução e ela complementa, fazendo uma distinção quando ele tem esse caráter:

“Na verdade, gosto mais quando to usando saia, short e vestido. Minhas amigas aqui ajudam a compor o meu visual. Seja pra ir passear no calçadão no fim de tarde, seja pra ir numa balada. Agora, quando to indo trabalhar ou tá frio, acabo usando calça e sapatilha ou bota, aí quase não aparece. (...) Se você pensar bem, no trabalho não é o pé que tem que chamar atenção e sim minha cabeça, minha competência.”

Parece, pela fala acima, que por vezes é importante ou necessário que as tatuagens estejam localizadas em locais onde se possa resguardá-las. A escolha do local para a tatuagem a ser feita é preocupação não apenas dos tatuados, mas também nos profissionais tatuadores.

Estes últimos por vezes usam da persuasão em seus clientes para mudarem a região do corpo a ser tatuada. Há uma preocupação com o “encaixe” do desenho, numa perspectiva estética, e também, uma avaliação da parte desses profissionais quanto a idade, tamanho de algumas tatuagens e local a ser colocado. Como será visto mais a frente, eles costumam orientar pessoas mais jovens para que não se precipitem e decidam por fazer uma tatuagem da qual poderiam se arrepender, como tatuagens com nome de cônjuges por exemplo.

Mariana diz que sua intenção com a tatuagem de código de barras era a de “chamar atenção”, no entanto escolheu como local do corpo a nuca. Assim como o pé, é uma área sensual. Porém, mais do que isso, quanto ao nosso interesse, é um local que tanto cabe a intenção de mostrar quanto esconder principalmente pelo fato de Mariana apresentar longos cabelos. Ela atribui a esse desencontro entre sua intenção primeira de “chamar atenção” e o local tatuado ao fato de “se eu quiser mostrar eu mostro, se quiser esconder eu escondo”.

Da mesma maneira, foram recorrentes enunciados como: “eu fiz num lugar pra ninguém ver”. Quanto a isso, uma entrevistada (Mirian, 24 anos) diz:

“para eu mesma não olhar e ficar nossa... essa tatuagem... Porque enjoa, se eu ficar toda vez olhando vai ter uma hora que eu vou dizer: ah eu não gosto mais. Aí eu vou começar a falar: ah eu não quero mais isso, não quero. Então fiz num lugar pra esquecer mesmo que tem tatuagem e também não queria que muitas pessoas pudessem ver e tal, pra ficar escondida, até porque meus pais também falavam: ah vai fazer tatuagem. Ah vai ficar mole, não vai conseguir emprego, coisas assim... ah que você não vai conseguir emprego porque tem tatuagem. Aí não..., mas a minha dá pra esconder, ninguém vai ver, de calça ninguém vai ver e tal. Também comecei a pensar nisso um pouco. Da palavra dos meus pais.”

A fala de Mirian é representativa da efemeridade que a imagem carrega atualmente. Deposita no ato de olhar sempre a possibilidade de enjoar e ter a necessidade de mudar. Por outro lado, coloca em pauta a possível relação que uma tatuagem a mostra pode ter de implicação num futuro emprego. Essa preocupação que ela atribui a seus pais e depois a ela própria está intimamente relacionada a um histórico de preconceito na qual a tatuagem está envolta.

Outra entrevistada considera que suas tatuagens não a atrapalharam sua vida profissional efetivamente, porém comenta que caso “quisesse ser militar, como já quis ser um dia, isso poderia ter atrapalhado sim”. Quanto a isso, é freqüente ver em editais para seleção de profissionais na carreira militar que os critérios médicos de exclusão de candidatos incluem

*“tatuagens na mão, antebraço, pescoço e cabeça ou atentatórias à moral e aos bons costumes e que cultuem a violência.”*²⁶.

Apesar das tatuagens serem praticadas em condições materiais, sociais e simbólicas bastante diferentes hoje, nota-se traços de um preconceito e ainda uma associação à marginalidade, fortemente presentes no fim do século XIX e início do XX. Essas atribuições de ordem pejorativa e de conotação moral aparecem hoje, principalmente, no mercado de trabalho. Em parte, ficam evidenciadas literalmente dentro de editais como o acima descrito, em outras situações trata-se de preocupações de ordem pessoal e moral, como a que foi destacada da fala dos pais da entrevistada: *“você não vai conseguir emprego porque tem tatuagem”*.

4.2.1.4 Originalidade e exclusividade

A preocupação com a diferenciação dos desenhos no uso da tatuagem foi quase unanimidade dentre as entrevistas realizadas. A **exclusividade** ou a **originalidade** dos desenhos dão um caráter mais personalizado ao cliente e com isso torna possível aumentar o valor atribuído àquela escolha.

É comum que os estúdios apresentem aos seus clientes revistas e catálogos com diversos desenhos e estilos de desenhos. Tão comum quanto isso é o fato de que os mesmos sejam modificados à medida que há escolha de algum desenho pronto. Mesmo que sirva como base, torna-se importante ter algo individualizado, tendo em vista que também representa algo cujo significado é também individual.

A fala de uma entrevistada que tem seu irmão um tatuador profissional quando questionada sobre o assunto diz que faz diferença ter uma tatuagem desenhada especificamente pra pessoa:

“Te dá a sensação de exclusividade. De uma coisa sua. Mas meu irmão tem esse cuidado. Quando ele monta seu portfólio, ele até tira idéias de outras coisas, mas sempre deixa algo de seu, uma marca que seja única. Tanto que quando duas pessoa escolhem um mesmo desenho ele procura ainda assim fazer diferente. Ele faz todas diferentes. (...) Não ia gostar de encontrar uma pessoa com o mesmo desenho que eu. Um desenho igual é como

²⁶ Edital Nº 002/2008 – CBMERJ, 10 DE MARÇO DE 2008 do concurso público para o provimento de vagas para os cargos de soldado e cabo bombeiro militar.

compartilhar o corpo, porque afinal de contas, a tatuagem acaba fazendo parte do seu corpo. Tem que ser um traço que diga da pessoa.” (Daniele)

Daniele aborda um ponto que merece ser destacado: “*Não ia gostar de encontrar uma pessoa com o mesmo desenho que eu*”. Para ela, a tatuagem tem um significado particular e que por fazer parte do seu corpo deve ser particularizado também.

Uma jovem, que tatuou um caminho de formigas subindo pelo seu braço até o ombro, conta que as pessoas acham “*inusitada*” a idéia das formigas e a isso responde:

“Acho engraçado. Porque é diferente. Eu nunca vi nenhum assim, não me agradaria andar por aí e ver que minha tatuagem é igual a de todo mundo. É minha e minha, ponto. (...) eu levei a idéia e ele desenhou pra ver se eu gostava ou não.” (Raquel)

Além das formigas, ela também tatuou borboletas que subiam do pé ao tornozelo. Conta: “*Essa eu escolhi lá [no estúdio] as que mais gostava. Mas o conjunto foi a gente que montou na hora. Fiz um teste e aí fiz*”.

O que Raquel aponta é o trabalho conjunto com o tatuador que compôs sua tatuagem. Foram os elementos escolhidos por ela, com o talento no desenho do tatuador, somado ao efeito que gostaria que o desenho tivesse e a adequação do local para tatuar com a sugestão do profissional. Houve uma participação conjunta em todos os detalhes e que conferiu a ela a satisfação com a sua aquisição. Mesmo no caso das borboletas, em que escolheu nos catálogos as que mais gostava, o conjunto tatuado foi montado e projetado para ser particular a ela.

Outra entrevistada, Mirian, conta que queria tatuar uma estrela de cinco pontas, simples, apenas em preto. Na época em que a fez, preferiu escolher um local “*diferente*” para tatuá-la:

“É que você vê gente por aí com estrela da Monique Evans... que era no ombro e todo mundo botou. Eu não queria uma estrela naquele lugar. Eu achava bonito, nela né?! Mas não queria igual..., queria diferente. Aí eu fiz uma na cintura pra ficar num lugar diferente de todo mundo. Porque eu acho que ninguém tem tanta tatuagem assim na cintura. (...) Eu sempre gosto de ser diferente dos outros.”

Mirian chama de “diferente” o local em que tatuou a sua estrela, comparando-o com o ombro, local onde uma famosa tinha o mesmo desenho e que foi copiado por algumas pessoas. Independente se de fato a cintura é ou não um local onde se tatua menos, o que está em jogo para Mirian é não ser encarada como alguém que tentou copiar a tatuagem de outra pessoa, que nesse caso é uma pessoa que faz sucesso na mídia. Inclusive, Mirian descreve essa tatuagem como sendo de propriedade da famosa: “*com estrela da Monique Evans*” e com isso pretende ter a sua própria e se diferenciar fazendo-a num outro local. Sabe-se que o desenho é o mesmo, mas é atribuído a ele um estatuto particular e singularizador por parte de Mirian.

Parece que as tatuagens se configuram como uma forma de expressão que deve marcar diferenças. Não apenas da parte daquele que procura a técnica, mas também daquele que a pratica. Atualmente a tatuagem é apontada por muitos como forma de expressão e arte. Sendo assim, produzir cópias e imitações acaba tomando um peso negativo, de menor valia. O tatuador enquanto artista não poderia simplesmente reproduzir, ele deixa “*uma marca que seja única*”, como atestou a jovem que tem seu irmão tatuador.

4.2.1.5 Não fuja da dor²⁷

Sabe-se que muitos povos utilizavam e ainda utilizam tatuagens e escarificações em muitos rituais de passagem, como nascimento, puberdade, reprodução, embelezamento e morte. Essas situações são exemplares de sua dinâmica social. Determinavam posições hierárquicas, status social, marca de pertencimento a um coletivo. A ênfase estava colocada no processo, mais que o resultado final. Este último era representativo do reconhecimento daquele indivíduo dentro daquele coletivo. Porém, é o processo que marca o momento de passagem, é nele que passar pela dor constitui símbolo de força e superação, características que formam um guerreiro respeitado, por exemplo.

Atualmente, no ocidente, a tatuagem não apenas comporta outras significações como a relação com ela e com a dor é de outra ordem. Se antes a ênfase estava depositada no

²⁷ Esse é o nome de uma música de composição de Marcelo Fromer, Charles Gavin, Branco Mello, Tony Belloto, interpretada pelos Titãs. “Não tome comprimido/ Não tome anestesia/ Não há nenhum remédio/ Não vá pra drogaria/ Deixe que ela entre/ Que ela contamine/ Que ela te enlouqueça/ Que ela te ensine/ Não fuja da dor/ Não fuja da dor/ Não tome novalgina/ Não tome analgésico/ Nenhuma medicina/ Não ligue para o médico/ Deixe que ela chegue/ Que ela te determine/ Que ela te consuma/ Que ela te domine/ Não fuja da dor/ Não fuja da dor/ Quer sentir a dor/ Não é uma loucura/ Fugir da dor é fugir da própria cura.”

processo, pode-se dizer que o que se vê atualmente é o contrário, a ênfase está no resultado final. A tatuagem hoje está a serviço de uma individualização. As falas dos entrevistados remetem quase sempre a uma idéia de diferenciação dos outros, como um traço particular, que marca a singularidade de uma vivência individual e não coletiva. Mesmo nas tatuagens que sugerem uma experiência de pertencimento a certos grupos, como os de futebol, por exemplo, o que está em jogo não é exatamente uma iniciação e a garantia de pertencimento. Trata-se muito mais de uma homenagem e uma preferência pessoal.

Sabe-se que a dor continua fazendo parte do processo da realização de uma tatuagem. No modo tradicional, ela é realizada com instrumentos com poucas agulhas, o que gera mais tempo para sua feitura, e isso implica também no aumento da sensação de dor. A invenção da máquina elétrica no fim do século XIX permitiu que uma extensão maior de pele pudesse ser pigmentada mais rapidamente, devido à quantidade de agulhas e a velocidade da máquina. Outro fator envolvido nesse processo é a pressão exercida na máquina e a conseqüente profundidade em que as agulhas perfuram a pele. Quanto mais superficial, menor a dor. Mas não se pode dizer que ela não esteja envolvida nesse processo.

É comum que as pessoas que procuram um estúdio perguntem sobre a dor, os locais onde dói mais ou menos e se há algo que se possa fazer para minimizá-la. Os tatuadores não possuem autorização para a administração de anestésico intravenoso. Alguns estúdios utilizam anestésicos de uso tópico – pomada – mas não costumam ser recomendadas. Há também aqueles que sugerem uso de analgésicos antes das sessões (OSÓRIO, 2006). Essas medidas não são tomadas como regra geral. Nenhum dos entrevistados relatou ao menos o oferecimento de alguma dessas condições, o mesmo também não apareceu no discurso dos tatuadores entrevistados.

A sensação de dor é extremamente subjetiva. Normalmente cada um atribui a ela sensações de cunho negativo, desagradável, são representativas de uma experiência emocional. Sendo assim, as pessoas podem apresentar tolerância à dor distinta frente ao mesmo estímulo, como a tatuagem, por exemplo. Essa tolerância envolve uma série de valores que só poderiam ser avaliados no contexto em que está inserido.

As entrevistas realizadas com pessoas tatuadas e as suas experiências com a dor durante a feitura das tatuagens deram margem para pensar sobre a **banalização da dor** neste processo, a dor enquanto parte de um **ritual** e a dor enquanto **expressão de vivências individuais**.

Quanto à primeira problematização, pode-se dizer que foi unanimidade dentre as entrevistas realizadas que a dor é um componente presente no ato de tatuar, porém recebe a

qualidade de ser “suportável”. As descrições são inúmeras, mas ninguém afirmou que era indolor, a dor estava presente em menor ou maior grau.

Jean (27 anos) baseado na sua experiência em realizar tatuagens, chega a citar locais onde dói mais ou menos:

“eu tenho nesse braço, fechamento. (...) No braço é tranqüilo. Dói é no peito. Aqui em volta do mamilo que é chatinho. Mas não é nada. Quem gosta tipo assim, não é nada, entendeu?! Quem gosta faz. Não é aquela dor insuportável. (...) Muita gente fala que tatuagem vicia. Não vicia. Só que é aquilo, você vem pensando que vai doer muito, a dor é insuportável, quando você vê que não é aquilo que você imaginava, você já pensa ‘pô, vou fazer outra aqui’. Aí vai e, é muito louco, entendeu?! É muito louco!”

É perceptível nessa fala que há uma minimização da dor: “*não é nada*”. Jean inclusive usa diminutivo para qualificá-la: “*é chatinho*”. Há momentos em que ela é atestada e em seguida é minimizada ou negada. A expectativa quanto ao efeito final parece valer o preço pago pelo trabalho e a dor que o acompanha. Este ponto é importante, pois atesta o valor depositado no resultado e não no processo e coloca a dor como algo que precisa ser encarada como parte constitutiva do “**ritual**” de se fazer uma tatuagem: “*quem gosta, tipo assim, não é nada*”. Se em alguns contextos a tatuagem e a dor faziam parte de um ritual de passagem, aqui a tatuagem por si só é um ritual e a dor sua constituinte.

De forma semelhante, Rogério comenta diálogos que tem com pessoas que comentam a quantidade de tatuagens que possui e a possível relação com a dor:

“O pessoal fala assim: ‘o cara tem tanta que nem sente mais’. Eu falo: ‘pô cara, se você tomar um soco na cara todo dia, você vai sentir esse soco na cara todo dia’. Você não fica acostumado. A relação é assim, a gente pensa no resultado do trabalho”.

Da mesma forma que Jean, Rogério aposta no resultado final da tatuagem e acredita que a dor é conseqüência do processo de se fazer uma tatuagem. Ela é inclusive circunscrita aquele momento, não se prolonga. Mas o que chama a atenção nesta fala é o fato de desmistificar a idéia de costume quanto a dor, ou de insensibilidade a ela. Sabe-se que a dor é uma experiência difícil de ser medida, extremamente subjetiva. As descrições sobre ela podem ser várias, mas a mais freqüente foi a expressão “suportável”. Pelo menos um

“desconforto” aparece nas falas. Nota-se uma banalização da dor, justificando sua prática voluntária em nome do resultado final.

“Não muito, só em duas partes que chegou perto do osso. Mas foi suportável.”
(Mirian)

“A do pé doeu bastante e doeu também na hora de preencher.” (Mariana)

“Não senti dor na hora de fazer o contorno. Era mais um incômodo. Parece que tão riscando com força. Mas quando voltei pra preencher o emblema, ali doeu. Nem sei explicar direito. É uma dor, com uma ardência, tipo quando a gente rala o joelho quando é criança, sabe?! É meio chato, mas nada grave também não.” (Jorge)

Mesmo com a facilitação do processo com a máquina elétrica, tatuagens maiores, levam sessões para serem finalizadas. Este é o caso de Maria Eduarda e Rogério. Ambos estão no processo de “fechamento do braço”. Como o desenho é bastante extenso, levam várias sessões até terminarem seus projetos.

Rogério conta em quantas sessões está e o quanto ainda falta:

“Aqui, se eu não me engano, eu to com quatro sessões de três horas e meia cada uma. Aí, falta só o azul-piscina aqui, falta rabiscar aqui ainda, pra daí colorir ele todo e vem até o peito, entendeu? Dificilmente daria pra terminar num dia só. (...) Se dói?! Dói um pouco sim, não vou negar. Mas como eu disse, é o resultado que importa. Além disso, não é uma dor insuportável não.”

Quanto a Maria Eduarda:

“Contando com hoje, já é a 5ª sessão. E ainda falta a beça. Tá demorando assim porque to terminando essa aqui da coxa, os detalhes e pintar. E to pintando esse braço, que to fechando. Primeiro riscou tudo e depois a gente vai preenchendo, quero dizer ele, né?! ele vai preenchendo. Pelo o que ele falou, vai demorar ainda umas 3 sessões. (...) Doer, dói um pouco. Mas eu nem ligo. Depois que começa vou relaxando. Aqui embaixo ó... é quase uma cosquinha.”

Maria Eduarda não apenas minimiza a sensação de dor quanto a desloca para uma outra atribuição a de “*cosquinha*”. Durante a entrevista ficou evidente a boa relação que Maria Eduarda tem com seu tatuador. Não só são amigos, como foi ele quem fez quase todas as suas tatuagens. Parece que essa relação de amizade e confiança propicia um ambiente mais confortável, seguro, que a deixa tão relaxada a ponto de conversar, rir, e inclusive deixar de sentir dor para sentir uma “*cosquinha*”.

Daniele ao falar de sua terceira tatuagem, um grande coração cercado de rosas na parte inferior das costas também refere a necessidade de mais de uma sessão para completar o desenho:

“A última é maior. Foi a que demorei mais a decidir e a fazer. Levei um total de três dolorosas sessões. (...) a terceira marca um período de força, de ter passado por muitas coisas e de me mostrar e perceber que era capaz de superar algumas dores. Ela doeu bastante e acho que passar por aquela dor foi só um símbolo de outras dores...”

Para Daniele, a dor não está atrelada necessariamente ao resultado final como no caso de Jean, Maria Eduarda e Rogério. Ela não apenas refere a dor da tatuagem, mas a associa a outras dores na vida. É como se sentir a dor da tatuagem fosse fazê-la lembrar que a superou e ao mesmo tempo lembrá-la de investir em escolhas na vida que sejam menos dolorosas. Trata-se de uma memória em carne viva. Nessa direção, a dor ao fazer a tatuagem é uma dor que faz um sentido praquela que se submete a ela, pois evoca sentimentos e experiências. Sente-se uma dor física no intuito de superar uma dor que é da ordem do psíquico. Ela, nesse caso, é expressão de uma vivência individual.

4.2.1.6 Escolha de profissionais e estúdios

Outro ponto curioso são os critérios utilizados para a escolha dos estúdios e a ênfase dada ao aspecto físico e de higiene no local. Foi unanimidade dentre os entrevistados o destaque dado ao ambiente. Dentro desse aspecto valorizam a confiança, higiene e a segurança.

“Me deu um pouco mais de coragem pra fazer. O ambiente era legal. Você via que eles tinham preocupação com a limpeza. Tinha lá todos os descartáveis. Ele mostrou tudo,

inclusive quando tava abrindo a agulha. Toda a higiene de lá. Inspira confiança. Era bem arrumadinho.” (Mirian)

Raquel conta que recebeu indicação de amigos de estúdios diferentes e resolveu ir verificar ambos e, o ambiente, a clientela e os profissionais foram critérios que auxiliaram a escolha, inclusive avaliou que seria importante pagar mais caro pelo mesmo serviço.

“Eu tinha uns amigos que já tinham feito e tive duas indicações. Aí, eu fui nos dois lugares pra ver como é que era. (...) Teve um que era mais bonito o lugar, era melhor localizado e também era mais caro. O outro era bem pequeno; tinha uma escada pra subir. Os dois eram bem limpos, tinha material descartável e uma sala de esterilização. Mas o primeiro tinha um catálogo maior e o tatuador já tinha participado inclusive de concurso. Ahhh... outra coisa ... tinha algumas pessoas na sala de espera. Acho que isso é sinal de que ele é bem procurado, então deve ser bom. Aí acabei fazendo com ele. Preferi pagar um pouco mais e ficar com um profissional melhor qualificado.”

Para algumas pessoas, não apenas a higiene e cuidado dos profissionais são quesitos suficientes para a decisão. Raquel comentou as indicações que recebeu. Da mesma forma, para Joyce a indicação foi essencial na escolha dos estúdios. Ela foi a única dentre os entrevistados que procurou estúdios diferentes para a realização de suas tatuagens. Apesar de não apresentar queixas sobre o primeiro, destaca os detalhes dos desenhos e a originalidade.

“O primeiro que eu fiz, foi com um tatuador amigo de um amigo meu, ele é gente boa a beça, fiquei satisfeita com a tatuagem, mas as outras eu fiz pela a indicação da minha vizinha. Os desenhos das tatuagens dela eram bem originais, os desenhos muito bem feitos. A indicação, o fato dos desenhos serem muito legais, parecia um bom profissional, o aspecto do local: era tudo bem limpo, tinha a sala de esterilização e ele explicou tudo inclusive sobre o material.”

Em outros casos, conhecer o profissional foi o critério usado. Mariana após ver a nova tatuagem de sua prima, tomou coragem e resolveu tatuar-se. Procurou o contato de um antigo amigo do colégio que havia se tornado tatuador e apostou que o fato de se afeiçoar com ele indica que ele provavelmente seria um bom profissional:

“Na verdade, eu já conhecia o tatuador há 5 anos e por isso não foi um processo difícil. Foi um amigo meu que estudou comigo no colégio. Ele acabou fazendo um curso e começou a tatuar. E aí, depois que a minha prima fez eu me empolguei. (...) Bem arrumadinho, limpinho. O material era esterilizado, tudo direitinho, bonitinho. Sem contar que ele é super gente boa.”

Luiz também realizou suas tatuagens com um profissional que era seu amigo. Não só já o conhecia como também freqüentava seu estúdio há tempos.

“No estúdio de um amigo meu. Eu tava sempre lá. Já tinha visto ele fazer umas tatuagens muito maneiras. Outros amigos nossos já tinham feito com ele também. Sem contar que ele desenha muito.”

Maria Eduarda conta que começou a fazer tatuagens, em 2004. Mas seu relacionamento com o tatuador já era de longa data. Antes de se tornar tatuador, ele dava aulas de matemática. Foi assim que se conheceram. Ela tinha interesse em se tatuar e reencontrou Rogério num estúdio enquanto acompanhava um amigo para se tatuar e ela colocava um piercing.

“Aí foi quando eu reencontrei o Rodrigo, foi o Rodrigo que me deu aula. A gente se conhece já há uns 11, uns 10 anos quase. Aí, ele ‘ah nossa, não sei o que’. A gente se encontrou e a gente ficou lá batendo um papo e tal. Foi onde eu coloquei o meu piercing. E eu tinha visto duas andorinhas, mas não era essa. Era uma que tinha uma cara mais magra assim, sabe?! Aí eu comecei a pesquisar, isso foi o que? 2004. Não era nem esse estúdio ainda, era no Pro-Tattoo.”

Excetuando-se apenas uma de suas tatuagens, todas as outras foram desenhadas por Rodrigo exclusivamente para ela. Mesmo a tatuagem que ele desenhou para a participação de um concurso na modalidade tatuagem colorida, ele a convidou por achar que era seu estilo. Parece que a confiança e cumplicidade são tão grandes que ela acompanhou a mudança de estúdios.

Daniele não só conhecia seu tatuador há muito tempo, como convivia com ele. Era seu irmão. Sendo assim, ela acompanhou seu percurso profissional, seus desenhos, sua técnica e emprestou seu corpo para que ele treinasse inclusive:

“Na verdade, fazer com meu irmão no estúdio em que ele trabalhava teve peso na minha decisão. Sendo uma pessoa conhecida e conhecendo o trabalho dele, facilitou tudo. Eu acompanhei todo o processo dele começar a tatuar, comprar a primeira máquina. Além disso, ele sempre desenhou muito. Todos os quadros que tem lá em casa são dele, ele que fez. Ahhh, e sem contar que também fui cobaia né?! Ele tava iniciando quando eu fiz a primeira. O desenho nem era dele, foi uma tatuadora que trabalha com ele que desenhou pra mim e ele tatuou.”

Chama a atenção a ênfase nas palavras relacionadas à limpeza, higiene, material, descartável, sala de esterilização. É fato que na década de 90 ganharam destaque a brancura do piso e das paredes, a austeridade dos objetos e a presença de móveis clínicos, bem como sala de esterilização equipada com instrumental necessário como nos aponta Fonseca (2006). Esse estilo mais *clean*, recriou o visual para a prática da tatuagem, e passou a atrair novos públicos.

Essa prática passou a abranger às classes média e alta, que pagam melhor pelo custo de um serviço cada vez mais sofisticado e estetizado. Essa aproximação com a clínica segundo preceitos médicos sem dúvida contribuiu para a modificação da imagem social da tatuagem, já que evocam sentimentos de confiança, tranquilidade e segurança em relação ao serviço que está sendo oferecido.

4.2.2 Modos de ser tatuador

4.2.2.1 Início da trajetória laboral: autodidatismo e estágio

Sabe-se que as concepções atreladas ao ato de se tatuar se modificou ao longo da história da humanidade e ao que concerne a apropriação ocidental da prática, ela tomou um caráter profissional e mercadológico bem definido na atualidade. Não é necessário ir muito longe ao passado para notar as diferenças exorbitantes no tratamento dado à tatuagem não apenas àqueles que marcam sua pele com agulhas e tintas, mas àqueles que se aperfeiçoaram na atividade de tatuar.

As condições sociais e materiais nas quais essa atividade era realizada são muito diferentes de alguns anos atrás e como consequência tem-se a criação de um mercado que a

cada dia se torna mais exigente e implica numa especialização cada vez maior do tatuador. Se antes a tatuagem era realizada por curiosos e amadores em festas ou em prisões, hoje ela tem um aspecto mais técnico, envolto numa série de normas e cuidados. Da mesma forma que se vê diferenças na forma de se encarar a tatuagem hoje, o processo de formação dos tatuadores também é distinto.

Apesar de todos os tatuadores entrevistados neste trabalho atestarem não ter feito cursos para aprender a técnica da tatuagem, a trajetória de formação dentro desta atividade é bastante díspare. Parece haver um tipo de formação baseada no **autodidatismo**, em que o aprendizado parte de um interesse pessoal e de pesquisa em revistas e livros, e outra que aposta na **observação e estágio**, enfatizando o ato de acompanhar um profissional na sua atividade. Mesmo com suas diferenças de trajetória todos os entrevistados consideram o “estar junto” fundamental para se aprender e aprimorar técnicas de desenho sobre a pele.

Ricardo (tatuador, 33 anos) iniciou sua trajetória enquanto tatuador há 15 anos. Nesse período se estabelecer nessa atividade era bastante difícil. Na época não havia a variedade de estúdios que se vê atualmente e não se encontravam profissionais dispostos a compartilhar técnicas, estilos e bons materiais. Frente a esse contexto, descreve seu percurso e o de outros profissionais como “solitário”. Segundo suas palavras:

“Como antigamente era tudo bem difícil (...) eu tô falando de mim, mas não fui só eu quem passou por isso, vários outros profissionais também. Tem pessoas que até desistiram de tatuar e hoje tem outras profissões. É..., retornando ao que eu falei, era muito difícil você virar tatuador naquela época, você ficava muito exclusivamente dentro de casa. Então, você não tinha como sair tanto para aprender, não tinha essa coisa das pessoas de estúdio de tatuagem, grandes estúdios de tatuagem... Não permitiam que você entrasse pra fazer perguntas, você não tinha isso. Então você acabava sendo obrigado a olhar revistas, olhar determinados desenhos e achar que o efeito era daquele jeito ali. Você tinha que tentar fazer igual. Então você acabava tendo que se virar realmente.”

Com essa expressão “*tendo que se virar realmente*” Ricardo mostra a solidão inicial no seu percurso, chegando a se intitular autodidata. E essa solidão não se restringe a recusa de alguns tatuadores em ensiná-lo ou a dificuldade de conhecer fornecedores de bons materiais, mas da aceitação familiar dessa prática e de sua instalação no mercado.

“É até engraçado isso, mas eu posso te dizer que eu era preconceituoso com tatuagem, até o ponto de eu ver uma tatuagem sendo feita. Aquela coisa, né (!) a criação dos pais. Aquela coisa: ‘ah não faz não menino’. Naquela época era bem classificada como marginalidade, né?! (...) Quando eu olhei aquela coisa, a primeira vez... Era uma agulhinha. Na época, era uma colherzinha envergada. Botava umas gotinhas de tinta lá em cima, vinha com a agulha amarrada, a maquininha feia, né. Na mão mesmo, não usava nem luva. Aí, via aquela linha saindo, a tinta grudada na pele. Aí, eu fiquei maluco. Falei: ‘caraca, tenho que aprender’. (...) Então, o que acontece, eu vi em revista. Eu tinha idéia de como montava ela, mas ninguém nunca ninguém chegou assim: ‘aí Ricardo, é assim que se faz’. Eu tive que me virar. (...) Na minha época era difícil, eu posso te dizer que fui autodidata.”

Ricardo conta que investia em conhecimento através das leituras e aprimorava seus desenhos. Pouco acompanhava outros tatuadores. Chega a dizer que seu interesse maior era em fazer tatuagens em vez de tê-las em si próprio. *“Me aproximei mais em querer fazer do que querer ter uma tatuagem. Me colava mais em fazer do que praticamente ver alguém fazendo tatuagem. Eu mesmo vim a fazer minha primeira tatuagem há uns 8 anos atrás.”*

Em termos de dificuldades, os outros tatuadores também a atestam. No entanto, é notória que as dificuldades enfrentadas foram diferentes. Se Ricardo pouco acompanhava outros profissionais, não se pode dizer o mesmo dos outros, que se aproximaram dessa atividade há menos tempo.

João (tatuador, 31 anos) começou sua trajetória há 6 anos. Inicialmente procurou estudar técnicas de desenho por conta própria, diz: *“sem curso nenhum, me aprofundando, comprando livro, pesquisando, correndo atrás”*. João desejava estudar Belas Artes e com isso gerou controvérsias quanto ao projeto que seus pais tinham pra ele. Acabou tornando-se engenheiro civil, profissão que exerceu por pouco tempo, abandonando para dar aulas de matemática e física. Paralelamente a isso, fazia desenhos para capas de CDs de um amigo, que se ampliou como desenhos para um estúdio de tatuagem. Na medida em que percebeu um retorno financeiro através de seu desenho, pôde abrir mão do trabalho em escola. Recebeu um **convite** para acompanhar o tatuador em seu estúdio e aí iniciou seu processo de profissionalização, através de uma espécie de **estágio**.

De modo semelhante a João, Danilo (tatuador, 33 anos) refere que o início de sua trajetória enquanto tatuador está atrelada ao fato de já desenhar e ter recebido um **convite** para acompanhar um tatuador já profissional.

“A primeira vez que eu comecei a fazer tatuagem foi em 2003 e, profissionalmente, um ano depois, talvez. Eu sempre desenhei e não imaginei que ia ser tatuador, tinha alguns desenhos que eu já fazia para tatuagem, surgiu a oportunidade de conhecer um Estúdio profissional, mostrar esses desenhos, o pessoal gostou, achou que eu tinha potencial e me fez o convite pra eu fazer um estágio... ficava lá olhando e aprendendo. Enfim, começou assim.”

Como se pode ver, as falas de João e Danilo enfatizam um **convite** para aprender esse ofício e o caminho trilhado é o de ter uma participação num estúdio através da observação e com o tempo treino e prática, como numa espécie de **estágio**. Estas falas divergem de Ricardo, no sentido da solidão, que ele caracteriza no início de sua trajetória. João e Danilo puderam contar com pessoas já estabelecidas no mercado da tatuagem que compartilharam as técnicas e estilos. Nota-se que o período de inicialização de Ricardo é distinto de João e Danilo. Ricardo começou na profissão há 15 anos, enquanto João e Danilo há aproximadamente 6. Há um espaço de tempo considerável em suas formações e por isso vivenciaram momentos diferentes ao que se refere à difusão da profissão. Ricardo aponta que muitos desistiram de ser tatuadores, enquanto que João diz que foi possível abandonar a carreira em engenharia e docência para se engajar na profissão de tatuador.

De forma semelhante, Danilo diz que precisou abrir mão do trabalho para se dedicar exclusivamente a prática de tatuar.

“As dificuldades do tempo que eu comecei pra quem quiser começar hoje são as mesmas. É difícil porque é uma profissão que não é reconhecida como profissão... Tive que deixar o trabalho e tudo. Única e exclusivamente pra me dedicar ao estudo de desenho, de tudo para tatuagem. Foi uma escolha que eu fiz. Não foi fácil, mas hoje eu não me arrependo não.”

Nota-se outra diferença nesses diferentes períodos: a questão do preconceito atrelado a tatuagem. João aponta essa diferença em sua fala: *“naquela época, papai e mamãe preconceituosos... ‘Isso é coisa de marginal; isso é coisa de moleque de rua; quem tem isso é bandido; é pirata.’”*. Ele se refere à sua idade de 12 anos quando *“já tinha mania de rabiscar [de caneta] o corpo”*.

Coincidentemente, era o período que Ricardo começava a sua jornada e não encontrava apoio para alavancar sua atividade. Quanto ao que acontece atualmente, ele diz:

“hoje em dia o pessoal que hoje tá entrando no mercado, tá entrando com responsabilidade bem diferente de antigamente. Hoje em dia, eles vêm querendo realmente permanecer no mercado, eles vem com bons desenhos, com algum aprendizado com tatuador antigo, né?! (...) O mercado cresceu legal aí, uma coisa vistosa mesmo de uns 10 anos pra cá, de uns dezinho pra cá. Melhorou bastante. Dez anos antes era bem precário você não tinha como se organizar.”

Percebe-se que apesar de essas falas divergirem em alguns pontos, quanto ao acompanhamento de um profissional já instalado no mercado, por exemplo, essas três falas têm em comum que o interesse pelo desenho é anterior ao da tatuagem. Há um investimento no estudo das técnicas de desenho, que envolve pesquisas em revistas e livros. Se é que se pode dizer que há um ponto inicial para o investimento na atividade de tatuagem, arriscaria dizer que se trata de saber desenhar bem. Aumentando um pouco mais a aposta poderia dizer que o momento de passagem para a profissionalização é a primeira máquina de tatuar.

4.2.2.2 A 1ª máquina de tatuar

Passar das revistas e livros, ou da observação para a prática de tatuar, só é possível à medida que se adquire o equipamento e material para tal atividade. Esse é um passo delicado e requer segurança para fazê-lo. Todos os entrevistados apontam a primeira máquina como o “divisor de águas” para o início do processo de profissionalização. Ricardo e João puderam comprar suas primeiras máquinas, enquanto Danilo ganhou a sua de um amigo.

“dei um jeito de comprar o equipamento. Minha mãe, coitada, deu um cheque que era dela na época. Eu vi uma máquina usada, né?! Então, o que acontece, eu vi em revista, tinha idéia de como montava ela, mas ninguém nunca chegou assim ‘aí Ricardo, é assim que se faz, é assim’. Obviamente eu não vou dizer que ninguém nunca me ensinou a pegar uma máquina né?! Claro, a primeira vez que eu vi alguém sendo tatuado foi um amigo meu que tatuou. Achei aquilo interessante, obviamente o primeiro passo, ‘ó, faz mais ou menos assim’ eu tive que me virar”. (Ricardo)

“Eu já fazia desenhos e vendia pra uns tatuadores de um estúdio, um amigo meu sempre dizia que eu tinha potencial. Ele era tatuador. Foi ele que falou que eu devia investir nisso e me deu uma máquina de tatuar. Isso foi essencial pra começar” (Danilo)

Enquanto isso, João, já acompanhava o dia a dia dentro do estúdio e conta que recebeu o convite: “*‘pô, então compra a máquina.’ Que isso cara, tá maluco?! Comprar a máquina, e riscar pele? ‘Pô cara, se você faz no papel, você vai aperfeiçoar na pele’*”. É curioso esse diálogo, pois apesar de colocarem ênfase na habilidade de desenhar, fica evidente a diferença de se desenhar em superfícies inanimadas, como papel, tela, paredes, e desenhar em pele. Esta última requer aprimoramento, afinal é viva. Há uma pessoa que tem desejos, vontades, reclama, se mexe e vai receber na pele um adorno que, em princípio, é permanente. Nessa direção, os entrevistados se utilizam de certos valores como **respeito** e **carinho** para conceituar a sua atividade e habilidades como **desenhar bem** e **mão firme**.

É consenso entre eles que deve haver um **respeito** muito grande com a pele. Este trabalho requer **precisão** e segurança, já que se trata de um trabalho definitivo. Enfatizam a necessidade de se ter **carinho** pelo trabalho e pela pessoa que vai tatuá-lo e carregá-lo consigo. A tatuagem é também o veículo de propaganda de trabalho e por isso deve ser bem feita. Sendo assim, o trabalho na pele tem as suas particularidades e exige muito dos tatuadores.

4.2.2.3 Pele: tela viva

Desenhar na pele não é o mesmo que desenhar a lápis num papel, em que há tempo para apagar e refazer quantas vezes quiser ou precisar. É um trabalho de precisão cirúrgica. Um traço torto, tremido ou borrado, continuará torto ou tremido ou borrado a não ser que se invista em alguma técnica de remoção, ou de clareamento ou ainda cobrir com outra tatuagem.

Sendo assim, há uma preocupação desses tatuadores quando começaram a exercitar, já que a superfície onde se desenha é outra a que estavam acostumados, a saber: o papel. A superfície é outra, a textura é outra, as tonalidades de cores são variadas e as formas de pigmentação também. O somatório dessas preocupações coloca a necessidade de **treino**, para alguns em algo diferente da pele. É o que Ricardo e João afirmam, eles costumavam treinar com legumes e frutas:

“‘e pra você não riscar na pele, você compra o material e risca na batata’ Que batata cara? Que batata? ‘Comida, batata. Compra a batata no mercado.’ Aí foi o que eu fiz.”
(João)

“antigamente pegava laranja, melancia, e tinha, tinha de tudo. Tinha gente que usava pele de porco” (Ricardo)

Para Danilo, o processo foi diferente. Após o período de observação, realizou uma pequena tatuagem num amigo e depois em sua irmã e não parou mais. Não houve um tempo de treino em outros materiais até chegar a pele humana.

“Minha primeira tatuagem?! Foi nesse meu amigo, muito brother mesmo, que me incentivou a começar a trabalhar nisso. Ele foi a minha cobaia. Eu fiz junto com uma tatuadora lá do estúdio. Eu já observava há um tempão e aí eu combinei com esse meu amigo, ele foi lá, e ela me ajudou, me dava uns toques, dizia quando eu tinha que inclinar, ou afinar o traço, essas coisas. (...) É sim, foi com uma espécie de supervisão. Depois fiz na minha irmã e por aí foi... To nessa até hoje.”

O convite para tatuar pessoas próximas parece ser um recurso frequentemente usado por iniciantes. Pessoas que já conheciam as suas habilidades com desenho sentiam-se provavelmente mais seguras para emprestar seu corpo como tela. Ricardo também contou com o fato de que conhecidos confiassem no seu talento para desenho. Ele conta:

“tive sorte, comecei com pessoas que confiavam que eu já sabia desenhar. (...) Minha tia hoje em dia tem um passarinho que parece um morcego. [risos] (...) Eu fazia os trabalhos e não ficavam tão bons na época, mas o pessoal curtia muito.”

O parâmetro de qualidade e técnica hoje, para Ricardo é completamente outro. Quanto a ele próprio, ele verifica uma mudança qualitativa no seu trabalho decorrentes da experiência. Além disso, ele aponta a existência de “profissionais” e “lambões” e isso o torna muito mais crítico quanto ao seu próprio trabalho. *“Hoje em dia, entram no mercado cientes do que estão fazendo. Entram realmente profissionais. Toda área tem o profissional e tem o*

lambão né?! Então, não foge à regra a tatuagem, entendeu?'. Ele destaca o fato de ser autodidata, mas enfatiza o fato de aprimorar a técnica e estar em contínuo aprendizado.

“Obviamente a gente tá sempre aprendendo. Hoje em dia, como tem grandes profissionais, eu sou fã de diversos profissionais. Profissionais esses, que hoje em dia, eu converso com eles, troco informações, né?! Obviamente hoje, tá tendo aprendizado. Antigamente nem tanto. Antigamente, eu tinha que me virar mesmo.”

Ricardo aponta para uma questão bastante importante no seu mundo laboral que é o aprendizado contínuo, o acompanhamento do trabalho de outros tatuadores que tenham o seu reconhecimento enquanto um bom profissional, com qualidade técnica. Esse movimento contribui para que estejam sempre atualizados quanto a novas tendências, materiais novos no mercado e principalmente correspondem a um dos pontos de diferenciação entre profissionais e amadores na área.

4.2.2.4 A problemática dos “lambões” e a questão do reconhecimento profissional

Com a expansão do mercado, a facilidade para comprar kits para tatuagem e seus materiais na atualidade favorecem a proliferação de estúdios e de tatuadores clandestinos. Isso implica numa concorrência maior e como consequência tem-se a construção de estratégias para se afirmar nesse mercado e expulsar, ou pelo menos, afastar os amadores. É nesse sentido que aparecem nas falas dos tatuadores entrevistados alguns pontos de distinção entre **amadores e profissionais**.

Para João o que torna uma pessoa um profissional é a dedicação dispensada na sua prática, que envolve exclusividade:

“acima de tudo é aquele cara que vive daquilo, e se dedica aquilo ali. O bom profissional, ele sabe desenhar, e procura mais conhecimento, trabalha sempre aquilo ali. Tá sempre em evento, entendeu?! Ao contrário desses caras que compram kits de tatuagem vagabundo, e bota ali 20 reais, bota uma plaquinha ali e fala ‘pô, sou tatuador profissional’, entendeu?! E caga a pele de todo mundo e marca todo o mundo. Isso é a maior falta de respeito, entendeu?! Não tem discriminação nenhuma pra quem quer começar a tatuar, quem

quer aprender, nem nada. Só que, pô cara, é pele dos outros. Vamos ter carinho, vamos ter respeito. Isso não sai. Quer fazer?, vamos estudar, procurar outros profissionais. Como é que você começou? Como é que liga? O que você usa? Tem que estudar, entendeu?!”.

Esse pequeno trecho evidencia uma série de valores que envolvem o fazer uma tatuagem e caracterizam essa vestimenta “profissional”. Está em jogo a **qualidade** do desenho e do material usado, a **dedicação**, o **estudo**, a **pesquisa** e principalmente o **respeito** pela pele alheia.

Para Danilo um profissional, assim como para João, é aquele que vive do desenho e da tatuagem. É assim que ele se afirma e investe no seu aprimoramento. Para ele o **estudo** e a **especialização** continuada garantem o status de profissional e acarreta numa boa **remuneração** pelo trabalho. Parece que neste caso, a remuneração constitui o reconhecimento do seu trabalho como bom.

“Eu sou um profissional, eu vivo disso. (...) Você tem que estar sempre estudando, buscando referências. Na tatuagem existem tendências, você vai se especializando. Existem estilos de tatuagem. O tatuador, se ele domina todos os estilos, ele é um tatuador mais completo e automaticamente ele vai tá ganhando bem. O tatuador bom é bem remunerado hoje em dia. E é essa coisa, estudar e tentar chegar o mais próximo possível de um tatuador completo, que realiza qualquer tipo de trabalho.”

Para Ricardo, o fundamental para o trabalho na área é a **habilidade** de saber desenhar. Trata-se de **dom**:

“acho que todo profissional, que são bons profissionais, eles têm que ter o dom daquela coisa. Ele tem que gostar daquela coisa. Papai do céu vai lá e toca aquela cabecinha, assim. ‘Você vai ter o dom tal.’ Então, pra você se tornar um profissional nessa área, você tem que ter o dom de desenho, você tem que saber desenhar. Nada contra quem faz curso, entendeu? Eu acho interessante. Eu, por exemplo, eu gostaria de fazer um curso pra aprimorar, aprender mais, claro.”

Além disso, esse entrevistado descreve as diferenças fundamentais entre profissionais e amadores e atesta a necessidade de “**boas condutas**” na área:

“(…) Bom, a diferença de um tatuador profissional pra um amador começa ... com tudo. Desde o início, com um bom atendimento e uma boa conduta perante o cliente, com um bom entendimento do que ele tá fazendo. Ele sabe o que é a tatuagem, ele tem noção da responsabilidade que é fazer uma tatuagem. É quase uma microcirurgia, não deixa de ser micro porque é pigmentação, ou seja você está utilizando agulhas, você tá trabalhando com tecidos, com uma pessoa que te confiou a pele, que vai fazer algo que vai ficar pelo resto da vida. Então, se a pessoa não tem, não sabe o que é isso, fica complicado. Se acha que a tatuagem tá ali, e pensa ‘vou fazer um ...’, ‘vou ganhar cem reais e eu vou me dar bem’, aí, você como se classifica? Já pensou?! Você vai num estúdio. Você chega lá. Você vê um ambiente ruim, um ambiente sujo. Não vê a autoclave. Você às vezes não vê um elogio pra esse local. Você pega um profissional pra te atender, se você for fazer uma pergunta e ele não sabe te responder. Você pergunta qual é o tipo de pomada que pode ser usada depois de pronta a tatuagem e escuta que é pra usar vaselina. Não existe isso! Vaselina nunca vai ser pomada cicatrizante, ela é a base de petróleo. Então, o que acontece, pega uma pessoa dessa que não teve instruções, são mal informados, entram devido a facilidade de entrar no mercado, e aí já viu o problema, né?! (...) Então, acho que o bom profissional se classifica assim, desde o momento que você entra na porta do profissional, você se sente bem no ambiente. Você é bem recebido. Você tem todas as suas dúvidas esclarecidas. Você vê pessoas que já fizeram tatuagem nesse estúdio e estão felizes e satisfeitas. Aí, você pode se tranquilizar que você vai sair dali na boa. Tratado com total higiene. Você vai ver higiene profissional: luvas, mascarar, é... é tudo que é apetrecho, tudo plastificado, direitinho. Isso é um referencial. Faz total diferença entre um bom profissional e um mau profissional.”

Ricardo, assim como as falas anteriores, enfatiza a **habilidade** no desenho e valores como **respeito** e **boas condutas** na sua atividade. O que se nota é que cada um a sua maneira propõem valores que possam caracterizá-los enquanto profissionais. O que aparece nas entrelinhas no uso dessas palavras, termos e expressões é um **posicionamento ético** nas suas práticas, em que haja **respeito** com aqueles que procuram os seus trabalhos e o **reconhecimento** de que são bons naquilo que fazem.

Não se pode deixar passar o fato de que a fala de Ricardo é exemplar quanto ao contorno biologizante e médico que a tatuagem tem tomado atualmente. Ele faz uma descrição quanto ao uso de agulhas e a aproximação que faz com a idéia de microcirurgia. “É quase uma microcirurgia, não deixa de ser micro porque é pigmentação. Ricardo ao usar essa expressão se refere ao termo “micropigmentador”, que é uma das denominações utilizadas

atualmente para designar sua atividade²⁸. Além disso, ele cita o uso de pomadas cicatrizantes e a não indicação de uso de pomadas que sejam à base de petróleo, bem como a necessidade de esterilização do material através da autoclave. Esses são aspectos intimamente relacionados à higiene e assepsia e que também é compartilhado pelos outros profissionais.

João aponta a necessidade de se acompanhar um profissional para aprender não apenas a técnica, mas também esses aspectos. Ele critica categoricamente o “fazer de qualquer jeito”. Diz:

“O melhor jeito de aprender é com alguém que sabe, e não só tatuagem, mas a assepsia, higiene, entendeu? Cara porco, cara... Pô, é triste isso sabia?! Porque quem nunca fez tatuagem, entra num lugar desses, acha que todo lugar é desse jeito. Ainda acha que todo mundo é porco e que ninguém sabe fazer, entendeu?!”

Danilo, nessa mesma direção, destaca que dentre as preocupações que uma pessoa deve ter antes de fazer uma tatuagem encontra-se a assepsia, higiene e os cuidados com a tatuagem. Esse conjunto é considerado um dos indicadores de bons profissionais:

“Hoje em dia, as pessoas estão começando a perceber que o que existe de tatuagem hoje, o que os profissionais sérios fazem, na tatuagem, é uma tatuagem artística, então as pessoas têm que procurar um profissional sério, um lugar sério, se preocupar com a higiene da coisa, o lugar tem que estar legal e, assim, a gente escuta: “Ah, isso é meio caro e tal”, você vai achar tatuagem por cinqüenta reais, mas é risco que você corre. Na verdade, você paga cinqüenta reais e ganha um problema. Então, é por aí. Quer fazer uma tatuagem? Procura um profissional sério, que vá te dar uma atenção, que vá te instruir sobre os cuidados...”

Como se vê, esta é uma preocupação que se repete nessas trajetórias. Esses são tatuadores que fazem a distinção dentro de sua área laboral nas condutas que correspondem a um profissional, que tem respeito e dedicação a sua atividade, e aqueles que ao contrário disso “fazem de qualquer jeito”. Além da questão do estudo e da dedicação na área, os pontos mais enfatizados dizem respeito à higiene, materiais de qualidade e a esterilização adequada. Todos

²⁸ O Sindicato dos Tatuadores de São Paulo propõe como denominação a expressão “Dermopigmentador Artístico” nas disputas políticas e legais para a regulamentação da profissão de tatuador. Ver ANEXO II

esses aspectos vêm sendo discutidos nos últimos anos e diversas leis e portarias²⁹ os abarcam, determinando como devem ser os cuidados de higiene e esterilização dos materiais e a vigilância sanitária é o órgão responsável pela sua fiscalização. Sendo assim, **estar dentro das normas e seguir a risca os procedimentos** indicados não apenas diferem os profissionais dos amadores ao ver dos tatuadores entrevistados, quanto parece servir como um diferencial também no mercado.

4.2.2.4.1 Regulamentação da profissão

Como já apontado, a preocupação com o local, a assepsia e higiene são fatores importantes não apenas por aqueles tatuadores que se julgam profissionais, como para as pessoas que procuram estúdios para se tatuar. Alguns tatuados entrevistados apontaram suas preocupações quanto a essa problemática e deram demonstrações que de fato a aparência dos estúdios e a confiança depositada nos tatuadores foram quesitos importantes e talvez determinantes na decisão de fazer as tatuagens. Este fato demonstra que essas preocupações atravessam o conjunto da sociedade.

Ricardo chega a comentar a sua preocupação com a inexistência da regulamentação da sua profissão e de um órgão de apoio, que pudesse cadastrar e dar suporte a esses profissionais. Esse déficit acarreta em pessoas se lançando nesse mercado se intitulando tatuadores, mas que aos olhos de tatuadores como Ricardo não deveriam ser reconhecidos como tal e acabam por ferir a imagem do tatuador enquanto um profissional sério.

“Hoje, está tão fácil entrar no mercado de tatuagem. Tão fácil que entram pessoas que não entendem nada. Entram pessoas leigas, entram pessoas que não sacam nada de higiene. Então, vamos supor, se houvesse um sindicato que começasse a organizar isso, vamos supor, aquele profissional só compra bom material e tudo mais porque ele é cadastrado, então pô, aquele cara é profissional. Se não tivesse a carteirinha não poderia comprar, por exemplo. Com essa carteirinha, ele se tornaria um tatuador profissional na área e essa carteirinha abriria as portas pra ele no mercado de trabalho na área dele. Poderia comprar bons materiais, poderia ter vantagens em alguns equipamentos, algum desconto, alguma coisa, não é má idéia, alguma coisa relacionada à prefeitura, sei lá! Seria bom alguma coisa assim. Seria bom que melhoraria bastante a classe em relação aos

²⁹ Ver ANEXO I

profissionais que querem realmente levar isso a sério. (...) Vamos supor, a idéia da carteirinha, ela não é uma idéia má se você pensar bem. Se você pelo menos reconhecesse o profissional com documento de profissão, isso já ia impedir muito, muito mesmo, o mercado ia impedir de gente intrujona ou pessoas que não entendem nada.”

Esta é uma discussão bastante complexa. Falando-se em termos de legalidade, é possível abrir um estabelecimento para uma prática que oficialmente não é reconhecida como profissão. Não há nenhuma forma de cadastro, nem exigências oficiais para essa prática. Em princípio, qualquer pessoa pode comprar uma máquina, obter o alvará de licença e começar a tatuar. A **regulamentação da prática** pelas instâncias governamentais demonstra uma preocupação da ordem de saúde pública, o que acarreta num discurso médico sobre a prática. No entanto, a **não regulamentação da profissão** implica que haja uma fiscalização do estabelecimento e da prática em si identificando “amadores”, porém, não mede a especialização do profissional em termos artísticos, reivindicação dos tatuadores.

Apesar de Ricardo se queixar da não existência de um sindicato, por exemplo, que desse respaldo e suporte aos profissionais da área, ele está de referindo ao local em que vive e trabalha, a saber, Rio de Janeiro. Ele reconhece que já houve diversas tentativas para se estabelecer um sindicato forte no Rio de Janeiro, porém a mobilização perde força frente às entraves e retrocedem.

“Aqui no Rio já tentaram várias vezes, mas não vai pra frente. Então, no Rio realmente a coisa é largada. A verdade é essa. A palavra correta é essa: largada. Nós profissionais conseguimos manter a exigência de uma prefeitura, vigilância sanitária, manter o estúdio dentro dessas condições, mas somos nós por nós mesmos (...) Agora, chegar alguém aqui, ‘vamos legalizar essa profissão!’. Não, isso não acontece, entendeu?! Em São Paulo eles tão tentando, tão tentando, mas não rola.”

Para este entrevistado a palavra “burocracia” é a que melhor descreve as dificuldades de resolver esses entraves. Destacamos também a desmobilização dos coletivos.

“Burocracia, burocracia, alguém pra chegar de frente. Na realidade, é que os profissionais eles acabaram se acostumando com esse ritmo. No meu modo de ver, no meu ponto de vista, o que eu vejo é que se acostumaram. Então ninguém tá mais fazendo aquela coisa, ‘vamos se unir’. Estamos meia dúzia hoje, na próxima reunião já tem três e assim, na

próxima acabou. Não vai mais ninguém. Então não tem ninguém dando força, ninguém faz nada.”

João também atesta essa dificuldade de mobilizar os profissionais para essa disputa.

“A gente tentou montar um sindicato, mas precisa todo mundo junto. (...) É importante, porque precisa da ajuda de todos os profissionais, todos os colegas de trabalho. Precisa também de conhecimento. Envolve política no meio, envolve muita coisa. Você vai cutucando. Quanto mais você cutuca, mais você vai vendo que é difícil, entendeu?!”

Em São Paulo, há um Sindicato que tem tomado a frente nessas discussões, e investido na disputa para regulamentar a atividade dos estúdios de tatuagem e piercing no Brasil através do Projeto de Lei nº 2.104 de 2007, que está em tramitação na Câmara dos Deputados em Brasília. Há a aposta que aprovado este Projeto de Lei, o segundo passo seria a regulamentação da profissão de Dermopigmentador Artístico (popularmente chamado de Tatuador) e Perfurador Corporal (popularmente chamado de Piercer).

O reconhecimento da profissão parece ser um ponto importante para esses tatuadores que foram entrevistados. Eles relatam situações em que se sentem incomodados por terem que adequar suas atividades dentro de outras categorias.

“Hoje eu fui dar entrada no meu casamento e o cara do cartório me perguntou ‘qual a sua profissão?’, Eu respondi: ‘Sou micropigmentador.’ Ele me perguntou: ‘Que?, Que é isso?’ Aí eu falei: ‘Tatuador.’ Aí ele: ‘Mas eu vou botar tatuador aqui? Pô, não tem isso aqui no sistema.’ ‘Pô cara, põe que eu faço tatuagem então. Pronto’. É ruim pô. A gente trabalha, dá o suor aqui. Tudo isso, paga imposto igual a todo mundo, vai no mercado, paga escola, telefone, luz, um montão de coisas em casa como todo mundo, e não tem a profissão reconhecida. É ruim pra caramba.”

Para Danilo, essa também é uma questão. Ele acaba por se intitular “autônomo” para dar conta dessa falta de caracterização oficial da sua profissão.

“A profissão tatuador não existe, se você procurar não existe. Você vai fazer um crediário, qualquer coisa, a pessoa pergunta: ‘Qual é sua profissão?’ Tatuador, não existe,

tem que entrar em outras coisas, tipo... sei lá, artista plástico ou uma série de outras profissões. Eu sou autônomo...enfim, mais ou menos isso.”

Os tatuadores entrevistados nessa pesquisa são sensíveis a essa situação em que se encontra o reconhecimento profissional do tatuador no Brasil. Nos últimos anos foi crescente o número de estúdios e de pessoas que buscam essa técnica para adornar o corpo. Apesar de considerarem importantes essas mudanças e o reconhecimento social decorrente, sentem falta de um reconhecimento que seja oficial, no qual possam lançar mão ao ir ao cartório como colocou João, ou abrir um crediário como no caso de Danilo.

Este último, em sua fala chega a citar outras categorias na qual a tatuagem poderia ser encaixada e cita “*artista plástico*”. Aqui colocamos ênfase no termo “*artista*”. Este é um detalhe importante, pois associa arte e tatuagem e está presente na fala de outros tatuadores. Esta é uma condição reforçada também pela existência de concursos de tatuagens e competições em regime regional, nacional e mundial. Estes são locais onde aqueles que se consideram profissionais se encontram para trocar idéias, conhecer diferentes estilos, divulgar seu trabalho e competir em determinadas categorias como se verá adiante.

4.2.2.5 Locais para compartilhar e também para competir

Como apontado anteriormente, há uma preocupação por parte dos tatuadores atualmente em fazer distinção entre aqueles que são profissionais daqueles que são amadores. Essa diferenciação se dá em diversos níveis. Parece que acompanhar um tatuador antigo e aprender cuidadosamente o ofício é uma delas. Dedicar-se ao estudo e ao aprimoramento das técnicas de desenho é consequência dessa primeira e também define um bom profissional. Segue-se as adequações quanto a assepsia, higiene e normas de segurança, que os entrevistados atribuem a profissionais sérios. E além dessas, apontam que é fundamental a **troca de experiências** e o contato com outros tatuadores em feiras de exposições e competições.

Nestas últimas são escolhidos os melhores tatuadores em diversas categorias: tatuagens de rostos, preto-e-branco, coloridas, de cobertura, old e new school, tribal, comics, oriental etc. Cada uma dessas categorias tem suas especificidades e costuma ser difícil realizar bem todas elas. Danilo diz que “*o tatuador, se ele domina todos os estilos, ele é um tatuador*

mais completo”. Acaba por acontecer dos tatuadores terem suas preferências e realizarem melhor um ou outro estilo de desenho.

Ricardo participa dessas convenções desde 2006, compete e já recebeu prêmios em algumas categorias de desenhos, como fotografias e realismo. Lamenta não ter participado de nenhum campeonato internacional e projeta esse desejo para um futuro próximo. Em suas palavras:

“Bom, participo desde 2006, e de lá pra cá, graças a Deus, eu venho em todo evento, eu venho ganhando prêmios, e tenho o total, se eu não me engano, 16 prêmios nacionais, a nível nacional. Ainda nenhum internacional. Não participei, espero participar e de repente possa até ganhar alguma coisa. Mas a minha meta é sempre ir e aprender. Eu vou até as convenções, aprendo mais, revejo os amigos. Então, o que acontece é bom. Eu venho participando desde 2006, realmente é a minha área. É o realismo, e a coisa da foto eu gosto muito. É uma área que me agrada bastante.”

Fica claro na fala de Ricardo que é importante participar das convenções e competições por dois motivos principais: o primeiro é a intenção de aprender, trocar experiências e verificar o que há de novo no mercado; o segundo diz respeito a competição. Nesta última, há necessariamente a divulgação do seu nome e trabalho, bem como a visibilidade do mesmo. O ato de, principalmente, vencer uma competição numa categoria oferece **reconhecimento dos pares** e **notoriedade** quanto ao trabalho realizado.

Parece que este lócus de disputa e também de reconhecimento profissional perante seus pares se fortalece devido à ausência de um quadro institucional que ofereça suporte, a saber: uma lei específica que regulamente a profissão, um órgão de classe e um sindicato. É nesses espaços que conseguem discutir algumas questões sobre a profissão e agenciar algumas delas. Mas a queixa se dá em termos de pouca ou nenhuma mobilização posterior ao evento.

João também destaca a importância desses eventos na aprendizagem e novamente marca a diferença de um profissional sério que está em permanente construção, se especializando, pesquisando, se aprimorando.

“Conhecer profissionais de fora e aprender, sempre aprender, entendeu?! Mas sempre com os profissionais, assim, é essencial é fundamental. Ao contrário de outros ‘tatuadores’ que a gente fala, que abre estúdio, é eu na minha, não falo com ninguém. Esse

cara vai morrer de fome, porque tem que correr atrás. Tem que ir atrás de bons profissionais. Tem que fazer amizade. Tem que sentar, tem que perguntar, 'pô cara, isso é legal, como é que faz isso? o que você usa?' Entendeu?! É saber chegar, saber se aproximar, fazer amizade. Assim, você saber sugar aquilo ali dele."

Danilo corrobora com a idéia de que participar desses eventos e convenções tem esse caráter de atualização e de se estabelecer contato entre os profissionais, além de divulgar o seu trabalho e conhecer outros.

"Pô, é essencial participar desses eventos. Lá a gente encontra o pessoal, troca idéia, aprende pra caramba. Não dá pra parar, né?! Em qualquer profissão é assim, você tem que se dedicar, tem que estudar, tem que ver o que tem de novo por aí. Tipo assim, você não costuma ir pra congresso, apresentar trabalho e tal?! (...) Então, pra gente, tatuador, essas convenções devem ser tipo esses congressos pra vocês. É onde a gente divulga nosso trabalho e se atualiza. Lá a gente também vê o que tem de novo no mercado quanto a material, máquinas e equipamentos. É ótimo."

A questão da **atualização** é bastante importante aos olhos desses tatuadores, mas aparece consonante com isso, o interesse em novos materiais e equipamentos, que são escolhidos com bastante cautela. Precisam ser adquiridos com fornecedores **legalizados**, com materiais de qualidade e o que há de novidade no mercado é divulgado nesses locais. Parece que não costumam confiar em qualquer promotor que faça visitas nos estúdios apresentando esses materiais. É o que João aponta em sua fala ao tratar de sua participação nesses eventos e o que percebe de interessante nisso.

"Participo, tenho esses dois prêmios aqui, que foram recentes, foram do ano passado, entendeu? (...) Essa aí, colorida, é a melhor tatuagem feita no evento, ou seja, eu me dediquei de corpo e alma. É o que eu gosto de fazer. Foi muito difícil no começo, ter que se envolver com os profissionais. Ter que ir pra evento. Tem que perguntar. Você tem que observar. Tem que ter material de primeira. Não adianta você comprar material ruim, desses caras que aparecem vendendo aí na porta, não é um material bom, não vai ter bom resultado, entendeu? Então, nos eventos de tatuagem a gente pesquisa o que tem de novo aí no mercado. Ali tem sempre novidades, entendeu? Têm sempre profissionais, tem pessoa que é confiança. Tem fornecedores de confiança."

João costuma participar em diversas categorias e se sente realizado com o reconhecimento que a participação da competição dá ao tatuador.

“Olha só, eu gosto do preto-e-cinza, eu gosto do colorido, e do oriental. O colorido, de preferência o old school. A hora que eu gosto, é a hora que vai pro evento. A galera: ‘Pô, o João vai competir nessa categoria’. É legal isso, sabe?! Você vai pra evento, você sabe qual tatuador tem a categoria certa de competir, entende?! Você sabe que desenho vai jogar. É tudo muito legal, todo mundo gosta, entendeu?! E muita gente fala: ‘Pô, esse cara não se dá com ele, não sei o que. Os dois profissionais, cara, se conhecem, estendam a mão assim, trocar idéia. Pô, material tal, isso, mostra isso. Tá legal, isso não tá, isso aqui não consegui me adaptar, entendeu?! Tudo isso é bom pro evento. É bom que é o lugar que a gente encontra todo mundo junto. Cada um tem o seu estúdio, não tem tempo de ir no estúdio do outro. E aí se encontra aquela galera. Ali cara, são três dias muito maneiros. Tatuagem feita no final do dia. Senta num lugar, todo mundo relaxando, conversando. É muito legal.”

Há dois aspectos que ao mesmo tempo se aproximam e se afastam. O fato de haver uma competição envolve necessariamente uma avaliação e a determinação de que um desenho dentre aqueles que foram inscritos é melhor que outros e por conseqüência incitar que os profissionais invistam cada vez mais em técnica e em materiais para que possam se manter nessa posição ou que novos talentos sejam desvelados. Porém, por mais que haja todo o peso e o simbolismo em torno da palavra “**competição**”, a ênfase empregada pelos tatuadores entrevistados é a de “**aprendizagem**”. Mais do que competir, as pessoas se encontram para aprender e compartilhar o que sabem. Envolve o interesse em crescer profissionalmente, aumentar a qualidade do seu trabalho.

4.2.2.6 Tatuador- artista e o portador da obra

Nestes concursos, há a exposição de pessoas que carregam desenhos exclusivos e que são avaliados enquanto obras de arte por jurados, que normalmente são tatuadores renomados na área. São obras vivas, a pele é a tela onde a pintura foi projetada e há críticos que as avaliam dentro de suas especialidades e determinadas categorias. Essa forma de

funcionamento reforça essa associação entre tatuagem e arte, que já é unanimidade entre os tatuadores caracterizarem a tatuagem dessa maneira.

“E a tatuagem é uma arte, ela meio que tem vida própria junto com quem tem a tatuagem. Ela tá em todo canto aí. (...) Ah, mas não tem como chamar de outro jeito, porque... pô, você consegue reproduzir uma foto na pele da pessoa, você consegue personalizar um desenho. Não tem como falar da tatuagem de uma outra forma que não for arte.” (Danilo)

“A tatuagem é uma arte milenar. Em cada época tinha um significado. Não era qualquer um que fazia. Envolve um dom. É um dom que a gente aprimora, até porque a nossa tela se mexe, reclama.” (Ricardo)

“Claro que é uma arte. Imagina, você faz um trabalho praquela pessoa que tá te procurando. As vezes envolve pesquisa, o trabalho começa antes de desenhar. Tem que ser algo que diga alguma coisa daquela pessoa específica, tem que ser especial. A gente tem que ter carinho e respeito pelos outros. Pô cara, é pele de outra pessoa, tem que ter muito respeito.” (João)

Chama-nos atenção o fato de que em todas as falas abordam que tatuar se trata de um trabalho com “vida”. Seja por “*ela meio que tem vida própria junto com quem tem a tatuagem*”, ou “*porque a nossa tela se mexe, reclama*”, ou ainda “*tem que ser especial (...)* Pô cara, é pele de outra pessoa, tem que ter muito respeito”. Esta particularidade recebe destaque por parte dos tatuadores que atestam ser esse um diferencial que torna mais difícil e delicado o seu trabalho, a sua arte.

Não se sabe ao certo qual o conceito de arte a que se referem. Ele é extremamente subjetivo, de difícil conceituação. Talvez a que se aproxime mais seja a arte enquanto forma de expressão. Segundo o dicionário Aurélio (2010), em duas de suas definições, arte seria uma “*atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda; (...) a capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos*”. Pode-se dizer que no verbo tatuar cabe a definição de atividade criativa e de caráter estético, que muitas vezes abordam vivências pessoais e que está a serviço de expressar esses sentimentos. No entanto, há uma peculiaridade nessa atividade: trata-se de um serviço oferecido a outra pessoa. O tatuador-

artista parece funcionar como um tradutor em imagens dos sentimentos e vivências daquele que o procura.

A pele corresponde à **tela viva** onde seus trabalhos são projetados. Essa tela viva tem o poder de mostrar, esconder, divulgar, se arrepender, reclamar. E aqui aparece uma questão muito interessante, trata-se de uma **arte entre dois**. A autoria do desenho muitas vezes envolve o tatuador e o tatuado. João aponta isso quando diz que “*o trabalho começa antes de desenhar. Tem que ser algo que diga alguma coisa daquela pessoa específica, tem que ser especial.*”. Há um trabalho anterior à tatuagem, propriamente dita, que envolve encontros, conversas e pesquisa de forma a abarcar num desenho aquilo que o tatuado (por tratar-se de um processo, cabe o gerúndio) deseja carregar consigo. Normalmente este processo se dá quando se trata de desenho de tamanho médio e grande, com várias composições. Os tatuadores podem se lançar em desenho de “mão livre” ou composições e modificações de algumas existentes ou propostas pelo tatuado. O fato é que o formato final implica num acordo entre as duas partes. O tatuador funciona como veículo para que aquela pessoa que o procura possa ter uma tatuagem que diga algo de si própria e não do tatuador. Ao mesmo tempo, esse **tatuador-artista** tem uma história e um percurso com os desenhos, há traços e cores que marcam seus trabalhos e preferências, há uma avaliação estética quanto ao encaixe do desenho à área do corpo a ser tatuada. Há, portanto uma série de sutilezas que caracterizam sua autoria, mas que não garantem seu direito autoral.

Este quadro é bastante complexo. Autoria e propriedade se confundem. O desenho é do tatuador-artista, mas quem porta é o tatuado-tela. Fica difícil determinar de quem é a propriedade, é delicado dizer inclusive que se trataria de uma propriedade compartilhada do desenho. A autoria do desenho é do tatuador, mas que por vezes construiu com exclusividade um desenho personalizado para o cliente, com a sua ajuda. Este, por sua vez, é quem vai carregá-lo consigo. Talvez o tatuador nunca mais o veja, ou o cliente resolva modificar o trabalho, agregando outros detalhes, ou removendo. Não se sabe o que acontece depois que o cliente sai do estúdio.

Apesar dessa situação confusa sobre os “direitos” autorais e de propriedade em relação a tatuagem, Danilo comenta a existência de traços pelos quais se pode reconhecer um tatuador e diferenciá-lo de outro. É uma espécie de assinatura.

“O traço do tatuador é a assinatura dele. É difícil de você chegar nesse patamar, das pessoas olharem e reconhecerem o seu traço, mas é mais ou menos por aí, o traço ou um efeito, um tipo de pigmentação... mas o traço é a assinatura do tatuador sim.”

Esse aspecto também está presente na fala de Ricardo e João. Ambos, assim como Danilo, atestam a existência de características próprias do tatuador que se imprimem no desenho feito e permite a um observador atento e que acompanha esses trabalhos a possibilidade de reconhecer diferentes tatuadores.

“É verdade. No oriental, as pessoas que me conhecem, quando vêem um desenho oriental meu, numa boa falam: ‘pô, esse trabalho é do João’, entendeu?! É cheio de traço, estilo de onda que eu faço, da água, estilo do movimento do vento, e isso tudo é característico. (...) Isso que é legal. Consegue reconhecer. Assim é que tem de ser, porque tem pessoas que gostam, tem pessoas que não gostam, isso faz a diferença. ‘Ó, eu gosto do oriental do fulano’, ‘Pô, gosto desse do cicrano’; Outros: ‘do fulano é maneiro’. Entendeu?! (...) É claro que as vezes se trata de algumas sutilezas. Nem todo mundo consegue identificar de cara, mas que acompanha um pouco do trabalho consegue reconhecer com mais facilidade.(...) É a assinatura, realmente é a identidade de cada profissional.” (João)

“Com certeza dá pra reconhecer certos profissionais pelos desenhos sim. Quem é da área percebe sim. Ou alguém que seja atento aos detalhes. Por exemplo, eu adoro trabalhar fazendo retratos, eu tenho um jeito de trabalhar as sombras que eu acho que fica legal e é uma marca minha. Tem algumas pessoas que conseguem reconhecer.” (Ricardo)

Mas independentemente da resolução dessa interrogação, pode-se dizer que é fato, que os tatuadores têm uma preferência especial pelos trabalhos exclusivos e personalizados. Inclusive, normalmente estes desenhos não são reutilizados. Há uma espécie de ética em que respeitam a exclusividade do desenho para aquele cliente específico. É comum que os tatuadores peçam para tirar fotografias e a coloquem expostas nos catálogos de tatuagens já realizadas pelo profissional, porém fazem a ressalva de que não as repetem.

4.2.2.7 Modismo X Originalidade: reconhecimento profissional ou singularidade vivencial?

Intimamente relacionado a esse estatuto de arte, encontra-se por parte dos tatuadores uma problemática quanto a simples reprodução de um desenho. Se encaram a tatuagem como

uma arte, simplesmente reproduzir um desenho é minimizar seu trabalho e se submeter a certas tendências e modismos dos quais se queixam.

“Tatuagem não é moda. Tatuagem é estilo de vida. Ela é atitude. Ela é... pô, seu jeito de ser. Você não pode vir aqui procurar uma tatuagem como se fosse comprar uma roupa, entendeu?! Ahh... ta na moda agora uma blusinha listrada. Tem cliente que chega aqui, ta na moda quer fazer. Complicado. Então, uma pessoa dessa não curte, não gosta área, da arte da tatuagem. Ta fazendo por modismo. É uma daquelas pessoas que mais lá pra frente vai se arrepender. (...) Sair dessa é difícil. Mas o que eu faço, como profissional, eu explico. Eu falo: ‘ó, tatuagem não é modismo tá?! Seria bom você fazer uma arte que tenha algo a ver com você, com o seu jeito de ser, seu gosto, é sua vida.’ Algo assim né?! Não gosto de fazer mesmice, porque tatuagem não é. Não se pode classificar tatuagem como se fosse moda.”
(Ricardo)

De forma semelhante a Ricardo, João também se incomoda bastante com essa espécie de “*modismo*” que acompanha alguns clientes.

“Ahhh... sei lá, me chateia muito essas pessoas que vem aqui querer copiar coisas que viram nos outros. Tatuagem tem que ser especial. Acho que o pior é que, não tem noção que não sai cara. De repente não tem que fazer aquilo, mas faz num local que a tatuagem fica horrível, entendeu?! E a pessoa se arrepende daquilo ali. Eu fico com pena da pessoa porque ela vai fazer num lugar mais barato, não vai ter o resultado que ela queria e vai acabar com aquilo feio, entendeu? E divulgando a arte feia. (...) É assim, desenho de catálogo é ruim. Todo bom profissional não gosta, mas todos eles tem que ter. Tem pessoas que chegam aqui e às vezes não tem uma idéia, o catálogo ajuda. Mas pra usar a diferença, eu prefiro 100% criar os desenhos cara. Eu faço pra aquela pessoa. Ela fala o que ela quer, ela conta a história, o motivo, fica até mais gostoso de trabalhar aquilo ali. Esses desenhos não se repetem, não faço de novo. A pessoa quer o que ela quer, aquele desenho é daquela pessoa ali. Não adianta, cada pessoa tem uma idéia diferente.”

Esse incômodo parece ter aumentado com a popularização da tatuagem. À medida que ela passou a ser aceita por diferentes segmentos da sociedade, ela passou a ser tomada enquanto um produto, uma mercadoria que se compra. A grande crítica dos tatuadores parece estar na dissociação que fazem entre mercadoria e arte. Se o que estão propondo na sua

atuação enquanto um profissional **tatuador-artista é arte na pele**, essa arte deve comportar a criatividade, a habilidade em desenho e não a reprodução.

Parece que o que está em jogo nessas circunstâncias é que o profissional tatuador espera que o corpo daquele que o procura não seja pura e simplesmente um organismo e sim um corpo investido. Danilo conta um episódio em que recebeu um cliente para cobrir uma tatuagem e se indigna com a falta de cuidado com o próprio corpo, com a própria marca.

“Hoje, por exemplo, teve um rapaz, mecânico, que tinha uma tatuagem na mão, que ele disse que ele mesmo fez, mas parecia uma tatuagem feita num presídio e feita num lugar que a gente sabe que não funciona o encaixe. Era uma tatuagem muito feia e tal, que ele queria cobrir com qualquer coisa. Ele falou: “Pô, irmão, faz qualquer coisa aí, um balão, um gato, uma caveira. Então assim, isso não existe, não tem critério. É horrível.”

Não é a toa que em diversos momentos eles declaram respeito pela pele dos outros. É importante a história de cada um, os desejos de cada um, o fato de se tatuar algo que seja especial e que respeite a singularidade daquele que queira se tatuar.

É nesse sentido que para Danilo a personalização dos desenhos é um aspecto bastante interessante. Não apenas enfatizando o cliente, mas também o seu trabalho e marcando um diferencial da forma de trabalhar de antigamente. Ele se orgulha de poder afirmar que não repete seus trabalhos. Além disso, destaca que esse ponto corresponde a uma diferença quanto à qualidade do tatuador e conseqüentemente no público que vai receber a sua indicação.

“Há algum tempo atrás, as tatuagens, elas eram uma reprodução mesmo dos álbuns, os catálogos que o cliente encontrava na loja. Hoje em dia, pelo menos no meu trabalho, cem por cento do que eu faço, a gente ou cria na hora, ou então faz um estudo em cima da idéia do cliente, faz um desenho personalizado pra ele, que é o que cria um diferencial no mercado, né? Mas é uma tendência geral. Hoje em dia é muito difícil você pegar um álbum e fazer aquilo igualzinho, até porque corre o risco do teu cliente sair na rua e dar de frente com dez pessoas com o mesmo desenho, né?”

Segundo o relato dos entrevistados, muitas vezes é necessário um trabalho com cada cliente para seja possível personalizar os desenhos.

“A maioria dos meus trabalhos, graças a Deus, eu consigo ter essa facilidade de personalizá-los, né?! Vamos dizer que eu procuro não persuadir, mas eu procuro sugerir, entendeu?! É, e procuro sugerir de modo um pouco mais enérgico pra ele entender que ele entrou aqui e a gente tem algo diferente pra oferecer. A gente tem artes diferentes, tem coisas diferentes a se oferecer. E isso é um diferencial muito grande, muito grande mesmo, pras pessoas que gostam, não para o modismo.” (Ricardo)

João é mais radical ainda a esse respeito. Muitas vezes recusa trabalhos que ele considera despropositados. Cita a tatuagem de um participante de um reality show que ele julga de má qualidade e se recusou a reproduzir.

“É, por exemplo, cada desenho tem uma vertente, tem uma cultura, tem gente que vê uma pessoa que fez e quer misturar e não fica legal. Não sei se é legal falar ou não, mas teve um desenho, que quando apareceu na mídia, todo mundo queria fazer, era um peixe e não era oriental, com movimentos orientais muito mal feitos. Mas o cara tem, eu tenho que ter também. Só que aquilo ali, pra quem conhece, pra quem gosta, de forma geral, um analfabeto fez aquilo ali, entendeu?! É grosseiro, é ridículo, é horrível, é errado. Não se faz aquilo ali. E a pessoa vem e diz: ‘não cara, é legal!’. Dá vontade de falar com ele: ‘é porque você não entende, são duas culturas diferentes, ou você faz o fundo do mar, ou você faz o desenho oriental, você não pode misturar as duas, não fica legal, ou você faz o fundo do mar no estilo oriental’. Mas não, escuto: ‘não, mas eu quero a foto do tubarão, com movimento de oriental’. Cara, tá errado, entendeu? Quem vê ali, quem gosta, muitos profissionais vão ver e aí, cara, ‘o cara fez isso aqui é idiota, tá errado, não combina’. Entendeu?! Muitas vezes a gente se nega a fazer. Explica pra pessoa. ‘Ahh mas eu quero’. Eu digo: ‘Mas eu não vou fazer, isso aí não é legal, não é’. Estuda, pô! Tem que saber o que tá fazendo. Eu sei que tem que respeitar a idéia da pessoa, mas não é qualquer coisa que eu faço não. Desculpa, mas eu não faço, entendeu?!”

Essa radicalidade de João não é gratuita. Ele já teve experiências negativas por realizar tatuagens nas quais ele já imaginava que não ficariam boas e por insistência dos clientes fez o que pediram. O resultado ficou ruim e para ele se reverteu como má propaganda sobre o seu trabalho. Em suas palavras:

“Vou te falar o que houve, umas duas vezes, eu fiz o desenho que a pessoa pediu. Era desenho livre e eu fiz da forma que eles queriam que eu fizesse, e todo mundo que olhava: ‘Pô, caraca que trabalho horrível’, ‘Pô, foi o João que fez’, ‘Pô cara, esse trabalho não tá legal não cara, tá feio, desenho esquisito’, ‘Pô, foi o João que fez. Aí o cara falou: ‘Pô, a idéia foi minha’, mas não muda o fato de que fui eu quem aceitou fazer e isso me prejudicou um pouco. Depois eu tive que correr atrás. Penei pra poder levantar de novo e hoje os trabalhos que eu fiz me deram clientes e deu esse resultado. Então, quando uma pessoa chega aí hoje... As vezes eu não sei o que elas pensam, sei lá ‘o cara é arrogante’, ‘o cara só faz o que ele quer’. Não, você vê que o desenho não vai ficar legal, então não faço. (...) Negaria sim, hoje. Tem que ter o maior carinho para explicar isso, maior cuidado pra pessoa, você não se passar por arrogante. ‘Pô, o cara é maior marrento cara. ‘Pô, quis o desenho e ele não quis fazer’. ‘Pô, o fulano ali faz’. Pô, eu não faço. Se você deixar eu trabalhar a sua idéia, vai ficar legal. Mas tem gente que não quer, então nego.”

Parece ser freqüente dentre os tatuadores ter certos critérios para definir o que fazem e o que recusam de fazer. Ricardo conta que também já se negou a realizar certas tatuagens e as relaciona a tatuagens que esteticamente não ficariam legais. Além dessas situações que são semelhantes às relatadas por João, Ricardo diz que *“se um rapaz de mais ou menos 18, 19 anos aparecesse aqui e pedisse pra tatuar alguma coisa no rosto, eu não aceitaria. Imagina só, é pedir pra se arrepende. Nessa idade, a gente nem sabe o que quer da vida direito e vai colocar um desenho definitivo no rosto não dá.”*

De modo semelhante, Danilo não faz qualquer coisa que lhe pedem e de forma semelhante a Ricardo recusa-se a fazer uma tatuagem numa jovem de 18, 19 anos. Esta parece ser uma idade crítica aos olhos desses tatuadores. Trata-se de uma idade de transição e incertezas. Talvez se articule com essa idéia a recusa desses tatuadores, prevendo um possível arrependimento posterior.

“Já recusei vários trabalhos. Por exemplo, tatuar o nome do namorado, na parte da frente do pescoço. Agora você vê, outro dia foi uma menina que devia ter dezoito, dezenove anos, lá no estúdio querendo isso. Não tem cabimento. Aparece cada coisa, uma série de idéias esdrúxulas desse tipo. Aí não tem condições, né?!” (Danilo)

Parece ser este um ponto de convergência entre eles. Cada um cria critérios para definir o que é **ético** no seu trabalho, qual a idéia que eles querem passar para seus clientes e

registrar em seus desenhos. De que forma eles serão reconhecidos e indicados. Todas essas questões estão relacionadas a um modo de ser tatuador.

4.2.2.8 Espaço físico, mercado e clientela

Sabe-se que as condições materiais e sociais nas quais a tatuagem ganhou espaço atualmente são completamente diferentes das de alguns anos atrás. Ela deixou de ser uma prática feita à mão e passou a usar uma máquina elétrica o que facilitou o processo no que diz respeito ao tempo que se levava para cobrir uma grande área de pele. Instituiu-se legalmente mediante leis e portarias os aspectos técnicos de higiene e assepsia dos materiais usados. Ela deixou de ser realizada informalmente para assumir uma vestimenta mais técnica, com lojas exclusivas, equipamentos especializados, materiais descartáveis e de qualidade. Todo esse movimento contribuiu para não só a profissionalização dos seus praticantes como também o controle social e a legitimidade e visibilidade que passa a ter perante a sociedade. Paulatinamente a tatuagem perde o caráter marginal que costumava carregar e eleva o tatuador ao status de um profissional.

Todos esses aspectos são considerados importantes pelos tatuadores e a seu ver compõem o cenário para a atuação de um bom profissional. Essa discussão sobre a profissionalização da atividade é bastante complexa e está longe de ser solucionada. O que se pode dizer atualmente é que há determinados pontos que os tatuadores destacam para se identificar profissionais. Depois da habilidade em desenhar, como dito anteriormente, o espaço físico, os equipamentos e os materiais de qualidade são aspectos importantes na execução de um bom trabalho.

Para Ricardo, estar de acordo com as normas de vigilância é essencial. Ele descreve uma série de elementos que podem ser aplicados no ambiente de um estúdio, e que seriam prejudicados em outros ambientes, como um stand de shopping por exemplo.

“Faz muita diferença tatuar num estúdio e num stand de shopping por exemplo. Se você tem um estúdio, hoje você pode adequar o seu estúdio dentro das normas de vigilância. Você tem que ter um ambiente fechado, você tem que ter um ambiente refrigerado, né?! Você tem que ter um limite de pessoas a estar ali dentro desse local. Você tem que ter privacidade com o cliente. Você vai pra dentro de um shopping ou até mesmo um evento, você não tem isso. Você tem um quadradinho de dois metros e meio a três metros, fechado, sem teto, sem

refrigeração, tumulto, poeira... Então, a higiene não é a mesma, não tem como ser a mesma. Num stand no shopping não vai ter o mesmo procedimento que uma sala fechada.”

Essas preocupações estão presentes nas falas dos outros tatuadores, que apesar de terem trajetórias laborais distintas, se encontram em diversos momentos. Danilo conta que quando começou a tatuar não apenas usava o espaço do estúdio, mas que depois de certo tempo passou a ser sua única opção devido à segurança:

“Quando eu comecei a tatuar sozinho, sem ajuda e tal, eu acabava fazendo uma outra tatuagem lá em casa mesmo. Eu fazia também, quando ia pra Saquarema, pra casa da minha mãe. Tinha um pessoal que se amarrava e fazia sucesso lá. Hoje eu vejo que não é assim, sabe?! Pô... não rola mais fazer isso não. Tem uma série de cuidados que não dá pra ter em qualquer ambiente. Por mais que seja a minha casa ou a casa da minha mãe, ela não vai ser limpa do mesmo jeito e com as mesmas coisas que a gente usa no estúdio, entendeu?! Sem contar que eu não tinha autoclave pra esterilizar o equipamento. Então, quando acabava o material, acabava. Só ia poder voltar a fazer na outra semana depois que esterilizasse a parada toda lá no estúdio. É aquela coisa, se eu sou profissional, eu tenho que agir como um. Não posso ficar fazendo tatuagem por aí de qualquer jeito, nem cobrando menos pelo trabalho pelo fato de estar fazendo em casa.”

Danilo toca num assunto delicado quanto à experiência dos tatuadores: início da atividade. Esse início é um momento difícil, pois não há prática, não há indicação, há pouco ou nenhum cliente. Esse quadro os faz lançar mão de certas estratégias para se entrar no mercado, como tatuar em casa e cobrar preços menores. Essas são queixas bastante frequentes dos tatuadores quanto a essa concorrência que consideram injusta. O que atestam é que fazer uma tatuagem não é a mesma coisa em qualquer lugar. Tem informações sobre saúde e qualidade de materiais que não são divulgadas à população. Então, à medida que as pessoas procuram um estúdio ou um tatuador em qualquer outro lugar para consumir esse serviço, elas também procuram preço e se este for o único critério a ser considerado, bons profissionais que se encontram de acordo com as normas, pagam os impostos e alvará de funcionamento perdem clientes e encontram dificuldades para a manutenção do estúdio.

João conta como foi difícil começar a trabalhar seguindo as recomendações da vigilância sanitária, as dívidas contraídas, a dificuldade de se fazer conhecer pela clientela.

“Aí foi assim, minha mãe chorou, meu pai chorou, e aconteceu isso tudo, e quando eu larguei as aulas que eu dava, abandonei a escola, comecei a trabalhar com o João... Eu já fui casado, minha primeira esposa engravidou do segundo filho. Aí que o negócio engrossou. ‘Caramba, não tem nada estável ainda, nem tem cliente. Nem é isso, nesse meio tempo também tinha conhecido o Ricardo. Ricardo me ligou, ‘tem um estúdio maneiro cara, grande, digno de zona sul, você coloca, isso te dá status e clientes, isso tudo e tal’, eu falei: ‘Ricardo, vambora, entendeu? Não tenho dinheiro’. Ele: ‘também não tenho’. Ninguém tem dinheiro. Chamamos o João. Eu fui fazer um bico daqui, um bico dali. Montamos o estúdio com o mínimo que a vigilância pedia pra gente começar a trabalhar. Aí foi difícil, a gente levou 6 meses só pra quitar as dívidas. A gente pegou dinheiro emprestado pra poder montar tudo, entendeu?! Depois de 6 meses, começou a pingar um cliente, pingou outro, pingou um, pingou outro. Veio a convenção, a segunda ganhamos prêmio, a terceira também... Aí, foi quando começou a deslanchar e tamo aí até hoje.”

Esse relato é exemplar quanto a série de exigências para se regularizar o funcionamento do estúdio. Ele requer um investimento financeiro inicial grande, sendo este o motivo pelo qual muitos estúdios se mantêm em condição irregular frente a prefeitura, ou utilizando a própria residência para tal prática. Se para alguns, esse investimento para a legalização não é considerado vantajoso, para outros é sinal de profissionalismo e são diferenciais no mercado.

Ricardo, por exemplo, afirma que a localização do estúdio facilitou a divulgação e deu visibilidade ao trabalho dele e de seus colegas.

“A procura num local comercial é muito maior que numa área residencial, né?! Vamos supor, se eu montasse um estúdio na frente da minha casa, numa área residencial a procura poderia ser menor sim, porque você num prédio, num prédio comercial, no centro comercial como é esse aqui, querendo ou não você tem bastante acesso nos corredores; é acesso as pessoas saindo tatuadas, outras pessoas vendo e perguntando onde é, né?! A gente no início aqui, nós começamos com panfletagem, propagandas, patrocinando shows. Até hoje nós patrocinamos eventos, ou seja a propaganda ela tem que existir. Aí, você, poder fazer uma propaganda numa área comercial eu acho muito mais vantagem.”

Quanto à questão da propaganda, Ricardo apesar de ter se utilizado da panfletagem ele

atesta que a melhor forma de propaganda no meio é a **indicação**. Ele reconhece que todas as formas de divulgação são interessantes, porém a advinda do “**boca-a-boca**” é a mais eficaz.

“A panfletagem, ela não existe mais. A gente não panfleta mais. Nada contra. A panfletagem ela é legal, ela é interessante sim. Sendo que nós, hoje em dia, nós não fazemos mais, graças a Deus. A gente tem o boca-a-boca. Pra gente aqui é bem legal graças a Deus. Nada melhor que a pessoa ver a sua arte na rua gostar e perguntar ‘pô, onde você fez?’ e a pessoa indicar. Obviamente site, propagandas, adesivos, blusas, isso influencia pra caramba. Mas o boca-a-boca ainda é um bom negócio porque a pessoa pode tá perto da outra e ver o trabalho que foi feito, tocar... Então, viu de pertinho, que tá bonito e tudo mais. Então, ela, o interesse se torna um pouco maior. Obviamente no Orkut, numa propaganda, numa coisa assim, pô, auxilia a beça.”

A propaganda pela indicação é declarada como imprescindível para Danilo e para João, assim como é para Ricardo. Elas dão corporeidade, literalmente, ao trabalho realizado.

“A propaganda boca a boca funciona muito, porque você tem o seu trabalho, diferente de um quadro, a pessoa tem um braço inteiro teu e ela pega e viaja e isso funciona bastante, mas a gente tem toda essa coisa de redes sociais: facebook, Orkut, my space, o site mesmo da loja. E funciona muito assim, amigos vão indicando. E a tatuagem é uma arte, ela meio que tem vida própria junto com quem tem a tatuagem. Ela tá em todo canto aí.”
(Danilo)

“O melhor jeito da pessoa chegar aqui é a indicação, é o boca-a-boca. O pessoal vai vendo, vai olhando e vai indicando e vai vindo aqui. A gente já é conhecido por determinados tipos de trabalhos, isso fica mais fácil, entendeu?! (...) E quando a pessoa vem pela primeira vez, quando ela chega, a gente apresenta o estúdio, entendeu? Mostra a forma, como eu vou dizer, apresenta, a pessoa vê que o local é correto, é legalizado, tem bons profissionais trabalhando. Depois a gente mostra os álbuns de fotografia pra poder ver a qualidade do trabalho, entendeu?! Daí, ela decide se ela quer fazer aqui ou não.” (João)

Quanto ao perfil da clientela atualmente recebida por esses profissionais, parece ser diversificada, de modo que não fazem muita distinção quanto a gênero ou idade. O que se ouve é que a tatuagem tem ganhado espaço e conquistado o interesse de pessoas em geral,

sem predominâncias. O que a literatura sobre tatuagem indica (Osório, 2006; Fonseca, 2003; Leitão, 2002) é justamente que há uma predominância feminina nesse público.

Se há algum tempo a tatuagem estava associada a imagem de criminosos, marginais, prostitutas e marinheiros, ela fazia parte de um contexto de forte presença masculina. Com as modificações sofridas nas últimas décadas, esse público se modificou e se associou a prática a algumas “tribos” atingindo principalmente jovens. No entanto, o discurso desses tatuadores destitui essas delimitações.

De fato, a entrevista não incluía pedir os registros da clientela para averiguação deste ponto, a resposta dos profissionais envolvia uma percepção geral sobre o assunto e o que atestam é a diversidade da clientela e dificuldade de delimitar categorias, se fosse o caso.

Para Ricardo, não é possível identificar um perfil que frequenta o seu estúdio.

“O público tá bem variado. Hoje em dia, você não pode, você não consegue mais classificar qual é o pessoal que entra no estúdio. Hoje em dia, tem todas as classes sociais. São homens, mulheres, jovens, velhos, tem médicos, advogados, tem faxineiro, tem de tudo. Então, hoje em dia, todas as áreas. (...)varia muito do dia as vezes entendeu, existe que vem aqui pessoas com mais idade, tem dias que vem pessoas mais jovens, realmente é bem variado”

O mesmo é o que atesta Danilo: *“Hoje em dia todo mundo se tatua: juiz, médico, advogado, tipo, jogador de futebol, artista de teatro, enfim, qualquer um. A gente não sabe quem vai entrar por aquela porta.”*

Se há alguma diferenciação que fazem quanto ao público que recebem, está relacionada ao local onde o estúdio funciona. Um estúdio que funciona na região sul do Rio de Janeiro, próximo a praia, pode receber um número maior de jovens e estrangeiros, por exemplo. Da mesma forma que se o estúdio funciona num centro comercial, há a probabilidade de que recebam pessoas que trabalhem, já tenham iniciado uma carreira, o que João chama de pessoas mais maduras, por exemplo.

“No geral a gente atende a um público bem variado, mas, a gente trabalha aqui num centro comercial, né?! Então, é, vou te falar, é até o pessoal mais maduro que vem aqui. (...) Pessoal já com, como é que eu vou explicar a idade de repente, as pessoas já formadas, já estudaram, já tem família... A maioria, os que vêm aqui no estúdio são essas pessoas que já sabem o que querem que valorizam o nosso trabalho, estão interessados na nossa arte. (...)

Esse pessoal mais velho é um pessoal que já tem interesse em realmente ter algo de qualidade e bonito”

A fala de João remete a um público que inclusive parece sua preferência, aquele que está interessado na arte e que provavelmente não está procurando um estúdio por impulso. Já foi visto anteriormente que os tatuadores costumam ter certo cuidado com pessoas muito jovens, por acreditarem que as intenções e preocupações dessa idade são mais volúveis, e também revelam preferências pelas tatuagens maiores, exclusivas e mais elaboradas.

João cita dentre as pessoas que recebe no estúdio aqueles a quem considera **clientes fiéis**. Essa denominação se destina aquelas pessoas que gostam e reconhecem seu trabalho e o procuram novamente para novos projetos.

“Nós temos nossos clientes fiéis, entendeu?! Começaram com uma pequena, depois querem uma maior. Aí vem fazer fechamento no braço. Hoje o estúdio tem os clientes fiéis, entendeu?! Tem aquele cara certo, que passou por aqui e que indica pra outro, que já viu, gostou. De repente já nem começa com uma menor, de repente já começa fazendo uma grande, entendeu?!”

Normalmente essas tatuagens maiores necessitam de várias sessões e implicam também num maior valor cobrado pelo trabalho, o que torna também mais interessante para os profissionais. Danilo conta que esse tipo de tatuagem era comumente utilizado em homens e faz uma diferença quanto ao tipo de tatuagens escolhidas por mulheres:

“Isso é muito relativo. As mulheres fazem geralmente mais tatuagens e em lugares menores e elas têm sempre uma preocupação se aquilo tá combinando com as roupas que elas usam, com os sapatos que elas usam. E os homens geralmente fazem um número menor de tatuagens, mas fazem tatuagens maiores: costas inteiras, perna inteira, braço, do ombro ao pulso, mas as mulheres também têm se tatuado bastante e no tamanho, esses desenhos têm aumentado muito também.”

Danilo reconhece que há um movimento atual quanto ao aumento de procura de tatuagens desse tipo em mulheres. Para João e Ricardo essa diferença que foi apontada por Danilo já diminuiu consideravelmente nos últimos anos.

“Há seis anos atrás, se você me pergunta isso, quando eu comecei tinha. Mulheres faziam muitas tatuagens pequenas. Hoje em dia, você consegue fazer trabalhos com um diferencial tão grande, tão bonitas, que as mulheres estão fazendo tatuagens grandes. Antigamente eram os homens que faziam mais. Hoje em dia as mulheres estão fazendo trabalhos grandes, nos braços, nas costas, nas pernas, na metade das costas toda, entendeu?!” (João)

“A procura no estúdio tem sido grande e não vejo muita diferença entre homens e mulheres não. Tem até variedade diferente de procura por uma coisa mais moderna, uma coisa mais atual. Querem fazer desenhos em realismo, querem fazer fotos, querem fazer desenhos grandes. É mais bonito sair da mesmice. E as mulheres tem se arriscado a fazer tatuagens maiores. Antigamente a gente via muito em homens, mas agora tá muito parecido. É claro que não dá pra generalizar, cada um é cada um.” (Ricardo)

O que esses tatuadores apontam é uma aproximação e diminuição de diferenças nas questões de gênero quanto ao tamanho da tatuagem. Se antes a tatuagem era bem delimitada a ambientes masculinos e se vinculavam a valores como força, coragem, agressividade, a disseminação da prática e sua captura pelo mercado irradiaram sua apropriação para outros segmentos da sociedade, sem discriminação de gênero. Trata-se de um processo de “desmasculinação” (FONSECA, 2006) que tem implicações nas relações de gênero. As mulheres não apenas são grandes frequentadoras dos estúdios como tem se equiparado quanto ao tamanho das tatuagens escolhidas.

No entanto, ainda se percebe diferenças quanto aos locais do corpo onde a tatuagem é colocada entre homens e mulheres. Estas últimas costumam escolher locais de forte conotação erótica feminina. A tatuagem é um adorno de forte atração sexual, como pés, nuca, parte baixa das costas. Os homens por sua vez, costumam escolher braços e costas, locais que fazem alusão a força e virilidade, atributos fortemente vinculados a masculinidade.

Sabe-se que as diferenças de gênero encontradas são intimamente relacionadas às formas como se percebe o corpo. Ele é uma construção cultural e recebe atributos que fazem essa distinção entre feminino e masculino e o que é depositado como expectativa de comportamento para cada um. Se há bases atualmente para que a mulher em determinados setores esteja equiparada aos homens, o mesmo atravessa o mundo da tatuagem. Não se trata de homogeneizar essas escolhas, mas de apontar uma transição, em que se encontra traços de

escolhas que reafirmam diferenças de gênero e outras que minimizam essas diferenças. Em ambos os casos há bases sociais e culturais que subsidiam essas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a pensar a problemática do corpo e do uso da tatuagem na contemporaneidade levando em consideração o contexto cultural e histórico-político no qual estão inseridos. Para alcançar tal objetivo lançou-se mão de diversas disciplinas, como a história, sociologia, antropologia, psicologia e psicanálise. Estas disciplinas foram articuladas, reconhecendo-se os limites epistemológicos de cada uma, de forma a abarcar a complexidade do corpo e da tatuagem enquanto objetos de estudo.

Procurou-se localizar em determinados recortes históricos o lugar que o corpo ocupava dentro da sociedade e para quais agenciamentos ele era veículo nestes diferentes períodos. Tomando a história como recurso, foi possível notar que muitas representações sobre o corpo foram construídas ao longo do tempo e como muitas delas coexistem ainda hoje. A aposta na

história como ferramenta para esse estudo foi importante para manter uma interrogação e problematização quanto aos dispositivos presentes nesses períodos que constituíram bases para se pensar o corpo na atualidade e os saberes que a ele se dirigem.

Atualmente há uma tendência em tomar o corpo como palco do prazer. Ele encontra-se a serviço de uma auto-realização que comporta as dimensões afetiva, econômica, de bem estar físico e sucesso pessoal (COSTA, 2006). Esse auto-referenciamento gera uma associação entre felicidade, sucesso e prazer. Assim sendo, o corpo é hipervalorizado como sede de acontecimentos e há um imperativo para sua apreciação. Ele passa a “sede do espetáculo”. É neste contexto que nota-se um “boom” de estabelecimentos voltados para a bioestética. Estabelece-se uma “cultura de si mesmo”, onde há exacerbação da estetização física do corpo e no culto a ele. Ele toma dimensões plásticas, que possibilitam sua construção e reconstrução contínua. Nesse contexto, a imagem conquista um lugar privilegiado e a tatuagem, junto a outras práticas de modificações corporais ganharam espaço.

A tatuagem tem conquistado vários adeptos a essa prática nos últimos anos. Essa expansão é notória tendo em vista não apenas as pessoas tatuadas nos círculos de convivência, mas pelo aumento do número de estabelecimentos voltados para essa atividade e a grande atenção que as ciências humanas têm dispensado as problemáticas que envolvem o lugar do corpo na contemporaneidade. Não há como negar que houve uma grande popularização dessa prática no Rio de Janeiro e com isso uma alimentação mútua entre o público e os empreendimentos comerciais.

Sabe-se a partir das evidências da história e da antropologia que a tatuagem durante muito tempo esteve associada à marginalidade, rebeldia e contestação e que ganhou outros significados quando começou a se inserir em novos contextos sociais, conquistando principalmente a classe média. Houve uma passagem de uma concepção de estigma para ser vista e apreciada como forma de expressão, arte e adereço corporal. Não se trata de uma concepção substituir a outra, elas na verdade coexistem. O que de fato acontece é o privilégio de uma em relação a outra em diferentes momentos.

No contexto atual é freqüente ver corpos tatuados em diversos segmentos sociais, sem restrições quanto à idade ou gênero. Esta mudança de perfil é bastante interessante, pois a prática da tatuagem voltava-se para uma clientela masculina e marginalizada. Tempos depois conquistou um público mais jovem, principalmente aqueles envolvidos com os movimentos de contracultura, tomando um caráter mais político e contestador. Mais tarde essa prática vestiu-se de um caráter mais estético, se apresenta como forma de expressão corporal e

conquista a classe média, incorporando possibilidades estéticas melhor aceitas pela sociedade. E assim sendo, vem diminuindo as diferenças no que concerne à idade e gênero.

A linha de questionamento e reflexão desta pesquisa esteve desde o início atrelado a movimentos divergentes quanto à investida na feitura de marcas permanentes e semi-permanentes no corpo sendo que as subjetivações atuais privilegiam as mudanças rápidas, a fluidez, a efemeridade. Haveria, portanto um paradoxo. Por outro lado, a imagem e o tempo imediato são extremamente valorizados. O ato de olhar e a provocação para ser olhado são características de uma estética e espetáculo, partícipes do culto ao corpo tão exacerbado em nossa sociedade.

Se no primeiro agenciamento realizar uma tatuagem vai em direção oposta a das subjetivações atuais, no segundo ela parece estar a serviço delas quanto ao embelezamento e culto ao corpo. Estes são movimentos distintos, que apontam para divergências e convergências do mesmo fenômeno, a realização de tatuagens. Essa dinâmica colocou alguns questionamentos ao longo deste trabalho quanto à captura serializadora do corpo na atualidade e a possibilidade de que o mesmo também esteja a serviço de uma resistência.

Apostou-se neste texto que o corpo não é pura reprodução de subjetividades em voga, e sim que apresenta uma potência criativa. Reconhece-se que o corpo tem sua instrumentalidade social, mas que é lugar de diferentes agenciamentos, de potência criativa e emancipação. Ele é ou pode ser capturado por esse investimento na valorização da imagem, e ser palco para a reprodução de práticas que cultuem a aparência e se restrinja a superficialidade. Do mesmo modo, ele pode fazer frente à efemeridade na atualidade, buscando pontos de ancoragem através de marcas permanentes e semi-permanentes no corpo. Neste último caso, a efemeridade e instantaneidade não são reforçadas, é a durabilidade e a permanência que são evocadas. Além disso, se há um movimento de “fugir” da superficialidade atribuída à aparência, no caso da tatuagem ela se dá na superfície da pele, onde se reforça a atração pelo olhar do outro. A aparência e a superfície continuam em jogo, porém num processo que vai na contramão da cultura da aparência.

Essas diferentes perspectivas indicam que não se pode falar de tatuagem no singular. Há um fascínio sobre o corpo que é aprisionador num sentido, e emancipador em outro. Essas perspectivas coexistem, não sendo, portanto excludentes entre si. Elas só podem ser verificadas à medida que estão encarnadas em sujeitos com histórias particulares e que dão um lugar a tatuagem realizada. Considerar essas dimensões foi possível através das entrevistas realizadas com pessoas tatuadas e com tatuadores. A análise do material, que foi gravado e

transcrito, abarcou as distintas dimensões postas em jogo na escolha envolvida no ato de tatuar-se.

Observou-se na análise do material colhido que as feitura de tatuagem eram em certa medida portadoras de traços biográficos do sujeito que a porta. As escolhas não eram gratuitas. Elas estavam intimamente relacionadas ao momento experienciado pelo sujeito quando a fez. Algumas privilegiavam o sentido particular, do qual a tatuagem era símbolo, outros colocavam em primeiro plano a dimensão estética da tatuagem e o destaque que ela poderia dar a determinados locais do corpo onde estavam situadas. Em ambos os casos, a tatuagem era portadora de significados importantes para aqueles sujeitos e diziam de sua história particular. No entanto, não se trata aqui de polarizar a prática numa dimensão que seja individual e intimista ou de desejo de pertencimento social. As dimensões individual e coletiva estão postas em jogo, não estão dissociadas. Elas fazem parte do processo de ser tatuado.

Os sentidos atribuídos às tatuagens são diversos e nem todas as pessoas apresentam uma clareza quanto a motivação e o que representa. Apesar disso, notou-se uma reivindicação de experiência tátil e sensorial das experiências vividas. Há uma busca pela realidade corpórea dos acontecimentos. É preciso sentir literalmente na pele. Para algumas pessoas, as tatuagens se tornaram recursos mnemônicos e busca de elaboração de certas vivências. Isso aparece mais visivelmente em pessoas com um número maior de tatuagens. O encadeamento dos desenhos escolhidos indicam uma repetição de temáticas intimamente relacionadas a história de vida daquele que as fez. Este fato aponta para um caráter elaborativo, ou pelo menos de tentativa, de certas tatuagens.

Cada tatuagem possui um sentido e seu simbolismo pode ser compreendido na particularidade da história daquele que o fez. Freud (1923) há muito tempo já havia indicado que o Eu é “*corporal*” e a “*projeção de uma superfície*”. Assim sendo, a imagem corporal que cada um tem de si mesmo tem implicações no psiquismo. Se a tatuagem é uma modificação voluntária dessa superfície, é possível afirmar que essa exterioridade da modificação feita tem conseqüências significativas na constituição do sujeito. A tatuagem encarna no corpo um traço singular que faz surgir um novo Eu.

Neste processo entra em jogo inclusive uma certa dominação do corpo e da dor. Esta última está envolvida no processo de feitura da tatuagem, não sendo negada por nenhum dos entrevistados. As descrições foram inúmeras, variando em menor ou maior grau. As experiências descritas deram subsídios para pensar sobre a banalização da dor neste processo. Ela era minimizada em favor da expectativa quanto ao efeito final. É tomada como parte de

um ritual de feitura da tatuagem. Há, dessa maneira, uma vivência sensorial que envolve dor e prazer.

Neste contexto, a psicanálise foi uma ferramenta importante para compreender estes processos. Sendo a tatuagem marcação voluntária no corpo, ela cria novas zonas erógenas e atrai investimentos da ordem da pulsão. Há alguma forma de gozo neste ato. Essa dor no corpo consiste numa descarga pulsional e está marcada pelo gozo. Como este não está relacionado necessariamente a sensações de prazer não há incongruência nessa associação. O sujeito extrai na sua dor um ganho inconsciente e assim sendo, prazer e sofrimento estão atrelados na experiência de gozo.

Outro ponto que pode ser destacado das entrevistas com os tatuados é a dimensão do olhar e relacionado a ele o de mensagem. Independente das motivações envolvidas na feitura de uma tatuagem, o fato é que ela evoca o olhar de um outro, a mostração está a serviço do gozo escópico. Os entrevistados atestaram que algumas tatuagens e os locais onde foram feitas foram escolhidos estrategicamente, de forma a serem exibidas ou escondidas quando fossem convenientes. Há, portanto um endereçamento em jogo nessa mostração e uma mensagem quanto ao que se quer falar de si, ou melhor, mostrar de si. Há um corpo-mensagem, que cada vez menos passa despercebido.

O corpo foi privilegiado como um meio de comunicação e expressão através do qual o sujeito exterioriza seus afetos e interesses. Através da tatuagem a sua história é escrita e inscrita. Não é possível ficar completamente nu, quando se porta uma tatuagem. Ela possui um sentido específico para o momento em que o sujeito a fez. E esse registro se revela e desvela naqueles segundos em que é visto pelos outros. Há uma economia de palavras em jogo, que é consonante com as subjetivações atuais.

As particularidades dos sentidos, escolha de local do corpo para feitura das tatuagens reportam a um cuidado e dá um caráter especial a tatuagem. Este não é um movimento geral, mas foi apontado enquanto uma forte tendência tendo em vista a procura por projetos originais e exclusivos. Esse movimento foi apontado tanto por tatuados quanto pelos tatuadores. Há uma procura de diferenciação por parte dos tatuados e para os tatuadores representa o reconhecimento de seus trabalhos como artísticos e originais. Há uma preferência explícita pelos trabalhos originais. Reproduzir desenhos é minimizar o seu trabalho, a sua potência.

Os profissionais afirmam categoricamente que a tatuagem é uma arte e deve ser respeitada como tal. Tratam da peculiaridade de tomar a pele como tela para seus trabalhos. Esse ponto coloca em pauta a questão quanto a propriedade da obra. É um assunto delicado, pois se a

autoria dos desenhos exclusivos é do tatuador, por outro lado a pele é do cliente, que tem toda a autonomia para fazer o que quiser: mostrar, esconder, inclusive modificar caso assim o queira. A tatuagem é uma arte entre dois – cliente e profissional. Parece haver uma “ética” em que um desenho feito exclusivamente para uma pessoa, assim se mantém, não se repete. Mas parecem fazer questão de registrá-las por fotografias e divulgar nos seus catálogos particulares. O que reivindicam é o reconhecimento de fazer bons trabalhos.

Eles lamentam que sua prática não seja regulamentada como profissão e localizam nos eventos, feiras de exposição e concursos de tatuagem a intenção de aprender, se atualizar, trocar experiências e obter reconhecimento como profissional. Nesses eventos e competições podem divulgar seus nomes e trabalhos, ganhando, dessa forma, visibilidade. Este é um campo que se fortalece pela falta de um quadro institucional que ofereça suporte para esta categoria. Este é um ponto importante para esses tatuadores, uma vez que se esforçam por criar critérios diferenciadores de amadores dos profissionais. Quanto a isso, apontam a preocupação com a legalização dos estúdios, o espaço físico, a qualidade dos materiais, e os cuidados com higiene e esterilização dos materiais. Foi freqüente nas falas colhidas palavras como dedicação e respeito pelo cliente e pela sua pele. Os tatuadores também enfatizaram o estudo, a pesquisa, a qualidade técnica do ato de desenhar.

Como pôde ser visto no decorrer deste trabalho, são muitas as modificações em curso no campo das práticas corporais contemporâneas. Há diversas preocupações com o corpo e a imagem, que são fortalecidos e incentivados por estudos científicos e aprimoramentos técnicos. Apesar de atualmente ser notável o aumento de exigências sobre as pessoas, o imperativo da velocidade e mudanças rápidas, o corpo tem sido investido de técnicas para “retardar” o envelhecimento, mantê-lo bonito, com aspecto jovial. Por um lado, está a serviço de uma preocupação estética e submetido a um mercado que produz essas necessidades, mas por outro, tenta retardar as mudanças. Servindo do mesmo modo a vários senhores, está a tatuagem. Esta ao mesmo tempo em que é capturada pelo valor estético e incentivo mercadológico, que a acomete há alguns anos, também tem sido valorizada pela possibilidade de diferenciação, personalização que a marca confere àquele que a faz.

Este trabalho é apenas um dos inúmeros recortes possíveis para tratar essas problemáticas. Também não houve a pretensão de esgotar este assunto, que é tão amplo e complexo, mas sim a de encaminhar certos questionamentos sobre ele. A tatuagem, dentro de outras práticas de modificação corporal, faz parte de uma dinâmica social mais ampla e que tem implicações importantes na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem”. In.: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org), **Cultura, consumo e identidade**. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2006.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo**, São Paulo: Cosac Naif, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Ed. 70, 1985.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2001.

_____, **O mal-estar da pós-modernidade**, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e Técnica, Arte e Política, ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÍBLIA SAGRADA . Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 1990.

BIRMAN, Joel. **Mal estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Ed. Civilização Brasileira, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Ritos de Instituição. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. EDUSP, 2ª ed., p. 97 – 106, São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Ed. Bertrand Brasil, 1999.

CARRETEIRO, Teresa C. O. C. Pesquisa Trabalho, Valores, Contextos Sociais e Histórias de Vida Intergeracional. **CNPq, 2009**.

_____, Corpo e Contemporaneidade. In.: **Psicologia em Revista**, v. 11, n. 17, p. 62-76, junho, 2005.

_____, Psicossociologia em Exame. In.: LÉVY, A. et al, **Psicossociologia: análise social e intervenção**, Ed Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais – Atualizações do sagrado**. Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, Jurandir F. **A subjetividade exterior**. Disponível em: <<http://www.jfreirecosta.com/subjetividade.html>> Acesso em: 25/09/2010.

DAMBROS, Daniela Dressler; CORTES, Liriana Correa Dalla; JAEGER, Angelita Alice. O Corpo na Idade Média. In.: **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 13 - N° 121 - Junio de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>> Acesso em 21/10/2009.

DARWIN, Charles R. 1871. **The descent of man, and selection in relation to sex**. London: John Murray. Volume 2. 1ª edição. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/content/frameset?viewtype=text&itemID=F937.2&pageseq=1>> Acesso em 26/05/2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Editora Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

DIDIER, Anzieu. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

DURKHEIM, Emile. Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; o suicídio; as formas elementares da vida religiosa. In.: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____, **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização** (vol. 1), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes** (vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENRIQUEZ, E. **Da Horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social**. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Aurélio. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Segunda edição, Século XXI, 2010.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Do renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In.: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (org). **Tribos urbanas: produções artísticas e identidades**. Annablume, São Paulo, 2004.

FONSECA, Andrea Lissett Perez. **Tatuar e ser Tatuado: “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

FONSECA, Andrea Lissett Perez “A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade”. In.: **Mana**, vol.12, no.1, Abril, Rio de Janeiro, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

_____. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Ed Graal, 2006 [1979].

_____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Sao Paulo: Graal, 2007.

FREUD, Sigmund. Considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras históricas e orgânicas (1893). In: **Obras Completas**, Vol. 1, Edição Standard Brasileira. Imago, Rio de Janeiro, 1969.

_____, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras Completas**, Vol. 7, Edição Standard Brasileira. Imago, Rio de Janeiro, 1969.

_____, Introdução ao Narcisismo (1914). In.: **Obras Completas**. Vol 12, Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

_____, Os Instintos e os seus Destinos (1915). In.: **Obras Completas**. Vol 12, Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

_____, Além do Princípio do Prazer (1920). In.: **Obras Completas**. Vol. 14, Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

_____, O ego e o id (1923) In.: **Obras Completas**. Vol. 19, Edição Standard Brasileira. Vol. XIX. Imago, Rio de Janeiro, 1969.

_____, O Mal-estar na civilização (1930). In.: **Obras Completas**. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

FUGANTI, Luiz Antonio. Saúde, desejo e pensamento. In: **Saúde Loucura 2**, Hucitec, São Paulo, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. (D.M. Leite, Trad.) 2ª ed.

Perspectiva, São Paulo, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Ed. Guanabara. Rio de Janeiro, 1988.

GONDAR, Jo. de O., O Trabalho como Objeto Histórico. In: **Revista NUPSO**, 1990.

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**, Zahar Editores, 15ª Edição, Rio de Janeiro, 1979.

KURY, Lorelai; HARGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova Teixeira. **Ritos do corpo**. Ed. SENAC Nacional, Rio de Janeiro, 2000.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In.: **Escritos**. Jorge Zahar, 1998.

_____ (1959-60) O Seminário. Livro 7: **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____ (1964) O Seminário. Livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

_____ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1966). In.: **Escritos**. Jorge Zahar, 1998.

LE BRETON, **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. 3ª ed. Editora Papirus, Campinas, 2008.

LEITÃO, Débora Krischke **À Flor da Pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos**. Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In.: **Microfísica do Poder**. Edições Graal, Rio de Janeiro, 2006.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos**. Rio De Janeiro: Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

MAUSS, Marcel, As técnicas corporais. In.: **Sociologia e antropologia**. EPU, p. 209-233, São Paulo, 1974.

MELO, José Joaquim Pereira; SOUZA, Paulo Rogério de. **A Influência da Religião na organização da Sociedade Grega no processo de transição do Gênos para Polis**.

Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/37/joaquim_37.pdf> Acesso em 16/06/2009.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; NICOLAU, Roseane de Freitas. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. In.: **Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**, v. 13, n. 4, p. 585-598, dezembro, São Paulo, 2010.

ORTEGA, Francisco. **O Corpo Incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Garamond, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mender; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2006.

ORTEGA, F. Modificações corporais e bioidentidades. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 33, p. 247-263, 2004.

_____. Práticas de Ascese Corporal e a Constituição de Bioidentidades. *Cadernos Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.nesc.ufrj.br/cadernos/2003_1/2003_1%20FOrtega.pdf> Acesso em 20/07/ 2009.

OSÓRIO, A. B. Burocracia e Carisma: análise da organização de dois estúdios de tatuagem em um mercado em expansão. In.: **Teoria e Sociedade**, nº 16.1 – p. 48-79, janeiro/junho, 2008.

_____. **O Gênero da Tatuagem**: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro / Andréa Barbosa Osório. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2006. Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, 2006.

PACHECO, Leonardo Turchi. Norbert Elias e Michel Foucault: diálogos sobre poder e sexualidade. In: **Caderno Espaço Feminino**, vol. 21, nº 1, jan/ jul, pp 255- 267, 2009. Disponível em < <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/3698/2712>> Acesso em 24/02/2010.

PRADO FILHO, K. ; TRISOTTO, S. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. In: **Maringá: Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, p. 115-21, 2008.

SANT`ANNA, Denize Bernuzzi de. Corpo e História. In.: **O corpo ainda é pouco**: seminário sobre corporeidade. (Orgs Cabeda et al.), NUC/UFFS, Feira de Santa, 2000.

_____ Transformações do corpo – controle de si e uso dos prazeres. **In: Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas**, 2002.

SEBRAE/RJ, **Primeiro Passo-** Planejamento empresarial, Estúdio de Tatuagem, Rio de Janeiro, 2010.

SENNETT, R. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2ª Ed., Graal, Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, R. N. B.; GARCIA, M. F. **O conceito do trabalho ao longo da história humana.** VII Encontro Nacional de Estudos do Trabalho – ABET, Salvador, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego.** Edusp, São Paulo, 2002.

LEIS E RESOLUÇÕES

ANVISA. Resolução RDC nº 306, de 07 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.unesp.br/pgr/pdf/rdc30604anvisa.pdf>> Acesso em 15/11/2009.

_____ Resolução RDC nº 55, de 06 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.brasilus.com.br/legislacoes/rdc/14313-55.html>> Acesso em 15/11/2009.

_____ Norma Técnica para Estúdios de Tatuagem e Piercing. Disponível em: <<http://www.setap-sp.com.br/tatuadores/normas-e-legislacao/656-anvisa-norma-tecnica-para-studios-de-tatuagem-e-piercing.html>> Acesso em 15/11/2009.

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente – Resolução nº 358, de 29 de abril de 2005, do. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>> Acesso em 15/11/2009.

ALERJ – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Resolução SES nº 2.964, de 03 de março de 2006. Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br>> Acesso em 15/11/2009.

_____ Lei nº 2.487, de 21 de dezembro de 1995. Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br>> Acesso em 15/11/2009. Acesso em 15/11/2009.

_____ Lei nº 2.907, de 25 de março de 1998. Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br>> Acesso em 15/11/2009.

_____ Decreto Estadual nº 35.686, de 14 de junho de 2004, dispõe sobre a organização do Sistema Estadual de Defesa do Consumidor – SEDC. Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br>> Acesso em 15/11/2009.

PREF DA CIDADE DO RJ. O. Resolução Municipal nº 693, de 17 de agosto de 2004. Disponível em: <http://www2.rio.rj.gov.br/governo/vigilanciasanitaria/legislacao/resmunicipal693_04.pdf> Acesso em 15/11/2009.

_____ Lei Municipal nº 4.388, de 28 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/257626/lei-4388-06-rio-de-janeiro-rj>> Acesso em 15/11/2009.

CBMERJ – CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Decreto n.º 35.671, de 09 de junho de 2004. Disponível em: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/legislacoes/Decretos_Estaduais/Dec_Est_N_35671.pdf> Acesso em 15/11/2009.

_____ Decreto n.º 897, de 21 de setembro de 1976. Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico – COSCIP. Disponível em: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=191:legislacao-de-seguranca-contraincendio-e-panico-decreto-no-897-de-210976-e-legislacoes-complementares&catid=12:Informacoes-para-Empresas&Itemid=14> Acesso em 15/11/2009.

Projeto de Lei nº 2.104 de 2007. Disponível em: <<http://www.setap-sp.com.br/tatuadores/legislacao/237-projeto-de-lei-210407-regulamentacao-da-atividade-da-tatuagem-e-piercing-no-pais.html>> Acesso em 15/11/2009.

Código de ética do tatuador/ RJ. Disponível em: <<http://www.tattooilha.com.br/info8.htm>> Acesso em 15/11/2009.

Código de ética do tatuador/ SP - Disponível em: <<http://www.setap-sp.com.br/tatuadores/normas-e-legislacao/46-codigo-de-etica-da-profissao-dos-tatuadores-e-body-piercers-.html>> Acesso em 15/11/2009.

ANEXO I

Estúdio de tatuagem: empreendimento comercial

A tatuagem nas últimas duas décadas vem sendo realizada em condições materiais bastante específicas e estão submetidas a medidas jurídicas, comerciais e sanitárias também específicas. São muitas as preocupações e cada vez mais o público está exigente com a assepsia e legalidade do estabelecimento.

Sendo assim, o SEBRAE/RJ – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – apresenta em cartilha didática todo o procedimento necessário para a legalização de um estabelecimento desse tipo. Ele apóia o desenvolvimento da atividade empresarial de pequeno porte e reúne informações básicas sobre os diferentes aspectos da atividade.

Em linhas gerais, o empreendimento não necessita de um espaço grande para funcionar. A estrutura básica de um estúdio de tatuagem inclui: sala de espera; banheiro; gabinete e/ou box; sala para esterilização dos materiais; escritório / administração; depósito.

Para a legalização do empreendimento é necessário uma consulta prévia do local, busca prévia do nome da empresa e registro do Contrato Social/ Declaração de empresário, inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), inscrição no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), conectividade social certificado eletrônico FGTS, inscrição estadual, alvará de licença para estabelecimento e inscrição municipal, impressão de notas fiscais e autenticação de livros fiscais.

Quanto aos aspectos sanitários, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – tem como finalidade institucional “promover a proteção da saúde da população por intermédio do controle sanitário da produção e da comercialização de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária, inclusive dos ambientes, dos processos, dos insumos e das tecnologias a eles relacionados”. Assim sendo, todos os estabelecimentos que exercem atividades pertinentes à área de alimentação e saúde devem ser inspecionados e licenciados pela autoridade sanitária competente.

Há duas resoluções publicadas pela ANVISA que se dirigem a prática da tatuagem. A primeira é a Resolução RDC nº 306, de 07 de dezembro de 2004. Ela apresenta o regulamento técnico para o gerenciamento de resíduos de serviços de saúde. No segundo capítulo de seu anexo único fica definida a abrangência da resolução e esta especifica

“serviços de tatuagem”. A segunda corresponde a Resolução RDC nº 55, de 06 de agosto de 2008. Esta dispõe sobre o registro de produtos utilizados no procedimento de pigmentação artificial permanente da pele. A lista dos produtos utilizados nestes procedimentos e sua respectiva classificação de risco estão descritos no quadro anexo à referida lei.

Além dessas resoluções, a ANVISA disponibiliza a Norma Técnica para Estúdios de Tatuagem e Piercing. Esta norma técnica foi definida com bases na Lei Federal 8080, que trata das condições para “*promoção, proteção e recuperação da saúde, como direito fundamental do ser humano*” e o Código de Proteção e Defesa do Consumidor, tendo em vista que é direito do consumidor que contrata um serviço esteja protegido e segurado contra os riscos provocados pelo serviço oferecido. Considera também Lei Federal nº. 8.069, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e baseado nele impede que menores de 18 anos realizem tatuagens ou apliquem piercings. Consta na norma técnica a necessidade de conhecimento dos eventos adversos na saúde dos usuários, relacionados aos produtos, materiais utilizados e topografia da aplicação. Faz-se necessário conhecimento específico de técnicas de assepsia e anti-sepsia pelos profissionais envolvidos na execução de procedimentos invasivos como estes, além do fato de que os mesmos expõem os trabalhadores e usuários ao risco de infecções, tais como vírus da imunodeficiência humana – HIV, vírus das Hepatites B e C, dentre outros agentes. Inclui ainda a problemática das indenizações no caso de lesão ou outra ofensa à saúde, baseados nas disposições contidas no Código Penal, art.129 (das lesões corporais), e dos artigos 949, 950 e 951 do Código Civil. Considera que as ações e serviços de saúde são de relevância pública, e estão sujeitos à regulamentação, fiscalização e controle pelo Poder Público, e assim sendo, dirige as Vigilâncias Sanitárias de estados e municípios a responsabilidade de fiscalização e a observação de medidas de biossegurança pelos estabelecimentos que realizam esse tipo de procedimento.

Em âmbito federal, há a Resolução nº 358, de 29 de abril de 2005, do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Neste, assim como a Resolução RDC nº 306 da ANVISA, é abordado o tratamento e a disposição final dos resíduos dos serviços de saúde e fica discriminado o destino final de resíduos como gases, algodão, agulhas, luvas e outros materiais descartáveis utilizados nos procedimentos de tatuagem e piercing.

Em âmbito estadual, a Resolução SES n.º 2.964, de 03 de março de 2006, delega competência para concessão, revalidação e cassação de licença de funcionamento e fiscalização dos estúdios de tatuagem, sujeitos à vigilância sanitária, para as Secretarias

Municipais de Saúde no Estado do Rio de Janeiro, conforme aprovado em reunião da Comissão Intergestores Bipartite – CIB.

Ao que concerne ao município do Rio de Janeiro, há a Resolução Municipal nº 693, de 17 de agosto de 2004. Esta dispõe sobre o licenciamento dos estabelecimentos de interesse para saúde junto à Vigilância Sanitária Municipal. Neste contexto, os estúdios de tatuagem estão incluídos nos estabelecimentos de estética e congêneres, de acordo com avaliação de técnicos da Secretaria Municipal de Vigilância Sanitária.

A Lei Municipal nº 4.388, de 28 de agosto de 2006, aborda as condições de funcionamento dos estúdios de tatuagem e piercing. Os critérios são específicos e o empreendedor deve cumprir integralmente as exigências e adotar as orientações descritas no mesmo.

Ao que se refere à defesa do consumidor, o Decreto Estadual nº. 35.686, de 14 de junho de 2004, dispõe sobre a organização do Sistema Estadual de Defesa do Consumidor – SEDC, estabelecendo as normas gerais das relações de consumo e de aplicação das sanções administrativas previstas nas Normas de Proteção e Defesa do Consumidor, dispostas no Código de Defesa do Consumidor - Lei Federal nº. 8.078 de 11/09/1990 e no Decreto Federal nº. 2.181, de 20 de março de 1997.

(...) Art. 2º Consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final. Parágrafo único. Equipara-se o consumidor a coletividade de pessoas, ainda que indetermináveis, que haja intervindo nas relações de consumo. Art. 3º Fornecedor é toda pessoa física ou jurídica, pública ou privada, nacional ou estrangeira, bem como os entes despersonalizados, que desenvolvem atividade de produção, montagem, criação, construção, transformação, importação, exportação, distribuição ou comercialização de produtos ou prestação de serviços. § 1º Produto é qualquer bem, móvel ou imóvel, material ou imaterial.

§ 2º Serviço é qualquer atividade fornecida no mercado de consumo, mediante remuneração, inclusive as de natureza bancária, financeira, de crédito e securitária, salvo as decorrentes das relações de caráter trabalhista. (...)

A Lei n.º 2.487, de 21 de dezembro de 1995, disponível no site da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, destaca que os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços são obrigados a manter fixado, em local visível, o endereço e o telefone do PROCON – Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor.

No quesito segurança, o Decreto n.º 897, de 21 de setembro de 1976 estabelece o Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico – COSCIP. Está disponível no site da Secretaria de Estado da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. Ele impõe que todas as empresas devem possuir o Certificado de Aprovação do

Corpo de Bombeiros, que será emitido depois que o Laudo de Exigências da Diretoria Geral de Serviços Técnicos (DGST) for cumprido.

O Decreto n.º 35.671, de 09 de junho de 2004, também disponível no site da Secretaria de Estado da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, dispõe sobre a segurança contra incêndio e pânico nas edificações comprovadamente licenciadas ou construídas antes da vigência do Decreto n.º 897, de 21 de setembro de 1976.

Além dessas determinações, há a Lei n.º 2.907, de 25 de março de 1998, disponível no site da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, que estabelece a proibição quanto à aplicação de tatuagem e adornos em menores de idade, que seja feita em estabelecimentos comerciais, com profissionais liberais ou qualquer pessoa que aplique tatuagem ou coloque adornos como brincos, argolas ou alfinetes que perfurem a pele ou partes do corpo humano, ainda que a título não oneroso. Excetua-se apenas a colocação de brincos nos lóbulos das orelhas.

Em tramitação na Câmara dos Deputados em Brasília está o Projeto de Lei nº 2.104 de 2007. Este projeto se propõe a regulamentar a atividade dos estúdios de tatuagem e piercing no Brasil. Esta é uma disputa antiga e que tem sido investida pelo Sindicato dos Estúdios de Tatuagem e Body Piercing do Estado de São Paulo – SETAP/SP. De acordo com o sindicato, o segundo passo será a regulamentação da profissão de Dermopigmentador Artístico (popularmente chamado de Tatuador) e Perfurador Corporal (popularmente chamado de Piercer).

Esta é uma discussão bastante complexa. É legalmente possível abrir um estabelecimento para uma prática que não é reconhecida como profissão oficialmente. Não há nenhuma forma de cadastro dos profissionais, órgão de classe, ou lei que disponha sobre essa profissão. O que existe são cadastros quanto aos estabelecimentos e as exigências quanto à biossegurança do local. Oficialmente não há como diferenciar profissionais ou amadores. A falta de regulamentação da profissão permite que qualquer pessoa possa comprar uma máquina de tatuar e tintas através da internet, por exemplo, se adéque as normas da vigilância, obter o alvará de licença para funcionamento e comece a tatuar. Na mesma direção, não há cursos que estejam habilitados a emitir certificados profissionalizantes, tendo em vista que a regulamentação da profissão ainda está sendo analisada pela câmara dos deputados. Encontram-se facilmente diversas propagandas de cursos de tatuagens, desenhos, estilos, porém seus certificados têm validade apenas na sua especificidade, não tem caráter profissionalizante. Se for o caso de assim se denominar, os certificados emitidos não serão reconhecidos quando aprovada a regulamentação da atividade dos tatuadores profissionais.

Essas têm sido disputas importantes nesse campo. Todas essas leis e resoluções que passaram a regular os estabelecimentos e prática da tatuagem constituem um marco de passagem do que antes era a prática da tatuagem no Brasil para o contexto atual. Ela retrata preocupações com a saúde que acompanham as do contexto social mais amplo.

Parece que o posicionamento legal frente a prática da tatuagem torna oficiais procedimentos que já eram hábitos dentre os profissionais. No município do Rio de Janeiro, foi o Sindicato dos Tatuadores que assessorou (OSÓRIO, 2008) a Prefeitura na formulação das normas que regulamentam os procedimentos. Essa oficialização também está a serviço de diferenciar os profissionais e os amadores, e nesta direção o Sindicato é referendado como a instituição porta-voz dos profissionais da área.

O que se percebe é que a regulamentação da prática pelas instâncias governamentais demonstra uma preocupação da ordem de saúde pública. Esse movimento implica num discurso médico sobre a prática. No entanto, a não regulamentação da profissão acarreta que haja uma fiscalização do estabelecimento e da prática em si identificando “amadores”, porém, não mede a especialização do profissional em termos artísticos, reivindicação dos tatuadores.

Frente ao crescimento desordenado do número de estúdios de tatuagem abertos no Rio de Janeiro, o Sindicato dos Tatuadores no Rio de Janeiro propôs um código de ética³⁰ que contivesse parâmetros básicos para o bom desempenho do trabalho. A idéia era a de um texto inicial elaborado pelo presidente do Sindicato dos Tatuadores e Body Piercers Profissionais do Estado do Rio de Janeiro, Alexandre Oazen, e que os profissionais pudessem opinar e dar sugestões sobre ele de forma a construir coletivamente as proposições do Código.

No entanto, atualmente, parece que este Sindicato perdeu sua força e hoje inexistente. É o Sindicato de São Paulo que tem tomado a frente nas publicações, cadastros e denúncias em âmbito nacional, inclusive. Eles propuseram outro código de ética disponível em seu site³¹.

³⁰ <http://www.tattooilha.com.br/info8.htm>

³¹ <http://www.setap-sp.com.br/tatuadores/normas-e-legislacao/46-codigo-de-etica-da-profissao-dos-tatuadores-e-body-piercers-.html>

ANEXO II

Processo técnico da tatuagem atual, no RJ

Anterior à feitura em si da tatuagem há toda uma preparação do material utilizado. Sabe-se que a máquina de tatuar perfura a pele a cada vez que injeta uma gota de tinta. É também de domínio público que qualquer que seja o tipo de perfuração há um risco potencial de infecção e transmissão de doenças. Sendo assim, antes e durante o processo de tatuar dá-se prioridade à questão da biossegurança. Os tatuadores usam materiais descartáveis e higienização das mãos para se proteger e manter seguros seus clientes.

Como forma de minimizar a possibilidade de contaminação, grande parte dos materiais utilizados são descartáveis, a saber: luvas, agulhas, tintas. É importante que o tatuador abra esses itens na frente de seu cliente antes do trabalho começar. Por outro lado, há os materiais reutilizáveis como o tubo e a barra da agulha, que devem ser esterilizados antes de cada uso.

Todo o procedimento encontra-se especificado na Resolução SMG “N” nº 690 de 30 de julho de 2004. Segundo as regras de segurança, primeiramente realiza-se a limpeza do material. Esta corresponde à retirada de matéria orgânica ou outras sujeiras do instrumental. Utiliza-se água, detergente, desencrostante e esfrega-se. Segue-se o enxágüe, onde acontece a remoção dos resíduos detergentes, desinfetantes e outros através de água potável corrente. Em sequência, elimina-se a umidade com tecido limpo e seco.

Todos os instrumentais devem ser acondicionados em invólucros adequados à técnica empregada, de forma que possam manter sua condição de esterilidade até o momento do uso. No que diz respeito à estufa utiliza-se caixa inox de paredes finas, caixa de alumínio, filme de alumínio. Quanto à autoclave, filme poliamida entre 50 e 100 micras de espessura; papel kraft com pH 5-8; papel grau cirúrgico; tecido de algodão cru, duplo, 160 a 200 fios e 4 camadas; caixa inox com perfuração na tampa e na base, protegida com tecido de algodão.

No que concerne à esterilização a autoclave é o instrumento mais utilizado tendo em vista que consiste num calor úmido, mais penetrante e que requer menor tempo de exposição dos instrumentais em comparação com a estufa, que consiste num calor seco, sendo menos penetrante e exigindo temperaturas mais elevadas e maior tempo de exposição.

Na autoclave, utiliza-se uma unidade de calor/vapor/pressão semelhante à usada em hospitais. A idéia é a de matar todos os organismos presentes nos equipamentos. Há duas

combinações entre tempo, temperatura e pressão usadas para a esterilização desse material segundo as recomendações da ANVISA e Resolução SMG “N” Nº 690 DE 30 de julho de 2004:

- a) uma temperatura de 121 °C sob 10 libras de pressão durante 30 minutos
- b) uma temperatura de 132 °C sob 15 libras de pressão durante 15 minutos

Após esses procedimentos, estoca-se o material em ambiente fechado, limpo e seco – 30 a 60% de umidade relativa do ar, e temperatura não superior a 25° C. Assim, os instrumentos estão aptos para a utilização e em geral tem validade de até 07 dias para esterilização por calor úmido e seco. Normalmente há nos estúdios um profissional responsável pela operação do equipamento de esterilização existente. E é expressamente proibida a abertura do equipamento de esterilização antes do término do seu ciclo de operação. Essa recomendação visa garantir a qualidade do procedimento.

Ao que concerne aos procedimentos inerentes à prática de tatuagem incluem:

- Realizar a lavagem das mãos com água e sabão/detergente, escovando a região entre os dedos e sob as unhas.
- Calçar um par de luvas, vestir avental e colocar máscara, obrigatoriamente descartáveis, de uso único para cada cliente.
- Realizar a limpeza da pele do cliente com água potável e sabão/detergente apropriado e eficaz para esta finalidade.
- Proceder à anti-sepsia da pele do cliente empregando álcool etílico a 70%, com tempo de exposição mínimo de 3 minutos.

A partir daí, a tatuagem pode ser iniciada. Alguns tatuadores desenham diretamente sobre a pele com caneta especial, enquanto outros se utilizam de estêncil para definir a imagem sobre a pele do cliente. Esse cuidado é importante, já que a pele pode esticar quando a máquina de tatuar estiver sendo usada.

As máquinas de tatuar modernas têm diversos componentes básicos: uma agulha esterilizada, um sistema de tubos, por onde passa a tinta, um motor elétrico, um pedal, como aqueles usados em máquinas de costura, que controla o movimento vertical da agulha. É importante o controle sobre a máquina de tatuar para graduar a profundidade da perfuração da

pele. Quando elas são muito profundas, causam dor excessiva e sangramento. Aquelas superficiais causam linhas irregulares. Vale lembrar que os pigmentos são depositados na segunda camada da pele, a derme. As células desta camada são consideradas mais estáveis que as da epiderme – primeira camada. Sendo assim, o equipamento deve estar ajustado na velocidade da máquina, no calibre das agulhas e montagem dos acessórios utilizados na confecção.

O início da tatuagem se dá com o contorno do desenho já decalcado, que corresponde à base do trabalho. As sombras e a coloração são as fases subsequentes. As sombras correspondem ao escurecimento de determinadas partes do desenho, é responsável pela perspectiva, profundidade. Quanto às cores, primeiro empregam-se os tons mais escuros e depois os mais claros.

A finalização se dá com a limpeza local com uma toalha descartável para a retirada de possível sangue ou plasma da região tatuada. Segue-se feitura de um curativo estéril. Normalmente é utilizada uma pomada cicatrizante e colocado plástico filme sobre a tatuagem e esparadrapo para prender o filme à pele. Os clientes recebem orientação quanto ao cuidado subsequente à tatuagem – nos 3 primeiros dias – e cuidados gerais.

Nos três primeiros dias sugere-se lavar o local cuidadosamente com água fria ou morna utilizando sabonete antibacteriano suave ou neutro; secar, sem esfregar, o local batendo a toalha de leve; aplicar pomada antibacteriana; recobri-la com plástico filme. Quanto a este último há divergências entre tatuadores quanto ao seu uso. Para alguns, o seu uso poderia gerar um ambiente propício para a formação de colônias de bactérias e recomendam seu uso nas primeiras 5 horas e depois na hora de dormir para que o líquido eliminado na cicatrização não faça o contato com o tecido do lençol e cole na pele. Por outro lado, há aqueles que a defendem com o argumento de o plástico impede que o excesso de pigmento expelido pelo corpo nos primeiros 3 dias após a feitura da tatuagem endureça na forma de uma crosta. A outra recomendação está associada ao contato da tatuagem recente com tecidos em geral, tendo em vista que a cicatrização faz vaziar linfa e a aderência a tecidos gera o risco de remoção das camadas onde está alojada a tinta podendo gerar falhas nas cores em alguns lugares.

Nos 15 dias subsequentes pede-se para evitar alimentos gordurosos, carne de porco, frutos do mar, comida japonesa e pimentas.

Dentro das recomendações gerais de cuidado com a tatuagem estão: evitar o sol e uso diário de hidratante e protetor solar.

Segundo as recomendações da ANVISA e da Resolução SMG “N” Nº 690 DE 30 de julho de 2004 é expressamente proibida a aplicação de medicamentos anestésicos por via parenteral para esse procedimento e nos gabinetes onde é feita a tatuagem deve haver caixa específica para o descarte dos materiais pérfuro-cortantes.

ANEXO III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de Uso de Imagem e Voz

Eu, _____, portador (a) da célula de identidade nº _____, expedida pelo _____, CPF/MF nº _____, residente na rua _____, **AUTORIZO**, pelo presente instrumento, a utilização de minha imagem e voz com a finalidade de produzir material de pesquisa para Projeto Acadêmico de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense intitulado “À Flor da Pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso de tatuagem”, através de entrevistas gravadas em áudio e fotografias. Permito sua utilização para a execução do próprio trabalho e como forma de divulgação em Encontros, Seminários, Congressos, Simpósios e textos científicos.

Declaro estar ciente de que as fotografias e gravações em áudio não serão utilizadas para nenhum outro fim que não o acima especificado, nem para fins comerciais, sem minha prévia autorização.

Assumo inteira responsabilidade por este ato, isentando por completo a pesquisadora de qualquer responsabilidade, nas esferas civil, penal e administrativa, com expresse reconhecimento de que a mesma fica inteiramente salvaguardada de qualquer reivindicação, judicial ou extrajudicial.

Essa cessão é feita a título gratuito e tem validade a partir da presente data.

Data: ___/___/___

Assinatura

Pesquisadora Luciana da Silva Rodriguez